

5 — Com vista à avaliação da unidade curricular de estágio, o estudante deve elaborar um relatório final baseado no trabalho desenvolvido.

6 — O relatório só poderá ser entregue depois de concluído o estágio.

7 — O relatório só poderá ser discutido depois de o estudante ter obtido aprovação em todas as componentes de formação.

8 — O relatório deverá ser elaborado de acordo com o modelo definido e ser entregue nos serviços académicos sob a forma e no número de exemplares definidos na norma específica da Unidade Orgânica, até à data constante do calendário académico de cada TeSP.

Artigo 8.º

Assiduidade e regime de faltas

1 — Na unidade curricular de estágio, o estudante tem, obrigatoriamente, de cumprir a totalidade das horas que constam do registo do TeSP.

2 — São consideradas justificadas as faltas ao estágio previstas no artigo 12.º do regulamento de frequência e avaliação dos TeSP.

3 — Nos casos em que a ausência ao estágio se prolongue por mais de 10 dias úteis o prazo de duração do estágio suspende-se, retomando-se a contagem na data em que o estudante regressar, tendo que completar as horas previstas de duração do estágio.

Artigo 9.º

Dúvidas e casos omissos

As dúvidas suscitadas na aplicação do presente regulamento e os casos omissos são resolvidas por despacho da Direção da Unidade de Formação Pós-secundária e Profissional, ouvidos os coordenadores de curso.

310709353

INSTITUTO POLITÉCNICO DE SETÚBAL

Regulamento n.º 473/2017

Regulamento das Atividades Académicas e Linhas Orientadoras de Avaliação de Desempenho Escolar dos Estudantes do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS)

Nota Justificativa

O Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, alterado e republicado pelo Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, e mais tarde alterado pelo Decreto-Lei n.º 113/2014, de 16 de julho, atribui ao órgão legal e estatutariamente competente de cada estabelecimento de ensino superior a competência para a regulamentação de diversas matérias de natureza académica.

É objetivo deste Regulamento das Atividades Académicas e Linhas Orientadoras de Avaliação de Desempenho Escolar dos Estudantes do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS), constituir o referencial dos regulamentos, normas e linhas orientadoras do funcionamento da atividade académica das unidades orgânicas que constituem este Instituto.

Dada a sua natureza, para além de incorporar as mais recentes alterações legislativas, procura ser um instrumento unificador e harmonizador dos regulamentos, normas e linhas de orientação gerais em vigor, propondo-se integrar e sistematizar outras normas que ainda não se encontravam regulamentadas e que, pela sua importância, urge regulamentar.

No uso da competência que me é conferida pelo disposto no n.º 1 e alínea c), do n.º 2, do artigo 75.º da Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro (RJES), e pelo artigo 25.º, n.º 1, alíneas n) e o) dos Estatutos do Instituto Politécnico de Setúbal, ouvidos os Diretores, os Conselhos Pedagógicos, os Conselhos Técnico-Científicos, o Conselho Académico, e a Associação Académica deste Instituto, aprovo, após ampla participação e debate institucional, e nos termos previstos nos artigos 98.º do Decreto-Lei n.º 4/2015, de 7 de janeiro (CPA), o Regulamento das Atividades Académicas e Linhas Orientadoras de Avaliação de Desempenho escolar dos estudantes do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS), anexo ao presente despacho e do qual faz parte integrante.

22 de junho de 2017. — O Presidente, *Pedro Miguel de Jesus Calado Dominginhos*.

Regulamento das Atividades Académicas e Linhas Orientadoras de Avaliação de Desempenho Escolar dos Estudantes do Instituto Politécnico de Setúbal

LIVRO I

Linhas orientadoras de avaliação de desempenho escolar dos estudantes do IPS

SECÇÃO I

Objeto e âmbito

Artigo 1.º

Objeto

1 — As Linhas Orientadoras de Avaliação de Desempenho escolar dos estudantes do Instituto Politécnico de Setúbal (IPS), adiante designadas por LOADEE/IPS, visam harmonizar, orientar, clarificar e sistematizar a informação relativa aos procedimentos inerentes ao processo de avaliação dos estudantes do IPS.

2 — As LOADEE/IPS visam promover:

- a) A equidade de oportunidades de avaliação;
- b) A adequação das metodologias e estratégias de avaliação aos resultados de aprendizagem esperados;
- c) A definição das responsabilidades no processo de avaliação;
- d) A disponibilização da informação relativa ao processo de avaliação.

Artigo 2.º

Âmbito

As presentes linhas orientadoras aplicam-se à avaliação do desempenho escolar de:

- a) Estudantes inscritos nos cursos ministrados no IPS;
- b) Estudantes inscritos em unidades curriculares (UC) isoladas e subsequentes dos cursos ministrados no IPS;
- c) Estudantes em mobilidade, a frequentar formações no IPS.

SECÇÃO II

Princípios gerais

Artigo 3.º

Regulamento de avaliação do desempenho escolar dos estudantes

1 — As escolas dispõem de regulamentos específicos de avaliação de desempenho escolar dos estudantes, tendo como referência as orientações presentes neste Livro e as regras expressas no regulamento das atividades académicas do IPS.

2 — Cabe ao Conselho Pedagógico (CP) de cada escola a elaboração e aprovação do regulamento específico de avaliação do desempenho escolar dos estudantes, nos termos da lei.

3 — Cabe ao Diretor de cada escola, em conjunto com os Coordenadores/Diretores de Curso, a implementação do regulamento específico de avaliação do desempenho escolar dos estudantes.

Artigo 4.º

Responsabilidade da avaliação

1 — A definição da metodologia de avaliação em cada UC é da competência do Responsável da Unidade Curricular (RUC), nos termos da distribuição de serviço docente aprovada pelo órgão estatutariamente competente na respetiva escola, dando cumprimento aos regulamentos específicos das escolas.

2 — A metodologia de avaliação carece de aprovação pelo CP e será dada a conhecer aos estudantes no início do período letivo e publicitada no portal, na ficha da UC.

Artigo 5.º

Programa da unidade curricular

1 — O programa da UC é o documento base organizador do processo de ensino aprendizagem.

2 — No programa da UC devem constar:

- a) Carga de trabalho/créditos ECTS;
- b) Língua de ensino;
- c) Corpo docente;
- d) Objetivos de aprendizagem;
- e) Conteúdos programáticos;
- f) Metodologias de ensino/aprendizagem;
- g) Demonstração da coerência dos conteúdos programáticos com os objetivos de aprendizagem da UC;
- h) Demonstração da coerência das metodologias de ensino com os objetivos de aprendizagem da UC;
- i) Metodologia e provas de avaliação;
- j) Regime de assiduidade;
- k) Bibliografia (referências bibliográficas, eletrónicas.);
- l) Observações (outros dados relevantes para o processo de ensino/aprendizagem).

3 — A ficha da UC é composta por todos os elementos referidos no n.º 2 do presente artigo, e deverá estar disponível ao estudante, através do sistema de informação (SI), desde o início de cada período letivo.

SECÇÃO III

Avaliação

Artigo 6.º

Regras gerais

1 — Todas as UC dos Planos de Estudos serão objeto de classificação final.

2 — As classificações de todas as provas de avaliação sumativa, definidas no programa da UC, escritas, ou outras previstas no regulamento específico de cada escola, são expressas na escala de classificação portuguesa.

3 — As classificações finais de todas as UC devem ser publicadas no SI.

4 — Em regulamento específico de cada escola, deverá constar o prazo máximo para divulgação dos resultados de todas as provas de avaliação, que não deverá exceder os 15 (quinze) dias úteis após a realização dos mesmos, não podendo ultrapassar o limite mínimo de 2 (dois) dias antes da prova seguinte dessa UC.

5 — As classificações das provas de avaliação parciais deverão ser arredondadas até às décimas.

6 — As classificações finais da UC são arredondadas às unidades.

7 — Para obter aprovação numa UC, o estudante deve obter uma classificação final mínima de 10 (dez) valores.

Artigo 7.º

Provas de avaliação

1 — Consideram-se provas de avaliação os testes e exames, ou outras definidas no regulamento específico da escola.

2 — O enunciado da prova deve ser redigido em formato digital e, sempre que necessário, a sua impressão deverá ser feita em modelo preconizado pelo IPS devendo ser sempre explicitadas as pontuações das questões apresentadas.

Artigo 8.º

Regimes de avaliação

1 — O regime e metodologia de avaliação deverão estar em concordância com os resultados de aprendizagem definidos na UC e deverão mencionar quais as provas de avaliação obrigatórias e quais opcionais, bem como a sua ponderação na classificação final da UC.

2 — A avaliação do desempenho do estudante comporta duas dimensões distintas e indissociáveis: a dimensão formativa e a dimensão sumativa.

3 — A avaliação formativa visa essencialmente:

- a) Informar o estudante sobre o nível de desenvolvimento das competências que atingiu;
- b) Reforçar os laços de colaboração, confiança e respeito mútuos entre o estudante e o professor pelo conhecimento mais amplo dos seus respetivos estilos de comportamento e expectativas académicas.

4 — A avaliação sumativa visa essencialmente:

- a) Testar as competências evidenciadas pelo estudante na resolução de um problema específico ou na realização de uma tarefa determinada num momento definido do processo;

b) Determinar, com o grau de aproximação objetiva possível, se, num momento dado do seu percurso académico, o estudante é detentor dos conhecimentos, capacidades e atitudes requeridos para a abordagem das tarefas mais complexas que se seguem, num conjunto sequencial coerente com os objetivos enunciados nas diversas componentes curriculares que frequenta.

5 — Em cada UC existirão dois regimes de avaliação: a avaliação contínua, que decorre ao longo do período letivo, e a avaliação por exame, que decorre no final do período letivo, em intervalo de tempo previamente estabelecido no calendário.

6 — A avaliação contínua deve assumir a dimensão formativa e sumativa. A avaliação final assume a dimensão sumativa.

7 — De acordo com o regulamento específico de cada escola, podem existir UC exclusivamente avaliadas através de avaliação contínua.

8 — O estudante tem oportunidade de aprovação a qualquer UC exclusivamente em avaliação contínua, salvaguardando as exceções previstas no regulamento específico.

9 — As datas e épocas de exame têm de estar integradas no calendário académico.

10 — É da responsabilidade do Coordenador/Diretor de Curso articular e coordenar a calendarização do trabalho exigido ao estudante ao longo de cada trimestre/semestre/ano letivo, devendo assegurar a não ocorrência, no mesmo dia, de mais de que uma prova de avaliação de UC pertencentes ao mesmo ano curricular, independentemente da sua natureza.

11 — O Coordenador/Diretor de Curso enviará a calendarização do trabalho exigido aos estudantes ao CP que procederá à sua análise, aprovação e divulgação no SI da respetiva escola.

12 — Caso a calendarização do trabalho proposto não seja aprovada pelo CP, compete ao RUC proceder ao respetivo ajuste, submetendo novamente à aprovação.

Artigo 9.º

Avaliação contínua

1 — A avaliação contínua é o processo que permite aferir o grau de aprendizagem do estudante tendo em conta a sua participação nas atividades da UC, em trabalhos e momentos de avaliação dispersos ao longo do período letivo.

2 — Os momentos de avaliação devem ocorrer nos tempos programados para a UC.

3 — A quantidade de trabalho associada à avaliação contínua e às restantes atividades realizadas deve ter em conta os créditos ECTS da UC.

Artigo 10.º

Avaliação por exame

1 — Existem três épocas de avaliação por exame:

- a) Época Normal ou 1.ª Época, que ocorre após o final do período letivo;
- b) Época de Recurso ou 2.ª Época, que ocorre após a 1.ª Época;
- c) Época Especial, que ocorre após a 2.ª Época do 2.º semestre, destinando-se aos estudantes finalistas.

2 — São ainda disponibilizados exames, a realizar no decurso do ano letivo, aos estudantes detentores de estatutos que os prevejam.

3 — Ao estudante será possibilitado, no mínimo, o acesso a 2 (duas) épocas de avaliação, considerando como tal a Avaliação Contínua.

4 — O acesso a exames de época especial carece de inscrição, em calendário a definir pela Divisão Académica (DA), tendo em conta o calendário das avaliações, estando-lhe associados os emolumentos previstos na Tabela de Emolumentos do IPS.

5 — O estudante pode inscrever-se no máximo a 4 (quatro) exames em época especial a UC a que se encontra inscrito e que ainda não tenha obtido aprovação, não se considerando para a contagem as UC do tipo dissertação/projeto/estágio que o estudante possa ainda não ter obtido aprovação.

Artigo 11.º

Melhoria de classificação

1 — Entende-se por melhoria de classificação a nova submissão à avaliação de uma UC em que o estudante já obteve aprovação.

2 — O estudante pode submeter-se a melhoria de classificação de qualquer UC que tenha realizado com sucesso, por avaliação ou por creditação.

3 — O estudante pode submeter-se a melhoria de classificação, apenas 1 (uma) vez por UC, no máximo a 4 (quatro) por ano letivo, de acordo com o regulamento específico da escola.

4 — A melhoria de classificação poderá ocorrer no ano letivo de inscrição ou no ano letivo seguinte ao de aprovação, em qualquer das épocas de avaliação à exceção de época especial, de acordo com o regulamento específico da escola.

5 — A melhoria de classificação de UC creditadas, pode ser efetuada no ano em que a creditação é atribuída.

6 — O acesso à melhoria de classificação carece de inscrição na DA.

7 — O CTC de cada escola definirá as UC para as quais não se admite a apresentação de pedidos de melhoria.

8 — Não é possível a execução de melhoria de classificação após a solicitação do registo do diploma.

Artigo 12.º

Consulta e revisão da avaliação

1 — Após a divulgação da classificação obtida, o estudante tem direito à consulta da prova de avaliação.

2 — O regulamento da escola deve definir os prazos mínimos e máximos previstos entre a afixação da pauta e a data de consulta da prova de avaliação.

3 — O estudante tem o direito a consultar os testes ou exames, no prazo mínimo de 2 (dois) dias úteis antes da realização da prova seguinte da mesma UC.

4 — Da consulta da prova pode resultar a revisão da classificação.

5 — Em caso de discordância da avaliação, o estudante poderá apresentar, na DA, um pedido de reclamação ao Diretor da Escola.

LIVRO II

Regulamento das Atividades Académicas do IPS

CAPÍTULO I

Disposições gerais

SECÇÃO I

Conceitos e regras gerais

Artigo 1.º

Objeto

O presente regulamento estabelece o conjunto de regras associadas às atividades académicas, aplicáveis aos estudantes que frequentam qualquer tipo de formação do IPS.

Artigo 2.º

Âmbito

1 — O presente documento aplica-se a todas as escolas e estudantes do IPS.

2 — As regras expressas no presente regulamento podem sofrer alterações em situações de cursos em parceria com outras instituições, se autorizadas pelo Presidente do IPS.

Artigo 3.º

Conceitos

Para efeitos do disposto no presente documento, entende-se por:

a) «Acesso ao ensino superior» — modalidades de candidatura ao ensino superior, como previsto para o concurso nacional de acesso, nos concursos especiais ou regimes especiais, para as licenciaturas, ou para os concursos de acesso aos cursos técnicos superiores profissionais (CTeSP);

b) «Ano curricular», «semestre curricular» e «trimestre curricular» — as partes do plano de estudos do curso que, de acordo com o respetivo instrumento legal de aprovação, devam ser realizadas pelo estudante, quando em tempo inteiro e regime presencial, no decurso de um ano, um semestre ou um trimestre letivo, respetivamente;

c) «Ano curricular em que o estudante se encontra» — ano do plano de estudos que o estudante se encontra a frequentar, determinado em função do número de créditos ECTS em que já obteve aprovação;

d) «Anulação de matrícula» — ato pelo qual o estudante procede à desvinculação com o curso e escola, tendo que proceder ao pagamento

de tantos décimos de propina quantos os que decorreram entre a inscrição e a anulação, considerando-se nulos todos os atos académicos praticados naquele intervalo, caso não proceda ao pagamento do valor da propina;

e) «Boletim de Registo Académico» — documento emitido pelo estabelecimento de ensino na qualidade de estabelecimento de acolhimento, com valor legal de certificado dos resultados obtidos

f) «Caducidade de matrícula ou inscrição» — situação que ocorre quando o estudante não executa todas as formalidades associadas à manutenção da matrícula ou inscrição, nomeadamente as formalidades administrativas do processo de inscrição e o pagamento de propinas devidas, quando procede à anulação da matrícula ou quando prescreve;

g) «Carta de curso» — diploma formal que atesta a obtenção do grau de licenciado ou de mestre;

h) «Ciclo de estudos» — formação ministrada pelo IPS e conducente à obtenção de um grau académico (de licenciado ou de mestre);

i) «Ciclo de estudos em funcionamento» — ciclo de estudos que, num dado momento, se encontra acreditado e registado de acordo com a lei em vigor;

j) «Condições de acesso» — condições gerais que devem ser satisfeitas para requerer a admissão a uma formação ministrada no IPS;

k) «Condições de ingresso» — condições específicas que devem ser satisfeitas para requerer a admissão a um ciclo de estudos concreto num determinado estabelecimento de ensino;

l) «Contrato de Estágio» — documento celebrado entre a Escola que ministra o CTeSP, a entidade de acolhimento e o estudante estagiário, previamente ao estágio, elaborado em triplicado, sendo um dos exemplares para cada um dos intervenientes;

m) «Crédito ECTS» unidade de medida do trabalho do estudante sob todas as suas formas, designadamente sessões de ensino de natureza coletiva, sessões de orientação pessoal de tipo tutorial, estágios, projetos, trabalhos no terreno, estudo e avaliação, nos termos do Decreto-Lei n.º 42/2005, de 22 de fevereiro, no designado European Credit Transfer System (ECTS). Conforme definido no IPS, corresponde a 27 horas de trabalho do estudante;

n) «Curso» — conjunto organizado de UC incluído num ciclo de estudos conducente à obtenção de um grau académico ou cursos de técnico superior profissional, de formação pós-graduada ou de curta duração;

o) «Curso com propina especial» — curso cujo valor da propina fixada pelo Conselho Geral sofre alteração pela aplicação de reduções ou descontos, nos termos previstos no presente regulamento;

p) «Curso com propina normal» — curso cujo valor da propina fixada pelo Conselho Geral não sofre qualquer alteração;

q) «Diploma» — Documento emitido na forma legalmente prevista, que comprova a conclusão de um ciclo de estudos conducente a um grau académico, ou da realização de um curso não conferente de grau;

r) «Dossier de Estágio» — documento que contém todo o processo relativo ao estágio, conforme modelo produzido para o efeito;

s) «Duração normal de um ciclo de estudos» — número de anos, semestres ou trimestres letivos em que o ciclo de estudos deve ser realizado pelo estudante, quando a tempo inteiro e em regime presencial;

t) «Entidade de acolhimento» — entidade de reconhecido mérito e idoneidade, na qual se desenvolvam as atividades profissionais associadas ao estágio, na área de formação dos estudantes e que correspondam aos objetivos visados e com a qual se estabeleceu protocolo de estágio;

u) «Escala de classificação portuguesa» — escala expressa através de uma classificação na escala numérica inteira de 0 a 20, conforme estipulado pelo artigo 15.º do Decreto-Lei n.º 42/2005, de 22 de fevereiro;

v) «Estabelecimento de origem» — o estabelecimento de ensino, nacional ou estrangeiro, em que se encontra matriculado e inscrito o estudante em mobilidade;

w) «Estabelecimento de acolhimento» — o estabelecimento de ensino, nacional ou estrangeiro, em que o estudante em mobilidade frequenta parte de um curso superior.

x) «Estágio» — a formação em contexto de trabalho que visa a aplicação dos conhecimentos, aptidões e atitudes adquiridos, contemplando a execução de atividades sob orientação e supervisão, utilizando as técnicas, os equipamentos e os materiais que se integram nos processos de produção de bens ou de prestação de serviços;

y) «Estudante em mobilidade» — o estudante matriculado e inscrito no IPS que realiza parte do curso noutro estabelecimento de ensino superior ou estudante de outra instituição de ensino superior (IES) com autorização de mobilidade (learning agreement) no IPS;

z) «Estudante estagiário» — o estudante devidamente inscrito em CTeSP ministrado por uma Escola do IPS;

aa) «Estudante extraordinário» — estudante que, não estando matriculado num determinado curso ou ciclo de estudos, está inscrito em unidades curriculares isoladas;

ab) «Estudante finalista» — estudante inscrito no último ano do plano de estudos e que pode concluir o curso, caso obtenha aprovação em todas as UC em que se encontra inscrito;

ac) «Estudante regular do IPS» — estudante matriculado e inscrito num dos cursos ministrado pelas escolas do IPS;

ad) «Funcionamento do curso em fase» — ocorre quando o funcionamento dos anos do plano de estudos do curso coincide com o ano letivo;

ae) «Funcionamento desfasado do curso» — ocorre quando o funcionamento dos anos do plano de estudos do curso se reparte por dois anos letivos;

af) «Horas de avaliação» — são o tempo que o estudante despende em trabalho para ser avaliado, quer este seja realizado individualmente ou em grupo, sem a presença do docente;

ag) «Horas de contacto» — são o tempo utilizado em sessões de natureza coletiva, designadamente em salas de aula, laboratórios ou trabalhos de campo, e em sessões de orientação pessoal de tipo tutorial. As horas de contacto implicam a presença de docente;

ah) «Ingresso no ensino superior» — corresponde à entrada pela primeira vez no ensino superior, cumprindo-se as condições específicas para admissão num ciclo de estudos concreto, num determinado estabelecimento de ensino;

ai) «Inscrição» — ato pelo qual o estudante matriculado num ciclo de estudos fica em condições de frequentar a UC em que se inscreve ou ato pelo qual pode frequentar curso de pós-graduação, de curta duração ou, ainda, unidades curriculares isoladas;

aj) «Inscrição para exames» — ato realizado na Divisão Académica (DA), pelo qual o estudante obtém autorização para realizar exame a uma ou mais UC, nas respetivas épocas de avaliação, nos períodos fixados;

ak) «Integração curricular» — processo de creditação do conjunto de UC, seja por creditação da aprendizagem formal, efetuadas no IPS ou em outra IES, ou reconhecimento e validação de competências, detidas pelo estudante, e o seu posicionamento no ano curricular respetivo de acordo com a creditação efetuada;

al) «Licenciatura ou 1.º ciclo de estudos» — ciclo de estudos conducente ao grau de licenciado, com 180 créditos ECTS e uma duração normal de seis semestres curriculares de trabalho dos estudantes, podendo, para o acesso ao exercício de determinada atividade profissional, apresentar 240 créditos ECTS e uma duração normal de sete ou oito semestres curriculares de trabalho, em consequência de normas jurídicas expressas, nacionais ou da União Europeia, ou de uma prática consolidada em instituições de referência de ensino superior do espaço europeu.

am) «Matrícula» — ato pelo qual o estudante, que se candidatou, foi admitido e selecionado, concretiza a sua entrada no IPS, escola e curso respetivos e que dá direito à inscrição, pelo que se realiza simultaneamente com a primeira inscrição;

an) «Mesmo curso» — relativo ao mesmo curso ou a curso que lhe tenha sucedido;

ao) «Mestrado ou 2.º ciclo de estudos» — ciclo de estudos conducente ao grau de mestre, com 90 a 120 créditos ECTS e uma duração normal compreendida entre três e quatro semestres curriculares de trabalho dos estudantes, podendo ter 60 créditos ECTS e uma duração normal de dois semestres curriculares de trabalho em consequência de uma prática estável e consolidada internacionalmente nessa especialidade;

ap) «Mudança de par instituição/curso» — ato pelo qual um estudante se matricula ou inscreve em par instituição/curso diferente daquele(s) em que, em anos letivos anteriores, realizou uma inscrição, podendo ter lugar com ou sem interrupção de matrícula e inscrição;

aq) «Orientação tutorial» — consiste no apoio e acompanhamento científico-pedagógico, por parte de docentes, a estudantes, individualmente ou em pequenos grupos;

ar) «Orientador do estágio» — docente do IPS, da área científica ou área afim do curso do estudante estagiário, sob proposta do Diretor/Coordenador de Curso, em coordenação com o RUC de Estágio;

as) «Outras horas de trabalho do estudante» — incluem as horas de estágio; horas de trabalho no terreno; horas de projeto; horas de estudo; horas de avaliação que são realizadas pelo estudante sem implicar a presença de docente;

at) «Plano de Estágio» — documento onde, entre outros, ficam estabelecidos os objetivos, o plano de trabalho, a duração, a entidade de acolhimento, o orientador do estágio e o supervisor de estágio;

au) «Plano de estudos de um curso» — conjunto organizado de UC em que um estudante deve ser aprovado para (i) obter um determinado grau académico, (ii) concluir um curso não conferente de grau, ou (iii) reunir uma parte das condições para obtenção de um determinado grau académico;

av) «Plano de transição» — conjunto de regras fixadas quando se verifique alteração do plano de estudos de um curso;

aw) «Plano individual de transição» — operacionalização casuística das regras para aplicação ao estudante quando se verifica alteração do plano de estudos de um curso;

ax) «Pós-graduação» — curso autónomo, não conferente de grau, composto por um conjunto organizado de unidades curriculares, com

até 60 créditos ECTS e duração máxima de dois semestres curriculares de trabalho dos estudantes, e cujo acesso preferencial seja destinado aos titulares de licenciatura;

ay) «Pré-requisitos» — condições de natureza física, funcional ou vocacional com conteúdo previamente fixado e que assumem relevância determinante para acesso a determinados cursos, conforme decisão da escola;

az) «Protocolo de Estágio» — documento celebrado entre a Escola que ministra o CTeSP e a entidade de acolhimento, previamente ao estágio, que estabelece as bases de acolhimento dos estudantes estagiários em ambiente empresarial na instituição;

ba) «Provas M23» — prova especialmente adequadas destinadas a avaliar a capacidade para a frequência do ensino superior dos maiores de 23 anos;

bb) «Regime de estudante a tempo integral» — regime em que o estudante se inscreve, no ano letivo, ao número de créditos ECTS previsto nas regras de inscrição e transição de ano;

bc) «Regime de estudante a tempo parcial» — regime em que o estudante, por opção sua, se inscreve, no ano letivo, a um número inferior de créditos ECTS aos que tem direito, conforme regras definidas no capítulo VII, secção II, subsecção IV, do presente regulamento;

bd) «Regime de precedências» — regime que estabelece as condições em que a inscrição numa ou mais UC de um determinado plano de estudos está condicionada pela obtenção de aproveitamento em UC anterior(es);

be) «Regime de prescrições» — regime que fixa as condições que impedem a realização de nova matrícula ou inscrição em consequência de ter ultrapassado um limite máximo definido;

bf) «Registo de curso ou grau» — documento formal que atribui, por ordem sequencial, a conclusão de um ciclo de estudos conducente a um grau académico, ou da realização de um curso não conferente de grau;

bg) «Registo de Presenças Diárias» — minuta onde são assinaladas as presenças diárias e as ausências ao serviço, nos estágios;

bh) «Reingresso» — ato pelo qual um estudante, após uma interrupção dos estudos num determinado curso e escola do IPS, se matricula na mesma escola e se inscreve no mesmo curso ou em curso que lhe tenha sucedido;

bi) «Relatório de Avaliação» — Documento, a preencher pela entidade de acolhimento, onde é efetuada a avaliação do desempenho do estudante estagiário, no decurso do estágio;

bj) «RUC de Estágio» — Responsável pela unidade curricular de estágio. Caso não seja definido pela Escola será o Diretor/Coordenador de Curso;

bk) «Supervisor do estágio» — Elemento designado pela entidade de acolhimento, o qual será responsável pela supervisão e acompanhamento do estudante estagiário na respetiva entidade.

bl) «Suplemento ao diploma» — documento complementar do diploma que descreve o sistema de ensino superior português e o seu enquadramento no sistema educativo à data da obtenção do diploma; caracteriza a instituição que ministrou o ensino e que conferiu o diploma; caracteriza a formação realizada (grau, área, requisitos de acesso, duração normal, nível) e o seu objetivo; fornece informação detalhada sobre a formação realizada e os resultados obtidos;

bm) «Suspensão de matrícula» — ato pelo qual um estudante procede à interrupção de estudos, tendo que efetuar um pagamento de pelo menos tantos décimos de propina quantos os meses que decorreram entre a inscrição e a suspensão, em valor igual ou superior à propina mínima, ficando válida a matrícula no ano letivo, bem como todos os atos académicos nele praticados;

bn) «Transição de ano» — referente à mudança, para o ano curricular seguinte, de acordo com o plano de estudos, em função do número de créditos ECTS aprovados;

bo) «Unidade curricular» — unidade de ensino com objetivos de formação próprios que é objeto de inscrição administrativa e de avaliação traduzida numa classificação final (substitui o anterior conceito de disciplina).

bp) «Unidade curricular em atraso» — unidade curricular de um ano do plano de estudos inferior àquele em que o estudante se encontra inscrito, a que ainda não obteve aprovação.

Artigo 4.º

Acesso

1 — As vias normais de acesso aos cursos de licenciatura seguem as normativas em vigor, do regulamento que disciplina o concurso nacional de acesso e ingresso no ensino superior público.

2 — Os concursos especiais e os regimes especiais de acesso aos cursos de licenciatura seguem o previsto, respetivamente, no Decreto-Lei n.º 113/2014, de 16 de julho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro, e no Decreto-Lei n.º 393 A/99, de 2 de outubro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 272/2009, de 1 de outubro.

3 — O acesso aos cursos de licenciatura pode ainda ser efetuado através do regime de mudança de par instituição/curso e reingresso, o qual é regulado pela Portaria n.º 181 D/2015, de 19 de junho, alterada pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro.

4 — O acesso aos cursos de licenciatura pode ainda ser efetuado através do concurso especial de acesso e ingresso para estudantes internacionais, o qual é regulado pelo Decreto-Lei n.º 36/2014, de 10 de março.

5 — O acesso aos CTesP e mestrados rege-se pelos termos definidos pelo Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, alterado pelo Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, e pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro.

6 — O acesso a pós-graduações e cursos de curta duração regem-se pelos termos definidos no presente regulamento.

7 — O acesso aos CTesP pode ainda ser efetuado através do regime de mudança de par instituição/curso e reingresso, regulados nos termos do presente regulamento.

8 — O acesso aos mestrados pode ainda ser efetuado através do regime de reingresso, regulados nos termos do presente regulamento.

Artigo 5.º

Matrícula e inscrição

1 — Os candidatos colocados através dos procedimentos concursais de acesso aos cursos ministrados no IPS deverão proceder à matrícula e inscrição, nos prazos fixados anualmente pela regulamentação nacional, no caso do Concurso Nacional de Acesso ao Ensino Superior, ou nos prazos estabelecidos pelos calendários do IPS ou pelos editais dos concursos.

2 — Até à conclusão do curso e dentro dos prazos anualmente estabelecidos pelo IPS, os estudantes terão de proceder à inscrição anual, a qual apenas se considera concretizada após a inscrição nas UC, o pagamento da taxa de inscrição e de, pelo menos, a primeira prestação da propina associada ao curso.

3 — As matrículas e inscrições realizam-se na DA do IPS, presencialmente ou online.

4 — Em caso de transição de ano, o estudante pode inscrever-se em todas as UC do ano para o qual transitou e a todas as UC a que ainda não tenha obtido aprovação, salvaguardando as regras do regime de precedências, não sendo obrigatória a inscrição nas UC em atraso.

5 — Se da regra anterior resultar a inscrição num número de créditos ECTS inferior a 60, nos cursos em regime diurno/pós-laboral, ou ao número de créditos ECTS do ano do plano de estudos em que o estudante se inscreve, nos cursos em regime noturno, ser-lhe-á ainda permitida a inscrição na(s) UC com menor número de créditos ECTS, de entre as do ano seguinte do plano de estudos, que lhes possibilite a inscrição naquele número de créditos, salvaguardando as regras do regime de precedências.

6 — Quando o estudante não transita de ano, pode inscrever-se em até 60 créditos ECTS, nos cursos em regime diurno/pós-laboral, ou em até ao número de créditos ECTS do ano do plano de estudos em que se inscreve, nos cursos em regime noturno.

7 — Na aplicação da regra expressa no número anterior será salvaguardado que o estudante que não transita de ano pode, caso pretenda:

a) Inscrever-se apenas às UC que tem por aprovar do ano em que se encontra inscrito e dos anos anteriores do plano de estudos, não sendo obrigatória a inscrição nas UC em atraso;

b) Inscrever-se a um número de créditos ECTS do ano seguinte do plano de estudos, salvaguardando as regras do regime de precedências, cujo total não exceda a diferença entre o número de créditos expresso no número anterior e o total de créditos das UC que tem por aprovar do ano em que se encontra inscrito e dos anos anteriores do plano de estudos.

8 — Podem ser admitidos estudantes extraordinários com vista à frequência de UC isoladas e subsequentes, em máximos de créditos ECTS por ano letivo e por curso, e condicionados às regras de acesso existentes em cada curso, de acordo com o definido no capítulo IV.

9 — Os candidatos referidos no número anterior têm um prazo improrrogável de 4 (quatro) dias úteis a contar da receção da notificação, para proceder à matrícula e inscrição.

10 — O estudante pode proceder ao acerto da sua inscrição até 15 (quinze) dias após o início das aulas de cada semestre, estando isento de taxas.

11 — Concluído o período de matrícula e inscrição associados aos procedimentos concursais desenvolvidos no IPS, caso algum candidato colocado desista expressamente da mesma ou não compareça para a sua realização ou ainda caso algum dos candidatos colocados condicionalmente não supram as condições exigidas, a DA convocará, por correio eletrónico e no prazo de 3 (três) dias úteis, o candidato seguinte não colocado, respeitando a ordem de seriação, até esgotar as vagas ou os candidatos.

12 — Concluídas as matrículas e inscrições, a DA procederá à verificação da inscrição de todos os estudantes, corrigindo todas as situações que não obedecerem ao estipulado no presente artigo e no seguinte, notificando o estudante através de correio eletrónico enviado para o endereço institucional.

Artigo 6.º

Transição de ano

1 — Considera-se que um estudante transita de ano quando tiver realizado, com sucesso, um número total de créditos igual à soma dos créditos ECTS do(s) ano(s) anterior(es) do plano de estudos, àquele em que se encontra, adicionado a um valor, a fixar pelo CTC de cada escola, compreendido entre 60 % ECTS_i a 75 % ECTS_i, sendo ECTS_i o total de créditos ECTS do ano do plano de estudos em que o estudante se encontra inscrito.

2 — Para os cursos diurnos e pós-laborais, em que os anos dos planos de estudos apresentem 60 créditos ECTS, a regra de transição de ano é a expressa na tabela 1.

Tabela 1

Total de ECTS a obter aprovação para transitar de ano em curso diurno e pós-laboral

Ano	Total de créditos ECTS para transição de ano em cursos de 60 ECTS anuais
1	36,0 a 45,0
2	84,0 a 105,0
3	144,0 a 165,0

3 — Para os cursos noturnos de Contabilidade e Finanças, da ESCE, de Engenharia Civil, da ESTB e de Tecnologia e Gestão Industrial, da ESTS, em que os anos dos planos de estudos apresentam um número de créditos ECTS inferior a 60, as regras de transição de ano encontram-se expressas nas tabelas 2 a 4, respetivamente.

Tabela 2

Total de ECTS a obter aprovação para transitar de ano, no curso de licenciatura em Contabilidade e Finanças, regime noturno

Ano	Total de créditos ECTS para transição de ano em cursos de 60 ECTS anuais
1	36,0 a 45,0
2	84,0 a 105,0
3	144,0 a 165,0

Tabela 3

Total de ECTS a obter aprovação para transitar de ano, no curso de licenciatura em Engenharia Civil, regime noturno

Ano	Total de créditos ECTS para transição de ano
1	31,0 a 38,5
2	81,5 a 88,5
3	125,0 a 131,0

Tabela 4

Total de ECTS a obter aprovação para transitar de ano, no curso de licenciatura em Tecnologia e Gestão Industrial, regime noturno

Ano	Total de créditos ECTS para transição de ano
1	25,0 a 31,5
2	67,0 a 73,5
3	114,0 a 121,5

Artigo 7.º

Precedências

O elenco das UC de cada curso, sujeito ao regime de precedência, é definido pelo CTC de cada escola, por proposta do órgão ou com base em proposta do Coordenador/Diretor do Curso, e carece de parecer do CP.

Artigo 8.º

Taxas

Pelas seguintes atividades são devidas taxas, estipuladas através da tabela de taxas e emolumentos do IPS:

- a) Emissão de documentos (cartas de curso, diplomas, certidões, certificados, etc.);
- b) Candidatura a concursos de acesso, bem como a inscrição nas provas que os mesmos exijam;
- c) Matrícula/inscrição nos cursos;
- d) Creditações, integrações curriculares e reconhecimento e validação de competências;
- e) Inscrição em exames de melhoria, de época especial e exames associados aos estatutos estudantis, entre outros;
- f) Reclamações e recursos.

Artigo 9.º

Avaliação de conhecimentos

A avaliação de conhecimentos das UC que compõem os cursos rege-se pelo regulamento geral de avaliação aprovado pelo CP da escola que as ministra, no respeito das linhas orientadoras de avaliação de desempenho escolar dos estudantes do IPS, que constituem o Livro I do presente documento.

Artigo 10.º

Regime de assiduidade

Nas UC com avaliação contínua a presença num número mínimo de aulas pode ser obrigatória, de acordo com o regulamento de avaliação da escola.

Artigo 11.º

Relatório da Unidade Curricular

No final do período letivo em que a UC funcionou, cabe ao RUC a elaboração do Relatório da UC, de acordo com as regras estabelecidas no manual de Qualidade do IPS.

Artigo 12.º

Reclamações

1 — Os interessados podem apresentar reclamação, devidamente fundamentada, sobre todos os atos diretamente relacionados com a sua atividade no IPS, no prazo de 3 (três) dias úteis a contar da comunicação da respetiva decisão final.

2 — No caso de procedimentos concursais que envolvam provas, os candidatos poderão consultá-las, em data a afixar no calendário, na escola a que se candidatam e junto dos Presidentes de Júri, previamente à apresentação da reclamação e mesmo que não a formalizem.

3 — A reclamação é apresentada na DA e está sujeita ao pagamento da taxa fixada na tabela de taxas e emolumentos em vigor, a qual será devolvida sempre que a reclamação seja deferida.

4 — Para a formulação da reclamação relativa a provas de avaliação das UC, o IPS facultará a consulta da mesma, em data a combinar, nos 10 (dez) dias subsequentes à data do pedido, acompanhada do enunciado e dos critérios de correção aplicados.

5 — As reclamações que impliquem a reapreciação de provas serão analisadas por um júri, nomeado especialmente para o efeito de acordo com regulamento específico de cada Unidade Orgânica

6 — O júri elaborará uma proposta de decisão relativamente à nova classificação a atribuir à prova, a qual pode ser inferior à inicial, tendo por base a reclamação apresentada, o enunciado e os critérios de correção aplicados e ainda o parecer elaborado pelo responsável pela correção da prova.

7 — O júri procede ainda à reavaliação do posicionamento do estudante, em caso de procedimento concursal.

8 — A decisão sobre a reclamação compete ao Presidente do IPS, ouvido o júri respetivo, sendo notificada ao reclamante por correio eletrónico, no prazo máximo de 20 (vinte) dias úteis.

9 — Em caso de alteração de classificação de uma prova, no âmbito de um processo de reclamação, prevalece a nota da reapreciação, ainda que esta seja inferior à inicialmente afixada.

10 — No caso da reapreciação da prova originar uma classificação superior à inicialmente atribuída será devolvida, a pedido do estudante, a taxa paga para requerer a reapreciação.

11 — Os candidatos a concursos de acesso cuja reclamação seja deferida devem efetivar a matrícula e inscrição no prazo máximo de 4 (quatro) dias úteis a contar da receção da notificação.

12 — São liminarmente indeferidas as reclamações não fundamentadas, bem como as não apresentadas nos prazos fixados.

Artigo 13.º

Média final de curso

1 — Para as formações ministradas no IPS, desde que organizadas em créditos ECTS, as médias finais são calculadas com recurso à seguinte expressão:

$$\text{Media Curso} = \frac{\sum_{i=1}^n \text{ECTS}_i \cdot \text{CFUC}_i}{\sum_{i=1}^n \text{ECTS}_i}$$

Em que ECTS_i representam os créditos ECTS da UC_i e CFUC_i a classificação final nessa mesma UC.

2 — Para efeitos do cálculo da média do curso, as UC creditadas sem classificação não são consideradas.

Artigo 14.º

Cursos em parceria entre escolas do IPS

1 — Todos os processos de natureza administrativa ficam centralizados no sistema informático de uma das escolas.

2 — Os restantes procedimentos regem-se pelos regulamentos da escola a que o curso fica atribuído.

3 — As decisões de natureza científica referentes à aprovação dos temas e dos orientadores (mesmo no caso de reingresso), em cursos de mestrado, são repartidas entre as escolas em parceria, de acordo com o vínculo dos respetivos docentes, cabendo à Coordenação/Direção de Curso efetuar a devida articulação.

4 — O despacho de nomeação do júri para a prova pública, em cursos de mestrado, fica sob a responsabilidade do Diretor da escola a que pertence o docente orientador, mediante proposta do CTC da mesma escola, sendo enviada informação ao(s) Diretor(es) e CTC da(s) outra(s) escolas.

SECÇÃO II

Disposições gerais relativas a procedimentos concursais

Artigo 15.º

Calendário

1 — Anualmente, por despacho do Presidente do IPS ou por Edital, é fixado o calendário de acesso às vagas dos concursos de acesso aos cursos ministrados no IPS.

2 — O calendário incluirá:

- a) A data de fixação das vagas e dos critérios de seriação;
- b) O prazo de apresentação das candidaturas, o qual deverá ser tornado público com pelo menos três meses de antecedência face ao seu início;
- c) O prazo de realização das provas, quando aplicável;
- d) A afixação dos resultados das candidaturas, no portal do IPS e da respetiva escola;
- e) O prazo para a apresentação de reclamações aos resultados das candidaturas e das provas, se aplicável;
- f) O prazo de decisão sobre as reclamações;
- g) O prazo para matrícula e inscrição dos candidatos colocados.

3 — Os prazos fixados são divulgados no portal do IPS e das escolas, sendo os referentes aos cursos de licenciatura comunicados à DGES.

Artigo 16.º

Júris

1 — Os júris associados aos procedimentos referidos no presente regulamento são nomeados pelo CTC da escola que ministra o curso a que o estudante se candidata ou se encontra inscrito.

2 — O júri é constituído por um presidente e, no mínimo, dois vogais.

3 — No caso de processos de Reconhecimento e Validação de Competências, o Presidente do júri é o representante permanente de cada escola na Unidade de Desenvolvimento, Reconhecimento e Validação de Competências, do IPS (UDRVC-IPS), sendo os vogais por si propostos ao CTC de cada escola, em função da natureza e da especificidade da(s) UC de cada candidatura.

4 — A organização interna e funcionamento dos júris são da competência dos mesmos.

5 — O júri pode propor ao respetivo CTC a cooptação dos vogais considerados necessários para o desenvolvimento das suas atividades.

6 — De todas as reuniões do júri serão lavradas atas contendo as suas deliberações.

7 — Ao júri de procedimentos concursais compete analisar, admitir, excluir e seriar as candidaturas, de acordo com as regras de cada procedimento, elaborando a respetiva lista de colocação, a ser submetida a parecer do CTC e do Diretor da escola e homologada pelo Presidente do IPS.

8 — Ao júri compete, igualmente, realizar as provas orais aos candidatos, se exigidas pelo procedimento.

9 — Nos procedimentos concursais que envolvam provas de seleção, compete ao júri:

a) Assegurar o funcionamento das provas de seleção, designadamente:

i) Elaborar a prova tipo e a prova de seleção;

ii) Definir os critérios de avaliação das provas, os quais são afixados, conjuntamente com a prova tipo, em cada escola e divulgados no portal do IPS até 5 (cinco) dias úteis antes da realização das mesmas;

iii) Proceder à admissão das inscrições, verificando a admissibilidade das mesmas;

iv) Organizar a realização das provas, assegurando que os candidatos presentes constam nas listas de admitidos;

v) Recolher informação relativa a desistências e anulações;

vi) Avaliar as provas, atribuindo-lhes uma classificação.

b) Proceder à ordenação final dos candidatos, após conhecimento do resultado das provas de seleção, e submeter as atas à aprovação dos órgãos competentes.

10 — Nos procedimentos concursais, compete, igualmente, ao júri analisar e decidir sobre eventuais reclamações e propor a abertura de vagas suplementares, caso necessário e quando aplicável.

11 — Ao júri compete, igualmente, decidir sobre a realização de entrevistas aos candidatos, bem como executá-las.

12 — De acordo com o Código do Procedimento Administrativo em vigor, os membros do júri que integrem o CTC, não poderão participar nas votações associadas a decisões dos respetivos júris.

13 — Nos processos que envolvam a análise de candidaturas, compete ao júri a proposta quanto ao ano curricular em que os estudantes colocados serão integrados e respetivas creditações.

14 — Nos procedimentos concursais, caso o número de candidatos admitidos seja inferior ao número de vagas, o júri pode dispensar a seriação, sendo os candidatos apresentados por ordem alfabética.

15 — O resultado das creditações, se divulgado posteriormente à seriação dos candidatos, nomeadamente dos candidatos colocados por ocupação de vagas sobranças, será apresentado até 15 (quinze) dias seguidos após a data de fim do período de matrículas.

Artigo 17.º

Desempate em procedimentos concursais

1 — Sempre que dois ou mais candidatos em situação de empate disputem a última vaga de um determinado curso, o Diretor da escola que o ministra pode propor ao Presidente do IPS a admissão de todos os candidatos nessa posição, ainda que para tal seja necessário criar vagas suplementares.

2 — No caso dos cursos técnicos superiores profissionais, a criação de vagas suplementares apenas é possível desde que não seja ultrapassado o número máximo de estudantes a admitir em cada ano letivo, aprovado no processo de registo.

3 — Sem prejuízo do disposto no n.º 1 do presente artigo, o júri poderá considerar um dos seguintes fatores de desempate:

a) Exercício de atividades relacionadas com a área científica do curso a que se candidata ou no âmbito da cidadania, devidamente comprovado;

b) Residência ou local de trabalho no concelho onde é ministrada a formação, devidamente comprovada,

c) Residência ou local de trabalho no distrito onde é ministrada a formação, devidamente comprovados;

d) Resultados de uma entrevista.

Artigo 18.º

Indeferimento liminar e exclusão de candidaturas

1 — Serão liminarmente indeferidas, pela DA, as candidaturas que se encontrem nas seguintes situações:

a) Não sejam efetuadas e submetidas nos termos e prazos fixados;

b) Não tenha sido efetuado o pagamento das respetivas taxas;

c) Sejam efetuadas por candidatos que se encontrem com a inscrição prescrita no ensino superior;

d) Sejam efetuadas por candidatos com quaisquer dívidas para com o IPS.

2 — São excluídos, pelo júri dos procedimentos, os processos de candidatura que:

a) Não apresentem os documentos exigidos;

b) Não satisfaçam uma qualquer das condições de acesso fixadas.

3 — Em caso de indeferimento liminar ou exclusão de candidaturas, os candidatos são notificados, pela DA, por correio eletrónico, até 5 (cinco) dias após o término do período de candidaturas.

Artigo 19.º

Decisão final dos concursos

1 — A decisão final, homologada pelo Presidente do IPS, exprime-se através dos seguintes resultados:

a) Colocado;

b) Colocado condicionalmente;

c) Não colocado;

d) Excluído.

2 — Os processos de candidatura que não apresentem a totalidade dos documentos exigidos e desde que os mesmos não sejam determinantes para a seriação dos candidatos, podem conduzir à colocação condicional, pelo júri.

3 — A decisão final, contendo a lista de candidatos classificados de acordo com o n.º 1, por curso e contingente, é publicitada pela DA no Portal do IPS e da respetiva escola, de acordo com o calendário do concurso.

4 — Caso algum candidato colocado não se matricule, será aplicado o procedimento referido no n.º 10 do artigo 5.º

5 — À exceção dos casos referidos no n.º 7 e seguintes, do presente artigo, a decisão de colocação condicional transforma-se em exclusão, caso a condição que conduziu àquela decisão não seja suprida até ao final do período de matrículas.

6 — Os candidatos colocados condicionalmente, que não reúnam os requisitos até ao fim do período de matrículas, serão automaticamente considerados candidatos em fase seguinte do concurso, caso ocorra.

7 — Caso um candidato apresente candidatura a mais que um curso e seja colocado no curso que constituiu a sua primeira opção, é considerado excluído nos restantes cursos a que apresentou candidatura.

8 — Caso o curso em que o candidato é colocado não reúna as condições para a entrada em funcionamento, o candidato é colocado condicionalmente.

9 — Na situação do número anterior, se o candidato apresentou candidatura a outro curso e nele fique colocado, e ocorram ainda fases posteriores de candidatura, pode tomar uma das seguintes decisões:

a) Matricula-se no curso em que ficou colocado, no período estabelecido para o efeito, não podendo solicitar a mudança de curso, no ano letivo de matrícula, caso o curso em que ficou colocado condicionalmente venha posteriormente a reunir condições de funcionamento;

b) Não se matricula, aguardando pela realização de nova fase de candidatura. A vaga no curso em que ficou colocado ser-lhe-á reservada, podendo nela matricular-se no período de matrículas da fase subsequente, caso o curso a que se candidatou em ordem preferencial se confirme que não reúne condições para o funcionamento.

Artigo 20.º

Estudantes não colocados com matrícula válida no ano letivo anterior

Os candidatos não colocados, com matrícula e inscrição válidas em curso do IPS, no ano letivo imediatamente anterior àquele a que respeita a candidatura, podem, no prazo máximo de 7 (sete) dias úteis a contar da afixação dos resultados, proceder à inscrição no curso onde haviam estado inscritos no ano letivo anterior.

SECÇÃO III

Disposições gerais relativas a procedimentos e registo das classificações

Artigo 21.º

Pautas

1 — As classificações atribuídas aos estudantes, nas diferentes componentes de avaliação, são publicadas através de pauta inserida no SI da escola.

2 — Um estudante não inscrito a uma dada UC não terá conhecimento da classificação, enquanto a sua inscrição não estiver regularizada.

3 — Compete ao Diretor de cada escola estabelecer as datas limite para o lançamento das pautas de avaliação contínua e de cada época de avaliação por exame, de cada trimestre/semestre/ano, previamente ao arranque de cada ano letivo.

Artigo 22.º

Livro de termos

1 — O RUC procederá à submissão, no final de cada época de avaliação, da avaliação no SI da escola.

2 — Após a submissão e verificação, o RUC procede à impressão do Livro de Termos, à sua assinatura e entrega na Direção da escola, que o enviará à DA até à data limite fixada para o efeito, no calendário académico de cada escola, em todas as épocas de avaliação.

3 — Em alternativa, o RUC pode proceder à assinatura digital do documento produzido pelo SI e enviá-lo diretamente à DA, até à data limite fixada para o efeito, para o endereço estabelecido para o efeito.

4 — Após a receção dos Livros de Termos, impressos ou assinados digitalmente, a DA efetua a importação dos resultados finais dos estudantes, data a partir da qual se considera terminado o lançamento das classificações.

Artigo 23.º

Adendas ao Livro de Termos

1 — Caso o RUC detete algum erro ou omissão na classificação de um estudante, após a emissão do Livro de Termos, submeterá uma adenda, em minuta existente para o efeito, especificando se pretende a emissão de Livro de Termos em formato impresso ou digital.

2 — Os pedidos de alteração de classificações apenas são aceites até 2 (dois) meses após a produção do Livro de Termos e caso não tenha sido emitido qualquer certificado ou diploma dessa classificação.

3 — Após a receção do pedido de alteração de classificação e verificadas as condições expressas no número anterior, a DA procede à alteração da classificação e à produção da adenda ao Livro de Termos, em formato papel ou digital, que envia ao RUC para verificação e assinatura.

4 — Após assinatura do documento impresso, o RUC procede à entrega da adenda ao Livro de Termos na Direção da escola, que a enviará à DA.

5 — Caso opte pela versão digital, o RUC procede à assinatura digital e posterior envio à DA.

6 — Após a receção da adenda ao Livro de Termos, a DA efetua a importação da alteração das classificações.

SECÇÃO IV

Disposições gerais relativas a provas

Artigo 24.º

Vigilância

1 — A vigilância das provas de avaliação compete ao RUC e ao(s) docente(s) que ministram a UC, sugerindo-se um rácio estudantes/docente máximo de 40/1.

2 — Compete à Direção das escolas estabelecer as regras para a convocatória de outros docentes, caso se revele necessário.

Artigo 25.º

Provas públicas

1 — As UC que são objeto de apreciação e discussão pública, tais como Dissertação, Estágio ou Projeto, deverão apresentar um júri constituído por 3 (três) a 5 (cinco) elementos.

2 — O júri de avaliação deverá ser constituído no mínimo por 3 (três) elementos, sendo um deles o orientador científico do trabalho.

3 — Na discussão pública o estudante disporá de, no máximo, 20 (vinte) minutos para proceder à apresentação do trabalho e disporá de tempo de resposta equivalente ao utilizado pelos membros do júri de provas públicas.

4 — A prova pública terá uma duração máxima de 90 (noventa) minutos.

5 — As deliberações do júri são tomadas por maioria dos membros que o constituem, através de votação nominal justificada, não sendo permitidas abstenções.

6 — Das reuniões do júri são lavradas atas, das quais constam os votos de cada um dos seus membros e a respetiva fundamentação.

SECÇÃO V

Disposições gerais relativas a propinas

SUBSECÇÃO I

Disposições gerais

Artigo 26.º

Objeto

1 — O presente regulamento visa regular as matérias associadas às propinas e taxas referentes aos cursos ministrados nas escolas Superiores do IPS.

2 — O presente capítulo tem por base o estipulado na Lei n.º 37/2003, de 22 de agosto, alterada pela Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto, que estabelece as bases do financiamento do ensino superior, e na Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro.

Artigo 27.º

Âmbito de aplicação

Todos os estudantes matriculados e inscritos no IPS estão obrigados ao pagamento das propinas previstas na lei e no presente regulamento, independentemente de serem beneficiários de bolsas de estudo ou de outras formas de ação social.

Artigo 28.º

Propina — Conceitos e natureza jurídica

1 — A propina caracteriza-se como uma taxa, não cabendo à instituição de ensino público criá-la, mas apenas fixar o seu montante.

2 — De acordo com a Lei n.º 37/2003, de 23 de agosto, a propina é a taxa devida pelo estudante como contrapartida da disponibilidade do serviço de ensino associada a cada inscrição, independentemente do seu efetivo benefício.

3 — A inscrição reporta sempre a um ano letivo, independentemente do ciclo ou programa de estudos em que o estudante se inscreva ou da duração efetiva do mesmo.

4 — Para formações com mais de 60 créditos ECTS ou que se desenvolvem em mais que um ano letivo, a inscrição reporta sempre a cada ano letivo, independentemente do ciclo ou programa de estudos em que o estudante se inscreva.

5 — Para formações até 60 créditos ECTS, que se realizem, na íntegra, num ano letivo, a inscrição reporta-se à edição da formação, podendo haver mais que uma por ano letivo.

6 — São ainda devidas propinas pela frequência de:

a) UC isoladas;

b) UC subsequentes, para além do limite de créditos ECTS estabelecido no artigo 148.º do presente regulamento, até ao qual a inscrição está isenta.

SUBSECÇÃO II

Valor da propina

Artigo 29.º

Fixação do valor da propina

1 — Compete ao Conselho Geral do IPS, sob proposta do Presidente, fixar anualmente o valor das propinas devidas pelos estudantes.

2 — Os valores das propinas são fixados anualmente, mediante despacho do Conselho Geral do IPS.

3 — A fixação do valor das propinas deve obedecer às regras e princípios constantes do presente capítulo.

Artigo 30.º

Valores de propina para cada ano do plano de estudos das formações

- 1 — Os valores das propinas fixados em cada ano letivo:
- São iguais para todos os anos do plano de estudos dos cursos técnicos superiores profissionais e de licenciaturas;
 - Podem ser diferentes para cada um dos anos do plano de estudo de cursos de mestrado e de pós-graduações.
- 2 — A propina fixada para cada ano do curso é aplicada a todos os estudantes que nele se inscrevam, nesse ano letivo.
- 3 — Os valores das propinas de cursos com menos de 60 créditos ECTS são aplicados por edição.

Artigo 31.º

Valor da propina em função do momento de ingresso

- 1 — Os estudantes que ingressem no primeiro semestre ou no primeiro trimestre letivo pagam o valor total da propina fixada para o curso em que se inscrevem.
- 2 — Os estudantes que ingressem no segundo semestre ou no segundo ou terceiro trimestres letivos pagam 70 % da propina fixada para os cursos em que se inscrevem, a qual não pode ser inferior à propina mínima.

Artigo 32.º

Mudanças de par instituição/cursos dentro do IPS no 2.º semestre

- 1 — Os estudantes que mudem entre cursos do IPS, no segundo semestre do ano letivo, devem proceder da seguinte forma:
- Anulação da matrícula no curso de origem;
 - Pagamento, no curso de origem, de tantos décimos de propina quantos os meses que decorreram entre a matrícula/inscrição e a sua anulação;
 - Matrícula/inscrição no novo curso, no qual deverá pagar o montante referido no n.º 2 do artigo 31.º;
 - Caso a soma dos valores referidos nas alíneas b) e c) totalizem um montante superior ao valor da propina anual do curso de destino, o montante referido na alínea c) passa a ser igual à diferença entre a propina anual do curso de destino e o montante pago no curso de origem.
- 2 — A matrícula/inscrição no novo curso está condicionada ao pagamento integral do valor referido na alínea b) no número anterior.

Artigo 33.º

Situações especiais — Redução de propina

- Pagam 70 % do valor da propina fixada para o curso em que se encontram inscritos, não podendo aquela ser inferior à propina mínima, os estudantes que se encontram nas seguintes situações:
- Se tenham inscrito até um máximo de 2/3 (dois terços) dos créditos ECTS do ano do plano de estudos do curso em que se inscreveram;
 - Detentores do estatuto de estudante a tempo parcial;
 - Inscritos em curso de mestrado e que se inscrevam unicamente nas unidades curriculares Dissertação/Projeto/Estágio em segunda ou mais inscrição.

Artigo 34.º

Reinscrição em formações que não excedam um ano letivo

O valor da propina, VP, devida pelos estudantes que se reinscrevem em formações não conferentes de grau e que não excedam um ano letivo é calculado de acordo com a seguinte fórmula de cálculo:

$$VP = VP_{ECTS} \times NECTS$$

Em que VP_{ECTS} é Valor de propina aprovada para cada crédito da formação e NECTS é o número de créditos ECTS em que inscreve.

Artigo 35.º

Estudantes internacionais

O valor da propina dos cursos de licenciatura e de mestrado, de cada escola do IPS é igual aos valores da propina aprovados para os cursos multiplicados por fatores aprovados anualmente pelo Conselho Geral.

Artigo 36.º

Programa de atribuição de apoios sociais aos estudantes do IPS

- 1 — Aos estudantes cujo processo de atribuição de bolsa de estudo seja indeferido por excesso de capitação, serão aplicados os seguintes valores de propina:
- Redução do valor da propina da respetiva formação igual à diferença entre o valor da propina da formação e a propina mínima, para os estudantes inscritos em CTeSP, licenciatura e mestrado que tenham até 30 % de capitação superior ao limiar de carência;
 - Valor da propina igual ao aplicado aos CTeSP, para os estudantes inscritos em licenciaturas, que tenham mais de 30 % e até 50 % de capitação superior ao limiar de carência.

2 — Com exceção dos estudantes internacionais, aos estudantes que não possam beneficiar de bolsa de estudo, por incumprimento de critérios como a nacionalidade ou aproveitamento escolar, mas que se encontrem em situação de grave carência socioeconómica, que estejam inscritos em CTeSP, cursos de licenciatura ou de mestrado, será aplicada uma redução do valor da propina da respetiva formação igual à diferença entre o valor da propina dos cursos de licenciatura e a propina mínima, não podendo resultar um valor de propina inferior à propina mínima.

Artigo 37.º

Descontos

- 1 — Podem beneficiar de desconto, a definir pelo Conselho Geral, os estudantes de cursos de mestrado que:
- Sejam trabalhadores docentes e não docentes do IPS;
 - Membros da rede alumniIPS;
 - Pertencam a Instituições parceiras ou que tenham protocolos específicos com o IPS.
- 2 — Podem igualmente beneficiar de desconto a definir pelo Conselho Geral, os estudantes de cursos de Pós-Graduação que:
- Sejam trabalhadores docentes e não docentes do IPS;
 - Membros da rede alumniIPS;
 - Pertencam a Instituições parceiras ou que tenham protocolos específicos com o IPS.
- 3 — Aos trabalhadores do IPS que se inscrevam em CTeSP ou nos cursos de licenciatura, será aplicado o valor da propina mínima.
- 4 — Os descontos não são acumuláveis para a mesma formação.

SUBSECÇÃO III

Pagamento

Artigo 38.º

Emissão de diplomas, certidões, cartas de curso ou tramitação do processo de provas públicas

- 1 — A emissão de diplomas, certidões, cartas de curso ou tramitação do processo de provas públicas está condicionada à prévia liquidação da totalidade do valor da propina.
- 2 — Em caso de conclusão do curso, no decurso do ano letivo, a emissão de diplomas, certidões, cartas de curso ou tramitação do processo de provas públicas está condicionada à prévia liquidação da totalidade das prestações de propina, incluindo as não vencidas.
- 3 — Não são aceites pedidos de diploma, certidões ou cartas de curso caso o estudante tenha montantes em dívida.

Artigo 39.º

Calendário e modalidades de pagamento — Cursos em fase

- 1 — A propina de cada ano letivo pode ser paga de uma só vez, no ato da matrícula/inscrição.
- 2 — A propina dos cursos com propina normal pode, também, ser paga em 10 prestações, sendo a primeira correspondente a 1/10 da propina, obrigatoriamente paga no ato da matrícula/inscrição e as restantes ao longo do ano letivo, até 30 de junho.
- 3 — Aos estudantes a quem seja definida uma propina especial, esta pode ser paga da seguinte forma:
- 1/10 da propina normal, obrigatoriamente paga no ato de matrícula/inscrição;
 - As prestações seguintes são posteriormente definidas, sendo o maior número possível de prestações igual a 1/10 da propina especial.

4 — Sempre que o valor total da propina associada ao ano letivo seja inferior a 100 euros, deve aquela ser integralmente paga no ato da matrícula/inscrição.

Artigo 40.º

Calendário e modalidades de pagamento — Cursos com funcionamento desfasado

1 — Em formações com até 60 créditos ECTS, sempre que a atividade letiva abranja mais de um ano letivo, o valor da propina associado a cada ano letivo é proporcional ao número de meses letivos nele lecionados, podendo cada parcela ser paga em 10 prestações, em cada ano letivo.

2 — Em formações desfasadas, com mais de 60 créditos ECTS, será definida uma propina para cada ano letivo, podendo ser paga em 10 prestações, de acordo com a regras definidas no n.º 2 do artigo 39.º

3 — O pagamento da totalidade da propina do último ano letivo deve ocorrer até o último mês do respetivo curso.

Artigo 41.º

Estudantes Bolseiros

1 — Os estudantes que se matriculem pela primeira vez e que sejam candidatos a bolsa de estudo deverão entregar nos SAS/IPS, como comprovativo, o respetivo boletim de candidatura.

2 — Caso a bolsa seja atribuída, o estudante deverá iniciar o pagamento da propina dentro de 8 (oito) dias úteis após o recebimento.

3 — Após o recebimento de cada prestação da bolsa, o estudante deve proceder ao pagamento da prestação da propina no prazo de 8 (oito) dias úteis.

4 — Caso a atribuição da bolsa seja indeferida, o estudante deve iniciar o pagamento da propina no prazo de 8 (oito) dias úteis após o conhecimento.

5 — Após os prazos referidos nos pontos anteriores, serão aplicados juros de mora.

Artigo 42.º

Outros casos

Nos casos em que, mediante acordos específicos, esteja previsto o pagamento da propina, ou o seu reembolso ao estudante, por entidades terceiras e externas ao IPS, o estudante é corresponsável pelo pagamento, ficando sujeito às consequências legais e regulamentares previstas para o incumprimento.

Artigo 43.º

Meios de pagamento e procedimentos

1 — A propina é paga utilizando um dos seguintes meios de pagamento disponíveis:

- a) Meios eletrónicos, através de número de entidade, referência e valor;
- b) Numerário, cheque, TPA ou cheque-ensino, na Tesouraria da DA;
- c) Transferência bancária, apenas para os Estudantes Internacionais.

2 — O pagamento deve ser efetuado, preferencialmente, utilizando a rede de Caixas Automáticas Multibanco, ou processo equivalente, através do Homebanking/Internet.

3 — Todas as diferentes referências Multibanco necessárias ao pagamento, são disponibilizadas no início do ano letivo, na área reservada do estudante, no Sistema de Informação do IPS.

4 — O talão emitido pela Caixa Automática de Multibanco e o documento impresso do pagamento por Internet fazem prova do pagamento, devendo por isso ser conservados.

5 — O pagamento com dados incorretos implica a não consideração do mesmo, sendo da responsabilidade do estudante sanar a irregularidade cometida.

6 — Para o ano letivo A/A+1, a data de validade atribuída às referências multibanco para pagamento das diferentes prestações é, em geral, 30 de junho do ano A+1, de forma a permitir que se mantenham válidas em todo o período letivo, sem prejuízo da data limite legal de pagamento de cada prestação poder ser diferente.

Artigo 44.º

Faturas e recibos

1 — As faturas e recibos de propinas são, regra geral, emitidos em nome do estudante.

2 — Caso o estudante pretenda que as faturas e recibos sejam emitidos em nome de outra entidade deve, antes de proceder a cada pagamento, sob pena de não ser atendida a sua pretensão, dirigir à DA, presencial-

mente ou por correio eletrónico, pedido fundamentado e indicando os dados da entidade (nome, morada e número de identificação fiscal).

3 — O recibo comprovativo de qualquer pagamento pode ser levantado ao balcão na DA, ou enviado por correio postal para a morada indicada, se solicitado e pagos os respetivos emolumentos.

Artigo 45.º

Anulação de matrícula por decisão do estudante

1 — No caso de formações que se prolonguem por todo o ano letivo, a anulação da matrícula por decisão do estudante implica o pagamento dos décimos da propina anual do curso correspondentes aos meses que medeiam a inscrição e o mês da anulação.

2 — No caso de formações que decorram apenas no primeiro semestre, a anulação da matrícula por decisão do estudante no decurso das atividades letivas, implica o pagamento de um quinto da propina anual do curso nos meses que medeiam a inscrição e o mês da anulação, num total que não pode exceder o valor da propina.

3 — A anulação da matrícula carece de apresentação, na DA, de requerimento e de questionário executados em minuta própria, dos quais serão entregues fotocópias ao estudante.

4 — No caso da anulação da matrícula, formalizada nos termos previstos no número anterior, o estudante fica desobrigado do pagamento das prestações devidas a partir do mês seguinte ao da anulação.

5 — A anulação de matrícula no decurso do ano letivo sem o pagamento da totalidade da propina ou de, pelo menos 70 % da propina, nunca inferior à propina mínima, implica a nulidade de todos os atos curriculares nele praticados, incluindo a classificação de unidades curriculares concluídas com sucesso, não podendo aquela matrícula ser considerada como condição de acesso em processos concursais posteriores.

6 — No caso do número anterior, não podem as classificações ser recuperadas em caso de reingresso.

7 — Caso não pague a totalidade da propina ou pelo menos 70 % do seu valor, nunca inferior à propina mínima, o estudante de primeiro ano primeira vez não poderá reingressar.

8 — A nulidade dos atos académicos praticados no primeiro semestre não ocorre se o estudante tiver pago pelo menos 70 % do valor da propina do curso, não podendo esse valor ser inferior à propina mínima.

9 — A anulação não está dependente de aceitação, produzindo efeitos a partir da data da entrega do requerimento.

Artigo 46.º

Outros pagamentos

São ainda devidos os seguintes pagamentos, de acordo com a tabela de emolumentos aprovada pelo Conselho de Gestão do IPS:

- a) Prémio anual de seguro escolar, a pagar no ato de matrícula/inscrição e do pagamento da primeira prestação de propinas;
- b) Taxa de matrícula ou inscrição;
- c) Despesas associadas à comunicação e cobrança de dívidas, em caso de incumprimento;
- d) Outros montantes previstos na tabela de emolumentos do IPS.

SUBSECÇÃO IV

Incumprimento da obrigação de pagamento da propina

Artigo 47.º

Incumprimento

1 — Considera-se haver incumprimento do pagamento da propina quando não for efetuado o pagamento integral da propina:

- a) Até o dia 30 de junho, inclusive, nos cursos com funcionamento em fase;
- b) Até o último dia do curso, inclusive, nos cursos com funcionamento desfasado.

2 — O pagamento da propina em dívida, após o termo dos prazos previstos no n.º 1 do presente artigo, fica sujeito a juros de mora, nos termos da legislação aplicável, conforme o artigo 53.º do presente regulamento.

3 — Nenhuma certidão, declaração ou informação de qualquer tipo, relativa a determinado curso, exceto sobre a situação do pagamento de propinas, pode ser emitida a estudante que tenha qualquer pagamento em dívida.

4 — O incumprimento do pagamento da propina ou de qualquer outra taxa pode ser cobrado nos termos da lei.

Artigo 48.º

Notificação — Nota de liquidação

1 — O estudante é informado do vencimento da dívida, acrescido de juros de mora, por via eletrónica, na área reservada do estudante do Sistema da Informação do IPS e no seu endereço de correio eletrónico institucional do IPS.

2 — Após as datas referidas no n.º 1 do artigo anterior, será emitida uma referência multibanco, disponibilizada na área reservada do estudante e no seu endereço de correio eletrónico institucional do IPS, que possibilita ao estudante o pagamento do valor de capital em dívida.

3 — O apuramento do montante global e pagamento dos juros de mora processa-se da seguinte forma:

a) Após o pagamento da dívida de capital, será apurado o valor de juros de mora vencidos até à respetiva data, acrescido do emolumento de cobrança previsto no artigo 46.º, alínea c);

b) Em seguida é emitida a correspondente referência multibanco, cujo pagamento deverá ser efetuado previamente a quaisquer atos académicos.

4 — A nota de liquidação deve obrigatoriamente conter os seguintes elementos:

a) Identificação do devedor (nome completo, número de estudante, número de Cartão do Cidadão/Bilhete de Identidade e respetivas datas de validade, número de contribuinte e morada);

b) Discriminação dos montantes da dívida e respetivos prazos de vencimento;

c) O montante global da dívida, à data da emissão da nota de liquidação, contendo o capital e a data a partir da qual vencem os respetivos juros;

d) Prazo para pagamento voluntário de 30 (trinta) dias seguidos;

e) Informação sobre a possibilidade de, naquele prazo de 30 (trinta) dias, o estudante poder propor, por escrito, o pagamento em prestações, nos termos previstos no artigo seguinte;

f) Informação das consequências do não pagamento de uma qualquer prestação, conforme o ponto 4 do artigo seguinte;

g) Informação sobre a possibilidade de ser emitido documento de certidão de dívida, para efeitos de cobrança por via de execução fiscal, conforme disposto nos artigos 88.º e 163.º do Código de Procedimento e Processo Tributário.

5 — O estudante tem a obrigação de manter atualizados os seus dados pessoais, bem como de aceder e consultar com regularidade a sua conta de correio eletrónico institucional.

Artigo 49.º

Plano de regularização de dívida

1 — A regularização da propina em dívida acrescida de taxa de juros de mora em vigor, pode ser efetuada de forma faseada, devendo o estudante propor fundamentadamente, por escrito, um plano de pagamentos, dirigido ao Presidente do IPS, conforme minuta existente para o efeito na DA e disponibilizada no Portal do IPS.

2 — O plano de pagamento faseado da dívida deve obrigatoriamente conter os seguintes elementos:

a) Identificação do devedor (nome completo, número de estudante, número de Cartão do Cidadão/Bilhete de Identidade e respetiva data de validade, número de contribuinte e morada);

b) Identificação da notificação da nota de liquidação recebida e respetiva data;

c) Identificação do nome do curso e escola a que a dívida respeita;

d) Montante da dívida e ano letivo a que respeita;

e) Número de prestações proposto;

f) Montante de cada prestação;

g) Fundamentação do pedido;

h) Declaração do conhecimento das consequências legais aplicáveis em caso de não cumprimento do plano de pagamento faseado;

i) Data;

j) Assinatura do estudante.

3 — O número de prestações não pode ultrapassar os 20 (vinte) meses, nem o seu montante, no global, pode ser inferior a 30 (trinta) euros/mês.

4 — O não pagamento de uma prestação vence todas as restantes, configurando uma situação de incumprimento definitivo, aplicando-se, subsequentemente, as consequências legalmente previstas.

5 — O requerimento é entregue presencialmente na DA ou enviado, digitalizado, por correio eletrónico, através da sua conta institucional do IPS.

6 — O requerimento é analisado e decidido no prazo máximo de 10 (dez) dias úteis, sendo a decisão notificada ao estudante para o seu endereço eletrónico institucional do IPS.

Artigo 50.º

Cobrança coerciva

1 — Se o estudante não regularizar a totalidade da sua dívida no prazo concedido para o efeito ou se, no mesmo prazo, não propuser plano de pagamento faseado, o IPS procederá à cobrança coerciva junto da Autoridade Tributária Aduaneira, através do processo de execução fiscal previsto no Código de Procedimento e Processo Tributário.

2 — O IPS procederá de igual forma caso o estudante incumpra o plano de pagamento faseado da dívida, nos termos previstos no artigo anterior.

3 — Para os efeitos dos números anteriores, o IPS procede à emissão de certidão de dívida, contendo o montante em dívida, a data a partir da qual vencem os respetivos juros e os encargos administrativos, de acordo com a minuta existente para o efeito, remetendo a mesma para o Serviço de Finanças do domicílio do devedor.

Artigo 51.º

Consequências académicas do não pagamento da propina

1 — Nos termos do artigo 29.º da Lei n.º 37/2003, de 22 de agosto, o incumprimento do pagamento da propina devida, nos montantes e prazos estabelecidos, implica, sem necessidade de notificação prévia:

a) A nulidade de todos os atos curriculares praticados no ano letivo a que o incumprimento da obrigação se reporta;

b) A suspensão da matrícula e da inscrição anual, com a privação do direito de acesso aos apoios sociais até regularização dos débitos, acrescidos dos respetivos juros, à taxa legal em vigor, no mesmo ano letivo em que ocorreu o incumprimento da obrigação;

c) Impossibilidade de frequentar aulas, apresentar-se a avaliação, utilizar os recursos das escolas ou os apoios e serviços dos SAS/IPS.

2 — A propina em dívida será sempre devida, nos termos da lei geral e da lei do financiamento das instituições de ensino superior.

Artigo 52.º

Propinas em dívida de anos letivos anteriores

À data da candidatura ou matrícula/inscrição em qualquer formação do IPS, o estudante não pode ser devedor de quaisquer montantes referentes a propinas, taxas ou juros de mora.

Artigo 53.º

Regime jurídico e cálculo da taxa de juro

1 — As propinas não têm natureza civilística pelo que seguem o regime jurídico da Lei Geral Tributária.

2 — A taxa de juro é a taxa de juros de mora por dívidas ao Estado, apurada e publicitada anualmente pelo Instituto de Gestão do Crédito Público, E. P. E. (IGCP), através de aviso a publicar anualmente no *Diário da República*.

3 — Em caso de incumprimento do pagamento, os juros são calculados de acordo com a seguinte fórmula:

$$\text{Juros} = \frac{N.º \text{ de dias em atraso}}{365} \times \text{Taxa de Juro} \times \text{Montante da Dívida}$$

SECÇÃO VI

Disposições gerais relativas à aplicação do sistema de créditos curriculares (ECTS) no IPS

Artigo 54.º

Âmbito e objetivo

A presente secção destina-se a definir a aplicação do sistema de créditos curriculares a todos os cursos do IPS, nos termos definidos pelo Decreto-Lei n.º 42/2005, de 22 de fevereiro, e as normas técnicas para apresentação das estruturas curriculares e dos planos de estudos e sua publicação, aprovados pelo Despacho n.º 10 543/2005, (2.ª série), de 11 de maio, do diretor-geral do Ensino Superior.

Artigo 55.º

Estrutura curricular e planos de estudos

1 — As estruturas curriculares dos cursos ministrados no IPS expressam em créditos o trabalho que deve ser efetuado pelo estudante em cada área científica.

2 — Os planos de estudos dos cursos expressam em créditos o trabalho que deve ser efetuado pelo estudante em cada UC, bem como a área científica em que esta se integra.

Artigo 56.º

Atividades extra curriculares

1 — Os CTC das escolas podem atribuir créditos a atividades extra-curriculares, quer as mesmas decorram dentro ou fora da comunidade IPS, desde que obedçam aos seguintes requisitos:

a) Sejam previamente aprovadas pelo CTC, com base numa proposta que contemple:

- i) Uma descrição da atividade;
- ii) As competências a desenvolver;
- iii) As formas e as componentes de trabalho envolvidas;
- iv) A carga horária global;
- v) Metodologia de avaliação, que carece de parecer do CP.

- b) Tenham ligação a um curso ou a um projeto do IPS;
- c) Sejam monitorizadas e avaliadas por um docente do IPS.

2 — As atividades mencionadas no número anterior podem ser consideradas equivalentes a estruturas curriculares dos planos de estudo até ao máximo de 10 % do total de créditos de um ano curricular.

3 — A atribuição de créditos poderá recair ainda sobre outras atividades, não equivalentes a estruturas curriculares dos planos de estudo, desde que previamente aprovadas pelos CTC e devidamente certificadas por entidade competente.

Artigo 57.º

Definição do número de créditos

1 — Na definição do número de créditos considera-se que a estimativa do trabalho a desenvolver por um estudante, a tempo inteiro, durante um ano curricular, é de 1620 (mil seiscentas e vinte horas) e é cumprido num período de 40 (quarenta) semanas.

2 — O número de créditos correspondentes ao trabalho realizado a tempo inteiro num ano curricular é 60 (sessenta), num semestre 30 (trinta) e num trimestre 20 (vinte).

3 — Neste pressuposto, um crédito corresponde a 27 (vinte e sete) horas de trabalho do estudante.

4 — O número de créditos correspondentes ao trabalho de um curso realizado a tempo inteiro é igual ao produto da duração normal do curso em anos curriculares ou fração por 60 (sessenta).

5 — Os créditos atribuídos a cada UC são expressos em múltiplos de meio crédito.

6 — A uma UC integrante do plano de estudos de mais de um curso do Instituto deve ser atribuído o mesmo número de créditos, independentemente do curso.

Artigo 58.º

Trabalhos de dissertação, trabalhos de projeto e estágios

O número de créditos a atribuir aos trabalhos de dissertação, trabalhos de projeto e estágios previstos para a obtenção de graus académicos ou de diplomas de cursos não conferentes de grau é fixado tendo em consideração o tempo médio normal estimado como necessário à sua preparação, execução e avaliação, medido em anos letivos ou fração, correspondendo um ano letivo de trabalho a 60 (sessenta) créditos.

Artigo 59.º

Competências

1 — É da competência dos CTC das escolas, no respeito pelo disposto no artigo 57.º, a atribuição de créditos a que se refere o artigo 55.º, bem como o ajuste do número de créditos pelas UC que compõem cada semestre e ano curricular.

2 — Cabe aos professores responsáveis por cada UC definir as atividades concretas a efetuar pelo estudante, de forma que, cumulativamente, correspondam de forma razoável ao esforço previsto nos créditos atribuídos.

3 — Os órgãos de gestão das escolas devem promover a criação de sistemas de monitorização da carga de trabalho real dos estudantes e a realização dos ajustes considerados necessários.

4 — Cabe ao Coordenador/Diretor de Curso promover a articulação entre as várias UC das atividades referidas no número dois do presente artigo tendo em vista assegurar que a carga de trabalho exigida aos estudantes no conjunto das UC respeita o disposto no artigo 57.º

Artigo 60.º

Propostas

As propostas que as escolas submetam ao IPS devem ser elaboradas de acordo com o disposto no Despacho n.º 10 543/2005 (2.ª série), de 11 de maio, nomeadamente no que se refere à caracterização dos cursos, estrutura curricular, planos de estudos, sua organização e apresentação.

SECÇÃO VII

Documentos de certificação

Artigo 61.º

Documentos de certificação

A Divisão Académica do IPS certifica os cursos ministrados e os atos académicos praticados pelos estudantes através de:

a) Carta de curso — documento emitido na forma legalmente prevista, comprovativo da conclusão de um ciclo de estudos conducente a um grau académico, ou da realização de um curso não conferente de grau, assinado pelo Presidente do IPS e pelo Administrador;

b) Diploma de curso — documento emitido na forma legalmente prevista, comprovativo da conclusão de um ciclo de estudos conducente a um grau académico, ou da realização de um curso não conferente de grau, assinado pelo Presidente do IPS ou em quem ele delegar;

c) Suplemento ao diploma — documento complementar do diploma que descreve o sistema de ensino superior português e o seu enquadramento no sistema educativo à data da obtenção do diploma; caracteriza o IPS, enquanto instituição que ministrou o ensino e que conferiu o diploma; caracteriza a formação realizada (grau, área, requisitos de acesso, duração normal, nível) e o seu objetivo; fornece informação detalhada sobre a formação realizada e os resultados obtidos;

d) Certidão — documento que certifica determinado ato académico praticado pelo estudante, assinado pelo trabalhador que o elabora.

Artigo 62.º

Pedidos de documentos de certificação

1 — Os documentos de certificação poderão ser requeridos:

- a) Através da página do estudante no Sistema de Informação do IPS;
- b) Por correio eletrónico, a partir da conta do estudante, no domínio IPS;
- c) Diretamente na DA.

2 — À exceção das certidões isentas, aos requerimentos estarão associados pagamentos das importâncias devidas, previstas na tabela de taxas e emolumentos do IPS.

3 — Rececionado o pedido de carta de curso, diploma ou certidão, a DA informará o estudante do valor do emolumento ou taxa a pagar.

4 — A emissão dos documentos está dependente da efetivação do pagamento referido no número anterior, sendo os prazos para a emissão contados a partir dessa data.

5 — No caso em que as taxas ou emolumentos não sejam exatamente determináveis no momento da apresentação dos requerimentos, o pagamento será realizado no ato de levantamento do documento.

Artigo 63.º

Emissão de cartas de curso, diplomas e certidões

1 — As cartas de curso, diplomas e certidões serão emitidos pela DA.

2 — Dos graus e diplomas conferidos é lavrado registo subscrito pelo Presidente do IPS ou em quem ele delegar.

3 — A emissão da certidão do registo não pode ser condicionada à solicitação de emissão ou pagamento de qualquer outro documento académico.

4 — A emissão de diplomas e cartas de curso é acompanhada da emissão de suplemento ao diploma nos termos do artigo 40.º do Decreto-Lei n.º 42/2005, de 22 de fevereiro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 107/2008, de 25 de junho.

5 — Os documentos são elaborados a partir da informação constante nos processos individuais dos estudantes e na base de dados informatizada contendo todos os atos académicos por eles praticados, os quais são organizados e mantidos pela DA.

6 — Será guardada cópia digital de todos os documentos de certificação emitidos pela DA.

7 — Após a elaboração, todos os documentos serão conferidos por trabalhador distinto do que os produziu.

Artigo 64.º

Entrega dos documentos aos estudantes

1 — As cartas de curso são entregues em cerimónia anual realizada para o efeito.

2 — No que se refere aos diplomas e certidões, os estudantes devem indicar no requerimento o modo e o local onde pretendem que lhes seja entregue o documento requerido:

- a) Na DA;
- b) Envio por correio registado.

3 — Os estudantes que optem pelo envio por correio registado:

- a) Deverão solicitá-lo expressamente, indicando o endereço;
- b) Proceder, no ato do pedido, ao pagamento dos portes previstos, incluindo a taxa de registo.

4 — Para os documentos enviados pelo correio o talão de registo constituirá o documento de prova de entrega do documento, não se responsabilizando o IPS por eventuais extravios ou danos imputáveis aos serviços de correio.

5 — O levantamento de documentos na DA deverá ser feito pelo próprio, com apresentação do cartão de identificação ou do cartão de estudante, assinando o respetivo comprovativo.

6 — Poderão ainda os documentos ser levantados por terceiros, desde que se façam acompanhar de procuração, do cartão de identificação do requerente e do próprio.

7 — No comprovativo da entrega da certidão deverá ser indicado o nome e o número do cartão de identificação de quem procedeu ao levantamento.

Artigo 65.º

Elementos que constam obrigatoriamente das cartas de curso, diplomas e certidões

1 — Dos diplomas e cartas de curso constarão os seguintes elementos:

a) Cartas de curso — identificação do Presidente do IPS, identificação do titular do grau, n.º do documento de identificação, filiação, nacionalidade, data de nascimento, Escola, grau (se aplicável), data de conclusão do curso, designação do curso, área de especialização (no caso de ela existir), classificação final, qualificação, n.º de registo.

b) Diplomas — identificação do Presidente do IPS ou em quem ele delegar, identificação do titular do grau, n.º do documento de identificação, Escola, grau, se aplicável, data de conclusão do curso, designação do curso e respetiva área de especialização (no caso de ela existir), número total de ECTS, classificação final e qualificação, n.º de registo, n.º de estudante, nacionalidade.

c) Certidões — identificação do estudante, número de estudante, número do documento de identificação, Escola, grau (se aplicável), designação do curso, área de especialização, no caso de ela existir.

2 — Todos os diplomas serão acompanhados do respetivo suplemento ao diploma.

Artigo 66.º

Prazos de emissão da carta de curso, do diploma, e do suplemento do diploma

1 — A carta de curso pode ser requerida até ao dia 30 de abril de cada ano, podendo ser entregue ao estudante, em casos devidamente justificados, no prazo de 30 dias.

2 — Os diplomas e respetivo suplemento ao diploma serão entregues no prazo máximo de 10 (dez) dias.

3 — As certidões serão entregues no prazo máximo de 10 (dez) dias.

4 — Os diplomas e certidões poderão ser solicitados com caráter de urgência, sendo nesse caso entregues no prazo máximo de 3 (três) dias.

CAPÍTULO II

Acesso e ingresso nos cursos do IPS

SECÇÃO I

Concursos especiais

Artigo 67.º

Objeto e âmbito

A presente secção disciplina o acesso e ingresso nos cursos de 1.º ciclo conducentes ao grau de licenciado do IPS pelos concursos especiais, nos termos do Decreto-Lei n.º 113/2014, de 16 de julho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro.

Artigo 68.º

Modalidades

1 — Os concursos especiais de acesso aos cursos de licenciatura destinam-se a candidatos com situações habilitacionais específicas.

2 — São organizados concursos especiais para:

- a) Estudantes aprovados nas Provas M23;
- b) Titulares de um diploma de especialização tecnológica;
- c) Titulares de um diploma de técnico superior profissional;
- d) Titulares de outros cursos superiores (titulares do grau de bacharel, licenciado, mestre ou doutor).

Artigo 69.º

Vagas para os concursos especiais

1 — As vagas para cada um dos concursos especiais são fixadas anualmente pelo Presidente do IPS, sob proposta do Diretor da escola que ministra o curso, ouvido o CTC da escola.

2 — As vagas referidas no número anterior apenas se aplicam ao 1.º Ano.

3 — As vagas fixadas para cada par escola/curso são:

- a) Divulgadas pela DA através de edital publicitado no portal do IPS e da escola que ministra o curso;
- b) Comunicadas à Direção-Geral do Ensino Superior (DGES).

Artigo 70.º

Condições de admissão

1 — É condição de admissão às vagas para estudantes aprovados nas Provas M23, ser detentor das provas realizadas no IPS, no ano letivo em curso ou num dos dois anos letivos anteriores, ou de provas que o júri, designado para o efeito, considere equivalentes, para o par escola/Curso.

2 — É condição de admissão às vagas para titulares de um diploma de especialização tecnológica de um dado curso do IPS ser detentor de diploma de especialização tecnológica.

3 — É condição de admissão às vagas para titulares de diploma de técnico superior profissional de um dado curso do IPS ser detentor de diploma de técnico superior profissional.

4 — É condição de admissão às vagas para titulares de outros cursos superiores a titularidade de um grau de bacharel, licenciado, mestre ou doutor.

Artigo 71.º

Candidatura

1 — Os prazos de candidatura e respetivas fases são fixados pelo Presidente do IPS.

2 — A candidatura é efetuada online, no portal do IPS, não sendo a correspondente taxa devolvida em caso de indeferimento liminar, exclusão ou desistência.

3 — A candidatura é válida apenas para o ano letivo em que se realiza.

4 — A candidatura deve ser instruída com os seguintes documentos:

- a) Cópia do documento de identificação;
- b) Documento comprovativo da titularidade de curso superior (bacharelato, licenciatura, mestrado ou doutoramento, quando aplicável);
- c) Documento comprovativo da titularidade de CTeSP (quando aplicável);
- d) Documento comprovativo da titularidade de CET (quando aplicável);
- e) Documento comprovativo da titularidade das Provas M23 do IPS (quando aplicável);

f) Documento comprovativo da satisfação do pré-requisito (quando aplicável).

5 — A decisão final deve ser tomada no prazo estabelecido no calendário referido no n.º 1 e publicada nos termos do artigo 19.º do presente regulamento.

Artigo 72.º

Critérios de seriação

Os candidatos serão seriados através dos resultados obtidos pela aplicação das seguintes fórmulas, expressos numa classificação numérica arredondada à primeira casa decimal:

a) Estudantes aprovados nas Provas M23, realizadas no IPS:

$$C = NP$$

b) Titulares de um CET ou de um CTeSP:

$$C = \frac{1}{3} \times AF + \frac{2}{3} \times MC$$

c) Titulares de outros cursos superiores (titulares do grau de bacharel, licenciado, mestre ou doutor):

$$C = \frac{1}{3} \times AF + \frac{1}{3} \times TF + \frac{1}{3} \times MC$$

em que:

AF — Coeficiente que pretende aferir a afinidade do curso de que o estudante é titular, tomando os seguintes valores:

20,0 — Cursos da mesma área científica;
15,0 — Cursos de áreas científicas afins;
10,0 — Outros cursos.

MC — Média final obtida no CET, no CTeSP ou no curso superior de que é titular, na escala de classificação portuguesa;

NP — Nota obtida nas Provas M23, escala de classificação portuguesa;

TF — Coeficiente que pretende avaliar o tipo de formação de que o estudante é titular, tomando os seguintes valores:

20 — Doutoramento;
16 — Mestrado;
12 — Licenciatura de 240 a 300 ECTS;
10 — Bacharelato ou licenciatura com menos de 240 ECTS.

SECÇÃO II

Regimes de mudança de par instituição/curso e reingresso

Artigo 73.º

Objeto e âmbito

1 — A presente secção regula o acesso e ingresso pelos regimes de mudança de par instituição/curso e reingresso, nos CTeSP e nos cursos de 1.º ciclo do IPS nos termos da Portaria n.º 181-D/2015, de 19 de junho.

2 — A presente secção disciplina, igualmente, o reingresso nos cursos de 2.º ciclo conducentes ao grau de mestre do IPS.

Artigo 74.º

Condições para a mudança de par instituição/curso e reingresso

1 — A mudança de par instituição/curso pressupõe que o candidato seja detentor de uma matrícula e inscrição realizadas em ano letivo anterior, em par instituição/curso diferente daquele a que se pretende candidatar:

a) Para os CTeSP, num CTeSP de um estabelecimento de ensino superior politécnico, não concluído;

b) Para os cursos de licenciatura, num curso superior de 1.º ciclo, de um estabelecimento de ensino superior nacional, não concluído, ou num estabelecimento de ensino superior estrangeiro, em curso definido como superior pela legislação do país em causa e que:

i) Tenha realizado os exames nacionais do ensino secundário correspondentes às provas de ingresso fixadas para esse par, para esse ano, no âmbito do regime geral de acesso, no caso dos cursos de licenciatura;

ii) Tenha, nesses exames, a classificação mínima exigida pela instituição de ensino superior, nesse ano, no âmbito do regime geral de acesso.

2 — A mudança de par instituição/curso pode ter lugar com ou sem interrupção de matrícula e inscrição numa instituição de ensino superior.

3 — Para os estudantes titulares de cursos não portugueses legalmente equivalentes ao ensino secundário português, a condição estabelecida pelas alíneas b.i) e b.ii) do n.º 1 pode ser satisfeita através da aplicação do artigo 20.º-A do Decreto-Lei n.º 296-A/98, de 25 de setembro, na sua redação atual.

4 — A mudança para par instituição/curso para os quais sejam exigidos, nos termos do regime geral de acesso, pré-requisitos ou aptidões vocacionais específicas avaliadas através de concursos locais, está condicionada à satisfação dos mesmos.

5 — Para os estudantes que ingressaram no ensino superior através das Provas M23, reguladas pelo Decreto-Lei n.º 64/2006, de 21 de março, alterado pelo Decreto-Lei n.º 113/2014, de 16 de julho, a condição estabelecida pelas alíneas b.i) e b.ii) do n.º 1 pode ser substituída pela titularidade de provas realizadas noutra instituição, caso o júri as considere equivalentes às exigidas para o curso do IPS.

6 — Para os estudantes internacionais, a condição estabelecida pelas alíneas b.i) e b.ii) do n.º 1 pode ser substituída pela aplicação do disposto nos artigos 5.º e 6.º do Decreto-Lei n.º 36/2014, de 10 de março, alterado pelo Decreto-Lei n.º 113/2014, de 16 de julho.

7 — Os exames a que se referem a alínea b.i) do n.º 1 e as provas do n.º 5 podem ter sido realizados em qualquer ano letivo.

8 — Não é permitida a mudança de par instituição/CTeSP, ou curso estrangeiro de nível correspondente, para ciclos de estudos de licenciatura ou de mestrado.

9 — Não é permitida a mudança de par instituição/curso de licenciatura, nacional ou estrangeiro, para ciclos de estudos de mestrado.

10 — O reingresso nos cursos de 1.º ciclo pressupõe que o estudante tenha estado matriculado e inscrito no IPS, no mesmo curso ou em curso que o tenha antecedido e nele não tenha estado inscrito no ano letivo anterior àquele em que pretende reingressar, salvaguardando o estipulado no artigo 197.º

11 — Nos CTeSP e nos cursos de mestrado é permitido o reingresso de estudante que tenha estado inscrito no ano letivo anterior àquele em que pretende reingressar.

12 — Não é permitido o reingresso em cursos que se encontrem em situação de não admissão de vagas.

Artigo 75.º

Vagas para os regimes de mudança de par instituição/curso

1 — As vagas para mudança de par instituição/curso são fixadas anualmente pelo Presidente do IPS, sob proposta do Diretor da escola que ministra o curso, ouvido o CTC:

a) Para os CTeSP, não ultrapassando os 20 % das vagas para o curso de acesso e assegurando que a sua soma às vagas do concurso de acesso não excede o número máximo de estudantes a admitir em cada ano letivo aprovado no âmbito do processo de registo da criação do curso;

b) Para os cursos de licenciatura, de acordo com as regras e limites estabelecidos pelo artigo 25.º do Decreto-Lei n.º 113/2014, de 16 de julho;

2 — As vagas fixadas para cada par instituição/curso são:

a) Divulgadas no portal do IPS e da escola que ministra o curso;

b) Comunicadas à DGES e à Direção-Geral de Estatísticas da Educação e Ciência, quando aplicável.

3 — As vagas eventualmente sobranes no regime de mudança de par instituição/curso, nas licenciaturas, podem ser utilizadas noutros regimes, para o mesmo curso, por decisão do Presidente do IPS.

4 — Nos CTeSP, as vagas eventualmente sobranes no concurso de acesso ou no regime de mudança de par instituição/curso podem ser utilizadas, pelo júri do concurso, no outro regime, para o mesmo curso.

5 — Compete ao Presidente do IPS a decisão relativa aos requerimentos de mudança de par instituição/curso apresentados no decurso do ano letivo, os quais apenas podem ser aceites a título excecional, por motivos especialmente atendíveis, e desde que existam condições para a integração académica dos requerentes.

Artigo 76.º

Vagas para os regimes de reingresso

1 — O regime de reingresso não está sujeito a limitações quantitativas.

2 — Previamente ao início de cada semestre/trimestre letivo, as escolas informarão o Presidente do IPS da capacidade de integração, para cada curso e ano.

3 — Compete ao Presidente do IPS a decisão relativa aos requerimentos de reingresso apresentados no decurso do ano letivo, os quais apenas podem ser aceites a título excecional, por motivos especialmente

atendíveis, e desde que, de acordo com o número anterior, existam condições para a integração académica dos requerentes.

Artigo 77.º

Candidatura

1 — Os prazos de candidatura e respetivas fases são fixados pelo Presidente do IPS.

2 — A candidatura é efetuada online, no portal do IPS, não sendo a correspondente taxa devolvida em caso de indeferimento liminar, exclusão ou desistência.

3 — A candidatura é válida apenas para o ano letivo em que se realiza.

4 — A candidatura à mudança de par instituição/curso de um CTeSP deve ser instruída com os seguintes documentos:

- a) Cópia do documento de identificação;
- b) Cópia do documento comprovativo da última inscrição em CTeSP, com discriminação do plano de estudos, das unidades curriculares aprovadas, classificação obtida e, sempre que possível, os ECTS associados, bem como os programas detalhados e autenticados;
- c) Documento comprovativo da satisfação do pré-requisito (quando aplicável).

5 — A candidatura à mudança de par instituição/curso de um curso de licenciatura deve ser instruída com os seguintes documentos:

- a) Cópia do documento de identificação;
- b) Cópia do documento comprovativo da última inscrição em curso superior, português ou estrangeiro, com discriminação do plano de estudos, das unidades curriculares aprovadas, classificação obtida e, sempre que possível, os ECTS associados, bem como os programas detalhados e autenticados;
- c) Cópia do documento comprovativo da verificação da condição de acesso ao ensino superior, no caso de candidatura a cursos de licenciatura:
 - i) Nota biográfica de acesso ao ensino superior para os candidatos que acederam ao ensino superior pelo concurso nacional de acesso;
 - ii) Prova de acesso através de concurso de estudante internacional para os candidatos deste concurso.
- d) Documento comprovativo da satisfação do pré-requisito (quando aplicável).

6 — Os candidatos estão dispensados da apresentação dos documentos referidos em 4.b) e 5.b) quando os mesmos se referem a formações ministradas no IPS.

Artigo 78.º

Crítérios de seriação

1 — Os candidatos a mudança de par instituição/curso serão seriados através dos resultados obtidos pela aplicação da seguinte expressão, arredondada à unidade:

$$C = k1 \times AF + k2 \times AP + k1 \times NS + k1 \times MC$$

2 — Os candidatos a reingresso serão seriados através dos resultados obtidos pela aplicação da seguinte expressão, arredondada à unidade:

$$C = 10 + 10 \times \frac{NECTSA}{NECTSC}$$

3 — Nas expressões apresentadas em 1 e 2:

AF — Coeficiente que pretende aferir a afinidade do curso de origem, tomando os seguintes valores:

- 20 — Cursos da mesma área científica;
- 15 — Cursos de áreas científicas afins;
- 10 — Outros cursos.

AP — Coeficiente opcional — a decidir pelo CTC da escola que ministra o curso — que pretende avaliar o aproveitamento escolar do estudante no curso de origem, sendo obtido pela relação $(10 + 10 \times \frac{NECTSA}{NECTSC})$.

NECTSA — Número de créditos ECTS em que obteve aprovação;

NECTSC — Número total de créditos ECTS do curso.

NS — Coeficiente igual à média obtida pelo estudante no 12.º ano (ou equivalente, no caso de candidatos que tenham frequentado o sistema de ensino anterior ao sistema unificado, ou um sistema estrangeiro, ou que sejam titulares de Provas M23), para as candidaturas a CTeSP ou licenciaturas, na escala de classificação portuguesa. Caso o candidato

não apresente documentação que possibilite a sua determinação, NS será considerado igual a 10.

MC — Coeficiente igual à média das classificações obtidas nas UC efetuadas no curso de origem ou nas UC afins ao curso a que se candidata — a definir pelo CTC da escola que ministra o curso — na escala de classificação portuguesa (MC é considerado igual a 10, caso o estudante não tenha obtido aproveitamento em nenhuma UC. No caso dos candidatos oriundos de sistemas de ensino superior estrangeiros, MC é a média das classificações obtidas nas UC efetuadas no curso de origem convertidas proporcionalmente para a escala de classificação portuguesa).

k1 — Coeficiente que deverá ser considerado igual 1/4 ou a 1/3, caso se adote, ou não, o coeficiente AP.

k2 — Coeficiente igual 1/4 ou 0, caso se adote, ou não, o coeficiente AP.

Artigo 79.º

Comunicação

O IPS comunicará, até ao dia 31 de dezembro de cada ano, à DGES, nos termos por esta fixados, o número de requerentes de reingresso e de mudança de par instituição/curso, o número de estudantes admitidos e o número de estudantes efetivamente matriculados ou inscritos, para cada par instituição/curso, para os cursos de licenciatura.

SECÇÃO III

Estatuto de Estudante Internacional do IPS

Artigo 80.º

Âmbito

A presente secção visa operacionalizar, no IPS, o Estatuto do Estudante Internacional a que se refere o n.º 7 do artigo 16.º da Lei n.º 37/2003, de 22 de agosto, alterada pela Lei n.º 49/2005, de 30 de agosto, e pela Lei n.º 62/2007, de 10 de setembro, sendo elaborado nos termos do artigo 14.º, do Decreto-Lei n.º 36/2014, de 10 de março.

Artigo 81.º

Conceitos

1 — Estudante Internacional do IPS é o estudante que não tem a nacionalidade portuguesa e que:

- a) Não seja nacional de um Estado membro da União Europeia;
- b) Não resida legalmente em Portugal, nem os filhos que com ele habitem, há mais de dois anos, de forma ininterrupta, contados com referência a 31 de agosto do ano em que pretende ingressar no ensino superior;
- c) Não tenha requerido o ingresso no ensino superior através dos regimes especiais de acesso e ingresso regulados pelo Decreto-Lei n.º 393-A/99, de 2 de outubro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 272/2009, de 1 de outubro.

2 — Para efeitos da presente secção, não é considerado estudante internacional o estudante estrangeiro que se encontre a frequentar o IPS no âmbito de um programa de mobilidade internacional, para a realização de parte de um ciclo de estudos de uma instituição de ensino superior estrangeira com quem o IPS tenha estabelecido acordo de intercâmbio.

3 — O estudante que ingresse no IPS ao abrigo do disposto na presente secção mantém a qualidade de estudante internacional até ao final do curso em que se inscrever inicialmente ou para o qual transite.

4 — Excetuam-se do disposto no número anterior os estudantes internacionais que adquiram a nacionalidade de um Estado membro da União Europeia.

5 — A cessação da aplicação do estatuto de estudante internacional em consequência do disposto no número anterior produz efeitos no ano letivo subsequente à data da aquisição da nacionalidade.

Artigo 82.º

Condições de acesso

Podem candidatar-se à matrícula e inscrição nos ciclos de estudos de licenciatura do IPS os estudantes internacionais:

- a) Titulares de uma qualificação que dê acesso ao ensino superior, entendida como qualquer diploma ou certificado emitido por uma autoridade competente que ateste a aprovação num programa de ensino e lhes confira o direito de se candidatar e poder ingressar no ensino superior no país em que foi conferido;

b) Titulares de um diploma do ensino secundário português ou de habilitação legalmente equivalente.

Artigo 83.º

Condições de ingresso nos cursos de licenciatura

1 — Constituem condições de ingresso no par escola/curso do IPS:

- a) A demonstração das condições expressas no artigo 81.º do presente regulamento;
- b) A demonstração do conhecimento da língua em que o curso é ministrado, conforme especificado no artigo 84.º;
- c) A verificação da satisfação dos pré-requisitos fixados para o par escola/curso a que se candidata, no âmbito do regime geral de acesso e ingresso regulado pelo Decreto-Lei n.º 296-A/98, de 25 de setembro, alterado pelos Decretos-Leis n.º 99/99, de 30 de março, 26/2003, de 7 de fevereiro, 76/2004, de 27 de março, 158/2004, de 30 de junho, 147-A/2006, de 31 de julho, 40/2007, de 20 de fevereiro, 45/2007, de 23 de fevereiro, e 90/2008, de 30 de maio;
- d) A demonstração da qualificação académica específica, no caso de candidaturas a cursos de licenciatura.

2 — A demonstração da qualificação académica específica, para os cursos de licenciatura, é efetuada através da realização de uma prova de ingresso composta por:

- a) Prova documental;
- b) Prova escrita.

3 — Quando o candidato a um curso de licenciatura é titular de curso de ensino secundário português e se candidata a um curso ministrado em português, está dispensado da realização da prova escrita, sendo utilizadas as classificações das provas de ingresso de acordo com a ponderação especificada no artigo 90.º

4 — Quando o candidato a um curso de licenciatura for titular de curso não português legalmente equivalente ao ensino secundário português é utilizada a classificação obtida nos exames finais do ensino secundário estrangeiro considerados homólogos das provas de ingresso, de acordo com a tabela aprovada anualmente pela CNAES para efeitos do disposto no artigo 20.º-A do Decreto-Lei n.º 296 A/98, de 25/9, com a redação dada pelo Decreto-Lei n.º 90/2008.

5 — Em todas as restantes situações o candidato a um curso de licenciatura pode realizar as provas de ingresso como estudante/candidato autoproposto ou realizar no IPS prova de ingresso referida no n.º 2 do presente artigo.

6 — Em função da classificação obtida na prova referida no número anterior, o candidato pode ainda ser admitido a uma prova oral, a qual pode, caso o júri assim prefira, ser realizada por teleconferência.

7 — Todos os documentos relacionados com a verificação da satisfação das condições de ingresso, incluindo as eventuais provas escritas efetuadas pelo estudante, passarão a integrar o seu processo individual.

Artigo 84.º

Conhecimento da língua em que é ministrado o curso

1 — A frequência de um ciclo de estudos de licenciatura exige um domínio independente da língua em que o mesmo for ministrado, de nível B2, de acordo com o Quadro Europeu Comum de Referência para Línguas.

2 — Com exceção dos que tenham frequentado o ensino secundário na língua em que o curso é ministrado, os candidatos a este concurso especial de acesso têm que apresentar um Diploma Elementar de Português Língua Estrangeira (DEPLE) ou da língua em que o curso é ministrado, consoante o caso, ou submeter-se e obter aprovação numa prova, realizada pela ESE/IPS, que demonstre possuir o nível B2 ou superior, à qual estão associados emolumentos, e que terá lugar em calendário publicitado anualmente, conforme especificado no artigo 15.º

Artigo 85.º

Vagas

1 — O Presidente do IPS fixará, anualmente, o valor máximo da percentagem das vagas fixadas para o concurso nacional de acesso de cada par escola/curso, a atribuir ao concurso de acesso aos cursos de licenciatura, para estudantes internacionais.

2 — O número de vagas para admissão de estudantes internacionais para cada par escola/curso de licenciatura é igualmente fixado, anualmente, pelo Presidente do IPS, mediante proposta expressa e suficien-

temente fundamentada do Diretor da escola que ministra o curso, a qual terá em consideração, designadamente:

- a) Os limites estabelecidos no n.º 1 do presente artigo;
- b) Os limites decorrentes dos critérios legais estabelecidos para o funcionamento das escolas e para a acreditação dos cursos, incluindo os limites que tenham sido aprovados no ato de acreditação dos cursos;
- c) Os recursos humanos e materiais da escola, em particular no que se refere à adequação do respetivo corpo docente;
- d) Os limites previamente fixados por despacho do membro do Governo responsável pela área do ensino superior, que podem prever a não abertura de vagas nalguns ciclos de estudos de licenciatura.
- e) As orientações gerais que sejam previamente estabelecidas pelo membro do Governo responsável pela área do ensino superior, ouvidos os organismos representativos das instituições, tendo em consideração, designadamente, a política nacional de formação de recursos humanos.

3 — O número de vagas fixado para os cursos de licenciatura, bem como a respetiva fundamentação, são comunicados anualmente à DGES.

4 — As vagas atribuídas ao concurso para estudantes internacionais, para os cursos de licenciatura, não são transferíveis entre os restantes regimes de acesso e ingresso no IPS.

5 — Os estudantes internacionais que pretendam ingressar nos cursos de mestrado candidatam-se através do concurso de acesso ao curso, sendo seriados conjuntamente com os restantes candidatos, pelo que não são atribuídas vagas específicas para este contingente.

Artigo 86.º

Instrução da candidatura

1 — Os estudantes internacionais que pretendam ingressar nos cursos de licenciatura submetem-se a um concurso especial de estudante internacional regulado pelos artigos seguintes.

2 — A candidatura às vagas para o concurso de estudante internacional de cursos de licenciatura é efetuada online, podendo, em caso de manifesta impossibilidade devidamente comprovada, ser apresentada presencialmente na DA do IPS.

3 — Para a candidatura é exigida a entrega de:

- a) Boletim de Candidatura, o qual inclui dados biográficos, académicos e profissionais, conforme modelo em vigor no IPS, para cada ciclo de estudo, devidamente preenchido;
- b) Documento(s) comprovativo(s) da titularidade da habilitação com que o estudante se candidata, bem como de todas as atividades referidas no Boletim de Candidatura;
- c) Fotocópia do documento de identificação.

4 — Os documentos devem ser redigidos na língua em que é ministrada a formação.

Artigo 87.º

Prova documental

1 — A classificação final é igual à classificação atribuída no diploma de ensino secundário português ou a ele equivalente.

2 — Para a tradução da classificação obtida nos diplomas equivalentes aos do ensino português são adotadas as tabelas de conversão usualmente aplicadas aos estudantes do IPS em mobilidade.

3 — Caso não exista, a tabela de conversão será aprovada pelo Presidente do IPS, sob proposta do júri.

Artigo 88.º

Prova escrita

1 — A prova escrita:

- a) Incide sobre os conteúdos das provas de ingresso fixadas para o ciclo de estudos, a que o estudante se candidata, no âmbito do regime geral de acesso e ingresso;
- b) Assegura que apenas são admitidos estudantes que demonstrem conhecimentos nas matérias das provas de ingresso de nível e conteúdo equivalentes aos dos estudantes admitidos através do regime geral de acesso e ingresso regulado pelo Decreto-Lei n.º 296-A/98, de 25 de setembro;
- c) Tem emolumentos associados.

2 — A forma e o conteúdo da prova são definidos pelo júri do concurso e aprovados pelo CTC da escola que ministra o curso.

3 — As regras a que se refere o número anterior são afixadas na escola e divulgadas no portal do IPS e da respetiva escola, sendo igualmente divulgada uma prova tipo.

4 — O local, data e hora de realização da prova escrita são definidos pelo júri, respeitando o calendário aprovado, e serão afixados na escola e divulgados no portal do IPS e da respetiva escola até 10 (dez) dias úteis antes da realização da mesma.

5 — A prova é classificada na escala de classificação portuguesa.

Artigo 89.º

Prova oral

1 — Os candidatos que obtenham uma classificação igual a 8 (oito) ou a 9 (nove) valores, na prova escrita, serão sujeitos a uma prova oral.

2 — O júri procederá à marcação e divulgação das datas, horas e locais da sua realização, obedecendo ao calendário previsto no artigo 15.º do presente Regulamento.

3 — A prova oral incide sobre os conteúdos abordados na prova escrita.

4 — A divulgação das datas das provas orais é efetuada até três dias úteis antes da sua realização, através de afixação na escola respetiva e publicação no portal do IPS.

Artigo 90.º

Classificação

1 — A classificação final dos candidatos é obtida através da seguinte ponderação das diferentes componentes de avaliação do candidato:

a) 65 % da classificação atribuída à prova documental, arredondada à primeira casa decimal;

b) 35 % da classificação obtida na prova escrita, arredondada à primeira casa decimal.

2 — A classificação final é expressa na escala de classificação portuguesa.

3 — São considerados aprovados os candidatos que obtenham uma classificação final, expressa no intervalo 10-20, na escala de classificação portuguesa.

4 — A classificação final é tornada pública através da afixação de uma pauta, com os resultados, nas escolas e divulgada no portal do IPS.

Artigo 91.º

Seriação e colocação

1 — O júri do concurso procede à elaboração da lista de seriação e colocação dos candidatos, tendo por base as classificações obtidas.

2 — Em caso de empates que conduzam a um número maior de colocados que o de vagas, o júri proporá a criação de vagas suplementares, competindo ao Presidente do IPS a sua aprovação, desde que não seja ultrapassado o limite que tenha sido aprovado no ato de acreditação do curso.

3 — A lista final de colocação será homologada pelo Presidente do IPS e publicitada nas escolas e no Portal do IPS.

Artigo 92.º

Ação social

Os estudantes internacionais beneficiam exclusivamente da ação social indireta, não podendo beneficiar de qualquer apoio financeiro direto.

Artigo 93.º

Integração social e cultural

O IPS, em colaboração com a Associação Académica do IPS (AAIPS) e entidades regionais e nacionais, organizará:

a) Módulos letivos que contribuam para o domínio da língua e cultura portuguesa dos estudantes internacionais, a realizar após o período de matrículas;

b) Outras iniciativas destinadas a promover a integração académica e social dos estudantes admitidos.

SECÇÃO IV

Provas especialmente adequadas destinadas a avaliar a capacidade para a frequência dos cursos superiores do IPS dos maiores de 23 anos

Artigo 94.º

Âmbito

A presente secção regula as Provas M23 do IPS, regulamentadas pelo Decreto-Lei n.º 64/2006, de 21 de março.

Artigo 95.º

Condições para requerer a inscrição

Podem inscrever-se para a realização das Provas M23 do IPS, os candidatos que completem 23 anos de idade até ao dia 31 de dezembro do ano que antecede a realização das provas.

Artigo 96.º

Inscrição

1 — Os candidatos podem inscrever-se para a realização das provas relativas a um ou mais cursos.

2 — A inscrição para a realização das provas é apresentada na DA do IPS.

3 — A inscrição é efetuada mediante a entrega de boletim de inscrição e documentos anexos exigidos para cada par escola/curso, bem como pagamento dos emolumentos previstos na Tabela de Taxas e Emolumentos do IPS.

Artigo 97.º

Prazo de inscrição e calendário de realização das provas

1 — O prazo de inscrição e o calendário geral de realização das provas são fixados anualmente por despacho do Presidente do IPS, publicado no *Diário da República* e divulgado no portal do IPS.

2 — O calendário abrange todas as ações relacionadas com as provas, incluindo os intervalos dentro dos quais devem ser fixados os prazos cuja determinação seja da competência dos júris previstos na presente secção, de acordo com o artigo 15.º

Artigo 98.º

Componentes da avaliação

1 — A avaliação da capacidade para a frequência de um curso superior no IPS integra três componentes obrigatórias:

a) A avaliação do currículo escolar e profissional do candidato, apresentado em documento próprio anexo ao boletim de inscrição;

b) A avaliação das motivações do candidato para o ingresso no par escola/curso, expressas em documento próprio anexo ao boletim de inscrição;

c) A realização de uma prova de avaliação de conhecimentos e competências considerados indispensáveis ao ingresso e progressão no ensino superior e no curso em que o candidato se pretende matricular.

2 — A avaliação pode ainda incluir a realização de uma entrevista, em caso de empate entre os candidatos.

Artigo 99.º

Periodicidade

As provas são realizadas anualmente.

Artigo 100.º

Avaliação do currículo e das motivações

1 — O júri aprecia a relevância do currículo escolar e profissional do candidato para o curso a que este se candidata, classificando-o na escala de classificação portuguesa.

2 — O júri avalia as motivações do candidato para a frequência do curso, classificando-as na escala de classificação portuguesa.

3 — As classificações a que se referem os números anteriores podem, caso o júri entenda necessário, ser baseadas também no resultado de uma entrevista com o candidato.

Artigo 101.º

Prova de avaliação de conhecimentos

1 — A forma e o conteúdo da prova a que se refere a alínea c) do n.º 1 do artigo 98.º são definidos, para cada curso, pelo júri do concurso e aprovados pelo CTC da escola em que aquele é ministrado.

2 — As regras a que se refere o número anterior são afixadas na escola e divulgadas no portal do IPS.

3 — O local, data e hora de realização da prova de conhecimentos são definidos pelo júri, afixados na escola e divulgados no portal do IPS até 3 (três) dias úteis antes da realização da mesma.

4 — A prova é classificada na escala de classificação portuguesa.

Artigo 102.º

Entrevista

1 — Caso o júri decida pela realização de entrevista, procederá à marcação das datas, horas e locais da sua realização, de acordo com o calendário previsto no artigo 97.º da presente secção.

2 — A divulgação das datas das entrevistas é efetuada até 3 (três) dias úteis antes da sua realização, através de afixação na escola respetiva e publicitação no portal do IPS.

Artigo 103.º

Classificação

1 — A classificação final é obtida através da seguinte ponderação das diferentes componentes de avaliação do candidato:

- a) 50 % da classificação atribuída ao currículo escolar e profissional;
- b) 20 % da classificação atribuída às motivações;
- c) 30 % da classificação obtida na prova de conhecimentos.

2 — Aos candidatos aprovados, o júri atribui uma classificação final, expressa no intervalo 10-20 da escala de classificação portuguesa.

3 — Caso a classificação final seja inferior a 10, o candidato será classificado como Não Aprovado.

4 — A classificação final é tornada pública através da afixação de uma pauta, com os resultados, nas escolas e divulgada no portal do IPS.

Artigo 104.º

Efeitos e validade

A aprovação nas provas a que se refere a presente secção constitui requisito para a candidatura aos Concursos Especiais do IPS, sendo válida no ano da aprovação e nos dois anos letivos subsequentes.

SECÇÃO V

Acesso e ingresso nos cursos técnicos superiores profissionais do IPS

Artigo 105.º

Objeto

A presente secção define as condições de acesso e ingresso nos CTeSP ministrados no IPS, regulados pelo Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, alterado pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro.

Artigo 106.º

Condições de acesso e ingresso

1 — Podem candidatar-se a CTeSP ministrados no IPS:

- a) Contingente 1 — os titulares de cursos de formação profissional de nível secundário ou equivalente, concluída nas entidades da rede de formação IPS, com aprovação em disciplinas nas áreas relevantes para o curso a que se candidatam;
- b) Contingente 2 — os titulares de um curso de ensino secundário ou de habilitação legalmente equivalente, com aprovação em disciplinas nas áreas relevantes para o curso a que se candidatam;
- c) Contingente 3 — os titulares de um CET, de um CTeSP ou de um grau de ensino superior;
- d) Contingente 4 — os aprovados nas Provas M23, realizadas no IPS, para o curso em causa, nos termos do Decreto-Lei n.º 64/2006, de 21 de março.

2 — Compete ao CTC da escola que ministra o curso estabelecer as áreas relevantes para cada curso.

Artigo 107.º

Número anual máximo de novas admissões

1 — O número anual máximo de novas admissões para cada CTeSP, bem como o número máximo de estudantes que pode estar inscrito em cada ciclo de estudos, em cada ano letivo, são fixados anualmente pelo Presidente do IPS, por edital, sob proposta do Diretor da escola que ministra o curso, estando sujeito aos limites fixados no ato do seu registo.

2 — No edital de fixação de número anual máximo de novas admissões será definido, igualmente, o número mínimo de estudantes exigidos para o funcionamento do curso.

3 — As vagas fixadas para cada par escola /Curso são:

- a) Divulgadas pela DA através de publicitação do edital no portal do IPS;
- b) São comunicadas à DGES, acompanhadas da respetiva fundamentação.

Artigo 108.º

Candidaturas

1 — A candidatura aos CTeSP realiza-se através de concurso organizado pelo IPS.

2 — O calendário de candidatura é fixado pelo Presidente do IPS, por edital, e deverá, para cada fase, incluir as seguintes etapas:

- a) Afixação das vagas e dos critérios de avaliação;
- b) Candidaturas online;
- c) Realização de orais, se aplicável (situações de empate);
- d) Envio da lista seriada dos candidatos colocados (todos os contingentes);
- e) Homologação e afixação da lista seriada dos candidatos colocados;
- f) Reclamações às listas;
- g) Decisão sobre as reclamações;
- h) Matrícula e inscrição dos candidatos colocados na 1.ª fase.

3 — A candidatura é efetuada online, no portal do IPS, e está sujeita ao pagamento de uma taxa fixada na tabela de taxas e emolumentos em vigor, não sendo a mesma devolvida em caso de indeferimento liminar, exclusão ou desistência.

4 — A candidatura é válida apenas para o ano letivo em que se realiza.

5 — A candidatura deve ser instruída com os seguintes documentos:

- a) Cópia do documento de identificação;
- b) Cópia do documento comprovativo da habilitação de que é detentor, devendo proceder à apresentação de um dos seguintes documentos:

i) Para os candidatos dos contingentes 1 e 2, referidos no artigo 106.º, certificado de conclusão de curso de ensino secundário ou de habilitação legalmente equivalente ou nota biográfica de acesso ao ensino superior;

ii) Para os candidatos do contingente 3 referidos no artigo 106.º, documento comprovativo da titularidade de CET, de CTeSP ou documento comprovativo da última inscrição em curso superior, português ou estrangeiro, com discriminação do plano de estudos, das unidades curriculares aprovadas, classificação obtida e, sempre que possível, créditos ECTS associados, bem como os programas detalhados e autenticados ou documento comprovativo da titularidade de Curso Superior;

iii) Para os candidatos do contingente 4, referidos no artigo 106.º, documento comprovativo da titularidade das Provas M23, realizadas no IPS, no mesmo ano ou nos dois anos precedentes, podendo a demonstração ser efetuada por minuta fornecida no processo de candidatura.

c) Cópia do documento comprovativo da satisfação do pré-requisito (quando aplicável);

d) Cópia dos programas de unidades curriculares/formação que pretenda ver creditadas, caso seja colocado (quando aplicável);

e) Comprovativo de residência ou local de trabalho;

f) Comprovativo das eventuais atividades exercidas.

6 — Cada candidato pode apresentar candidaturas em até dois cursos, devendo, nesse caso, indicar a ordem de preferência de cada candidatura, no respetivo formulário.

7 — Caso o candidato apresente mais do que uma candidatura e não indique a ordem de preferência ou a mesma seja efetuada de forma incoerente, a ordem de preferência das candidaturas será considerada igual à ordem da sua apresentação.

Artigo 109.º

Admissão e seriação

1 — As candidaturas submetidas nos termos do artigo 108.º:

- a) São admitidas, pelo júri, caso reúnam as condições de acesso e ingresso previstas no artigo 106.º;
- b) São admitidas condicionalmente, pelo júri, caso não apresentem cópia de documento referido na alínea b) do n.º 5 do artigo 108.º
- c) São excluídas, pelo júri, caso não satisfaçam qualquer das condições de acesso fixadas, sendo os candidatos notificados, pela DA, por correio eletrónico.

2 — Os candidatos serão seriados pela classificação associada à candidatura, numa escala inteira, pela aplicação sucessiva aos seguintes contingentes:

- a) 1 e 2;
- b) 3 e 4.

3 — A nota de candidatura dos candidatos admitidos pelos contingentes 1 e 2 é dada pela expressão:

$$C = \frac{1}{3} \times AF + \frac{2}{3} \times MC$$

AF — Coeficiente que pretende aferir a afinidade do curso de que o estudante é titular, tomando os seguintes valores:

- 20,0 — cursos da mesma área de educação e formação (CNAEF);
- 15,0 — cursos de áreas de educação e formação afins;

MC — Média final do curso secundário ou equivalente, na escala de classificação portuguesa, demonstrada através do certificado final de curso.

4 — Os candidatos admitidos pelo contingente 1, admitidos ao concurso, têm prioridade na ocupação de até 50 % das vagas fixadas, independentemente da classificação obtida.

5 — A nota de candidatura dos candidatos admitidos pelo contingente 3 é dada pela expressão:

$$C = \frac{1}{3} \times AF + \frac{1}{3} \times TF + \frac{1}{3} \times MC$$

em que:

AF — Coeficiente que pretende aferir a afinidade do curso de que o estudante é titular, tomando os seguintes valores:

- 20,0 — Cursos da mesma área científica;
- 15,0 — Cursos de áreas científicas afins;
- 10,0 — Outros cursos.

MC — Média final obtida no CET, no CTESP ou no curso superior de que é titular, na escala de classificação portuguesa;

TF — Coeficiente que pretende avaliar o tipo de formação de que o estudante é titular, tomando os seguintes valores:

- 20 — Doutoramento;
- 17 — Mestrado ou licenciatura de 240 a 300 ECTS;
- 13 — Bacharelato ou licenciatura com menos de 240 ECTS;
- 10 — CTESP ou CET.

6 — A nota de candidatura dos candidatos admitidos pelo contingente 4 é a classificação obtida na Prova M23, realizada no IPS, na escala de classificação portuguesa, demonstrada através do respetivo certificado.

7 — Se no certificado entregue não constar a média final, será atribuída a classificação de 10 valores.

8 — Caso o número de admitidos seja inferior ao número mínimo de colocados para garantir o funcionamento do curso, os colocados devem constar na pauta como “Colocados Condicionalmente”.

9 — Os candidatos “Colocados” no curso de 1.ª opção, são considerados como “Excluídos” no curso de 2.ª opção.

10 — Os candidatos “Não colocados” no curso de 1.ª opção, são considerados “Colocados” no curso de 2.ª opção, se posicionados como tal, e caso optem por não se matricular, as vagas ser-lhe-ão reservadas até ao final das matrículas de 2.ª fase, após confirmação de não existência de vaga no curso de 1.ª opção.

11 — Os candidatos “Colocados” no curso de 2.ª opção, que optem por se matricular, ficam impedidos de se matricular no curso de 1.ª opção, caso se venha a verificar a existência de vaga.

SECÇÃO VI

Concursos de acesso aos cursos de mestrado, pós-graduações e outras formações

Artigo 110.º

Âmbito

A presente secção constitui o conjunto de regras que regulam os concursos de acesso aos cursos de mestrado, pós-graduações e outras formações ministradas no IPS.

Artigo 111.º

Editais

1 — Compete ao Diretor da escola, que ministra o curso, elaborar o Edital que regula o funcionamento da edição do curso em cada ano letivo, que submete à aprovação do Presidente do IPS.

2 — Do edital constarão, entre outros:

- a) O número máximo de admissões (vagas);
- b) O número mínimo de admissões que garantem o funcionamento do curso;
- c) As regras específicas de admissão;
- d) O calendário das etapas do processo de admissão, os quais devem respeitar o estipulado no n.º 2 do artigo 15.º;
- e) As ponderações dos critérios de seleção;
- f) As propinas;
- g) As condições de funcionamento;
- h) As regras associadas à anulação da matrícula.

3 — Podem ser previstas até três fases de candidaturas de acesso, de forma a garantir o preenchimento da totalidade das vagas a concurso.

4 — Para as eventuais 2.ª e 3.ª fases de candidatura será aplicável o Edital inicial, havendo apenas que estabelecer:

- a) O número máximo de admissões (vagas);
- b) O calendário das etapas do processo de admissão.

Artigo 112.º

Regras sobre admissão

1 — Podem candidatar-se ao acesso aos mestrados ministrados nas escolas do IPS:

- a) Titulares do grau de licenciado ou equivalente legal na área do mestrado;
- b) Titulares de um grau académico superior estrangeiro na área do mestrado, conferido na sequência de um 1.º ciclo de estudos organizado de acordo com os princípios do Processo de Bolonha por um Estado aderente a este Processo;
- c) Titulares de um grau académico superior estrangeiro que seja reconhecido como satisfazendo os objetivos do grau de licenciado exigido como condição de acesso ao mestrado, pelo CTC da escola onde o curso é ministrado;
- d) Detentores de um currículo escolar, científico ou profissional, que seja reconhecido, pelo CTC da escola onde o curso é ministrado, como atestando capacidade para realização deste ciclo de estudos.

2 — As regras atrás definidas apenas não serão aplicáveis nos cursos em que a lei o imponha.

3 — Podem candidatar-se aos cursos de pós-graduação e outras formações ministradas pelas escolas, os detentores de formação estabelecida pelo CTC.

Artigo 113.º

Vagas

1 — Para cada edição será disponibilizado um número de vagas a aprovar pelo Presidente do IPS.

2 — A proposta de vagas é elaborada pelo Diretor da escola que ministra o curso, sujeita a parecer do CTC.

3 — Uma percentagem das vagas, referidas no n.º 1, podem ser reservadas para antigos estudantes da instituição, reingressos e a candidatos provenientes de entidades com as quais sejam estabelecidos protocolos.

Artigo 114.º

Candidaturas

1 — Os prazos de candidatura e respetivas fases são fixados pelo Presidente do IPS.

2 — A candidatura é efetuada online, no portal do IPS, e está sujeita ao pagamento de uma taxa fixada na tabela de taxas e emolumentos em vigor, não sendo a mesma devolvida em caso de indeferimento liminar, exclusão ou desistência.

3 — A candidatura é válida apenas para o ano letivo em que se realiza.

4 — A candidatura deve ser instruída com os seguintes documentos:

- a) Cópia do documento de identificação;
- b) Cópia do documento comprovativo de formação anterior (se aplicável);
- c) Cópia dos programas das UC creditáveis na formação;
- d) Outros documentos especificados no Edital.

Artigo 115.º

CrITÉRIOS de seleção e de seriação

1 — Os candidatos à matrícula são selecionados por um júri, tendo em consideração os critérios expressos no Edital do concurso.

2 — As ponderações a atribuir aos critérios serão fixadas pelo CTC da escola que ministra o curso de mestrado e constarão no Edital associado a cada edição.

3 — Podem ser efetuadas entrevistas aos candidatos para avaliar a sua motivação e clarificar aspetos do seu currículo académico, científico ou profissional.

Artigo 116.º

Creditação na admissão

1 — O júri do concurso de seleção procederá à análise dos programas das UC submetidas na candidatura e elaborará o plano de integração curricular do candidato.

2 — O estudante pode solicitar, dentro dos prazos estabelecidos e conforme definido na secção seguinte, que lhe sejam creditadas competências por reconhecimento e validação de competências.

CAPÍTULO III

Creditações

SECÇÃO I

Processo de reconhecimento e validação de competências do IPS

Artigo 117.º

Âmbito

A presente secção define o processo de reconhecimento e validação de competências adquiridas em contextos não formais e informais, de estudantes matriculados e inscritos no IPS, de acordo com a alínea c) do n.º 1 do artigo 45.º, Capítulo VII, do Decreto-Lei n.º 107/2008, de 25 junho.

Artigo 118.º

Conceitos

Consideram-se competências adquiridas em contextos não formais e informais as aprendizagens/competências de que os candidatos fazem prova possuir e que não estão certificadas no âmbito do Ensino Superior nem de outros ciclos de estudos.

Artigo 119.º

Condições para a candidatura

1 — Podem candidatar-se ao reconhecimento e validação de competências os estudantes com um mínimo de 3 (três) anos de experiência profissional, experiência de voluntariado ou outras atividades consideradas relevantes no âmbito do curso ou da(s) UC em que realiza a candidatura.

2 — Na entrega da candidatura é obrigatória a apresentação de meios de prova da condição referida no número anterior.

Artigo 120.º

Prazos e periodicidade

1 — As candidaturas são apresentadas na DA do IPS.

2 — O prazo anual para apresentação das candidaturas decorre no período de 1 de outubro a 30 de novembro de cada ano.

3 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, para os estudantes que tenham iniciado formação pós-graduada com data posterior a 1 de janeiro do ano civil seguinte, é aberto um prazo excecional de apresentação de candidaturas, que decorrerá de 1 de fevereiro a 31 de março.

4 — Findo o prazo para apresentação de candidaturas, estas são enviadas à Unidade de Desenvolvimento, Reconhecimento e Validação de Competências do IPS (UDRVC-IPS) pela DA, no prazo de 3 (três) dias úteis.

Artigo 121.º

Instrução da candidatura

1 — A candidatura é instruída mediante a entrega da seguinte documentação:

- a) Requerimento de candidatura dirigido ao Presidente do IPS;
- b) Portefólio de competências e comprovativos;
- c) Ficha Pessoal;
- d) Carta de Motivações;
- e) *Curriculum Vitae* em modelo europeu.

2 — As candidaturas que não se encontrem instruídas de acordo com a presente secção serão admitidas condicionalmente, pelo Presidente de Júri, sendo os candidatos notificados para, no prazo de cinco dias, apresentarem os elementos em falta.

3 — Findo o prazo previsto no número anterior sem que tenha existido a apresentação dos elementos em falta ou que sem que estes sejam suficientes, as candidaturas serão excluídas por decisão fundamentada do Presidente de Júri.

Artigo 122.º

Portefólio de competências

1 — O portefólio de competências (modelo do IPS) deverá conter a seguinte informação:

- a) Descrição de funções/atividades realizadas;
- b) Explicitação das aprendizagens e competências adquiridas e a sua correspondência com a(s) UC(s) em que se pretende o reconhecimento.

2 — O portefólio de competências terá de incluir os comprovativos, declarações ou certificados que comprovem a realização das atividades e a sua duração, emitidas pela(s) entidade(s) empregadora(s), de voluntariado ou outra(s) relevante(s), sob pena de a atividade correspondente não ser considerada como comprovada para análise do processo.

3 — O portefólio de competências poderá incluir outros elementos considerados pertinentes para a apreciação da candidatura.

4 — A preparação do portefólio de competências é da responsabilidade do candidato.

Artigo 123.º

Limites

1 — Os estudantes podem apresentar até ao máximo de duas candidaturas em cada ciclo de estudos.

2 — Os estudantes podem requerer o reconhecimento e validação de competências para uma ou mais UC constantes dos planos de estudos dos cursos do IPS que frequentam, até ao limite de 1/3 do número total de ECTS de cada ciclo de estudos.

3 — Em função da especificidade das UC, o CTC de cada escola do IPS deverá definir aquelas em que não é possível obter o reconhecimento.

Artigo 124.º

Competências específicas do Júri de RVC

1 — Ao júri de RVC, constituído de acordo com o estipulado no artigo 16.º, compete:

- a) Analisar o portefólio de competências do candidato;
- b) Realizar uma entrevista com o candidato;
- c) Propor e realizar provas complementares, caso considere necessário;
- d) Tomar a decisão final sobre o tipo de validação a atribuir em cada UC e a atribuição dos ECTS correspondentes;
- e) Propor, no caso de validação parcial, um plano individual de formação que o candidato terá de seguir de modo a obter a totalidade dos créditos ECTS da(s) UC(s), indicando a(s) atividade(s) a realizar e o(s) respetivo(s) prazo(s);
- f) Elaborar um parecer fundamentado para cada UC com base na apreciação dos elementos do Portefólio, entrevista e provas complementares.

2 — Ao presidente de júri compete:

- a) Verificar a correta instrução das candidaturas;
- b) Propor ao CTC os membros do júri de cada candidatura, indicando os vogais considerados adequados e necessários;
- c) Notificar o candidato da realização da entrevista e de eventuais provas complementares;
- d) Enviar a decisão do júri para ratificação ao CTC da escola;
- e) Devolver os processos relativos ao período anual de candidaturas e a respetiva decisão à UDRVC-IPS até ao dia 15 de março do ano civil seguinte;
- f) Devolver os processos relativos ao período excecional de candidaturas e a respetiva decisão à UDRVC-IPS até ao dia 15 de julho do respetivo ano civil.

Artigo 125.º

Tipo e efeitos do processo de validação

1 — O processo de validação é feito com base no referencial de competências da(s) UC.

2 — Em cada UC, o resultado final do processo de validação poderá ser:

- a) Validação total, traduzindo-se na menção qualitativa de aprovado, sem classificação para efeitos de diploma, com atribuição do número de créditos ECTS correspondentes;
- b) Não validação, traduzindo-se na menção qualitativa de não aprovado, sem atribuição de créditos ECTS.

3 — Existe a possibilidade de validação parcial, de caráter condicional, que, sujeita aos requisitos previstos na alínea e) do n.º 1 do artigo 124.º, tomará caráter definitivo, de acordo com o disposto no número anterior.

Artigo 126.º

Comunicação da decisão

1 — A decisão é transmitida ao candidato, por correio eletrónico, através de uma informação da UDRVC IPS até 5 (cinco) dias úteis após a receção do processo proveniente das escolas.

2 — A UDRVC-IPS comunica a decisão à DA do IPS para que conste no processo do estudante.

SECÇÃO II

Creditação de unidades curriculares do IPS

Artigo 127.º

Objetivo

A presente secção regula o processo de creditação de UC de estudantes matriculados nas escolas do IPS, com vista ao prosseguimento de estudos para obtenção de um grau académico ou diploma, de acordo com os artigos 45.º, 45.º-A e 45.º-B do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, alterado pelo Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto e pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro.

Artigo 128.º

Âmbito e limites quantitativos ao processo de creditação

1 — Conducente ao prosseguimento de estudos para a obtenção de grau académico ou diploma, as escolas do IPS:

- a) Creditam a formação realizada no âmbito de outros ciclos de estudos superiores conferentes de grau em estabelecimentos de ensino superior nacionais ou estrangeiros, quer a obtida no quadro da organização decorrente do Processo de Bolonha, quer a obtida anteriormente;
- b) Creditam a formação realizada no âmbito dos CTeSP até ao limite de 50 % do total dos créditos do ciclo de estudos em que o estudante se encontra;
- c) Creditam as UC realizadas com aproveitamento, e ministradas em instituições de ensino superior, efetuadas isoladamente, até ao limite de 50 % do total dos créditos do ciclo de estudos;
- d) Podem atribuir créditos pela formação realizada no âmbito de cursos não conferentes de grau académico em estabelecimentos de ensino superior nacionais ou estrangeiros, até ao limite de 50 % do total dos créditos do ciclo de estudos;
- e) Creditam a formação realizada no âmbito dos CET até ao limite de um terço do total dos créditos do ciclo de estudos em que o estudante se encontra matriculado;

f) Podem atribuir créditos por outra formação não abrangida pelas alíneas anteriores, até ao limite de um terço do total dos créditos do ciclo de estudos;

g) Podem atribuir créditos pela experiência profissional devidamente comprovada, até ao limite de um terço do total dos créditos do ciclo de estudos, nos termos da secção relativa ao Processo de Reconhecimento e Validação de Competências do IPS.

2 — O conjunto dos créditos atribuídos ao abrigo das alíneas d) a g) do número anterior não pode exceder dois terços do total dos créditos do ciclo de estudos.

3 — Nos ciclos de estudos conducentes aos graus de mestre, os limites à creditação fixados pelos números anteriores referem-se exclusivamente à sua parte curricular.

Artigo 129.º

Prazos

1 — As creditações são requeridas nos seguintes prazos:

- a) No ato de matrícula ou inscrição, para as creditações relativas às alíneas a) a f), do n.º 1 do artigo 128.º;
- b) Nos termos e prazos estabelecidos na secção relativa ao Processo de Reconhecimento e Validação de Competências do IPS, para as creditações relativas à alínea g), do n.º 1 do artigo 128.º

2 — Excetuam-se do número anterior, as creditações relativas a processos de mobilidade, que se efetuam nos termos do artigo 134.º

Artigo 130.º

Limites

1 — Em cada ciclo de estudos, podem ser apresentados até ao máximo de dois requerimentos de creditações, incluindo qualquer uma das modalidades das referidas no artigo 128.º

2 — Apenas são aceites novos pedidos de creditação de UC a que o estudante tenha obtido aprovação em data posterior à apresentação do seu último pedido de creditações.

Artigo 131.º

Instrução dos requerimentos

1 — Para as creditações relativas à alínea g), do n.º 1 do artigo 128.º, o requerimento é efetuado em formulário próprio, dirigido ao Presidente do IPS, entregue na DA, acompanhado de Dossier/Portefólio de competências e comprovativos, conforme especificado na secção relativa ao Processo de Reconhecimento e Validação de Competências do IPS.

2 — Para as creditações relativas às restantes alíneas, o requerimento é efetuado em formulário próprio, dirigido ao Presidente do CTC da respetiva escola, no ato de matrícula ou na inscrição em anos posteriores.

3 — Na inscrição em anos posteriores, o requerimento é acompanhado dos seguintes documentos:

- a) Para as creditações requeridas ao abrigo das alíneas a), b), c) e e) do n.º 1 do artigo 128.º, certidão de aproveitamento com a totalidade das UC ou unidades de formação (UF) aprovadas e programas detalhados das mesmas, com discriminação de ECTS e cargas letivas, no caso de formações efetuadas em instituição diferente do IPS;
- b) Para as creditações requeridas ao abrigo das alíneas d) e f) do n.º 1 do artigo 128.º, certidão de aproveitamento com a totalidade das UC ou UF aprovadas, com informação detalhada relativa aos conteúdos lecionados e cargas letivas, no caso de formações efetuadas em instituição diferente do IPS;
- c) Para as formações efetuadas no IPS, da listagem das UC ou UF aprovadas.

Artigo 132.º

Análise dos requerimentos

1 — A avaliação dos requerimentos de creditações relativas à alínea g), do n.º 1 do artigo 128.º é realizada nos termos da secção relativa ao Processo de Reconhecimento e Validação de Competências do IPS.

2 — A análise das creditações é efetuada pelo júri do respetivo concurso de acesso, sendo a proposta de creditação aprovada pelo CTC de cada escola.

3 — Para os restantes requerimentos e de acordo com a natureza dos pedidos de creditação, o CTC de cada escola nomeia um júri que analisa e propõe uma decisão sobre os mesmos.

4 — O júri é constituído, no mínimo, por três docentes, um dos quais preside.

5 — O presidente do júri, em função do número de candidatos e da especificidade das UC envolvidas, poderá propor ao CTC a cooptação dos vogais considerados necessários.

6 — As propostas de decisão do júri são submetidas ao CTC para homologação.

7 — O CTC dá conhecimento da decisão ao Diretor da escola, que a remete à DA, para efeitos de registo no processo individual do estudante.

Artigo 133.º

Creditação

1 — A creditação tem em consideração as áreas científicas, o nível dos créditos ECTS e as competências das UC em que foram obtidos.

2 — Não é permitida a creditação de partes de UC, pelo que não pode ser exigida a execução de trabalho complementar ao estudante tendo em vista a creditação total.

3 — Excetua-se do número anterior a atribuição de créditos ao abrigo da alínea g) do n.º 1 do artigo 128.º a qual pode ser total ou parcialmente condicionada à realização de procedimentos de avaliação de conhecimentos específicos, nos termos da secção relativa ao Processo de Reconhecimento e Validação de Competências do IPS.

4 — A creditação não é condição suficiente para o ingresso no ciclo de estudos e apenas produz efeitos após a admissão nesse mesmo ciclo de estudos.

5 — No caso de mudança entre cursos ministrados na mesma escola do IPS, são automaticamente creditadas pela DA, após inscrição do estudante, as UC constantes de relação previamente aprovada pelo respetivo CTC.

6 — No caso de reingressos, o número de créditos a realizar para a atribuição do grau ou diploma não pode ser superior à diferença entre o número de créditos total necessário para a atribuição do grau ou diploma e os créditos da totalidade da formação obtida durante a anterior inscrição no mesmo curso ou no curso que o antecedeu.

7 — No caso de reingressos e em casos devidamente fundamentados em que, face ao nível ou conteúdo de algumas UC, não seja possível considerar a totalidade da formação obtida durante a anterior inscrição, o número de créditos a realizar para a atribuição do grau ou diploma não pode ser superior em 10 % ao que resulta da aplicação da regra fixada pelo número anterior.

8 — Para as formações de que o estudante é titular e que não estejam expressas em créditos, o CTC procede à respetiva definição, recorrendo, se necessário, à colaboração do estabelecimento de ensino superior de origem.

Artigo 134.º

Creditação de formação no âmbito de programas de mobilidade

1 — No âmbito de um processo de mobilidade, é celebrado um contrato de estudos (Learning Agreement) entre o estudante, o Coordenador/Diretor de Curso e o Coordenador de Mobilidade da respetiva escola, aprovado pelo respetivo CTC, o qual contém as UC do plano de estudos a frequentar no IPS e na instituição de ensino superior de acolhimento.

2 — O contrato de estudos pode conter UC do plano de estudos em que o estudante não esteja inscrito no ano letivo e em que ainda não tenha obtido aprovação, desde que a respetiva inscrição obedeça, de qualquer forma, aos limites de créditos ECTS estabelecidos em regulamentação do IPS para as inscrições nos ciclos de estudos, em cada ano letivo.

3 — A aprovação do contrato de estudos implica que o estudante tenha creditação automática, desde que obtenha aproveitamento às UC que nele constam.

4 — O registo da creditação é efetuado no processo do estudante após receção do Registo Académico do estudante (Transcript of Records) proveniente da instituição de acolhimento.

Artigo 135.º

Classificação

1 — Quando se tratem de UC realizadas em instituições de ensino superior nacionais, a classificação das UC creditadas é a classificação atribuída pelo estabelecimento de ensino onde as mesmas foram realizadas.

2 — Quando, para uma creditação, concorra mais do que uma UC, a classificação deverá ter em conta as classificações das mesmas, tendo em consideração o nível dos créditos.

3 — Quando se trate de UC realizadas em estabelecimentos de ensino superior estrangeiros, a classificação das UC creditadas:

a) É a classificação atribuída pelo estabelecimento de ensino superior estrangeiro, quando este utiliza a mesma escala de classificação portuguesa;

b) É a classificação resultante da conversão proporcional da classificação obtida para a escala de classificação portuguesa, quando o estabelecimento de ensino superior estrangeiro adote uma escala diferente desta.

c) É a classificação resultante do processo de conversão das classificações, da responsabilidade do Coordenador da Mobilidade, que elabora tabela e procede à sua entrega no Centro para a Internacionalização e Mobilidade (CIMOB-IPS), devidamente datada e assinada, no caso de UC associadas a programas de mobilidade.

4 — No caso do número anterior e com fundamento em manifestas diferenças de distribuição estatística entre as classificações atribuídas pelo estabelecimento de ensino superior estrangeiro e o IPS, o estudante pode requerer ao CTC, fundamentadamente, a atribuição de uma classificação superior à resultante das regras indicadas.

5 — No âmbito de um processo de reconhecimento e validação de competências profissionais, nos termos da secção relativa ao Processo de Reconhecimento e Validação de Competências do IPS, o resultado final traduz-se em Aprovado ou Não Aprovado nas UC, sem classificação.

Artigo 136.º

Caráter urgente do processo de creditação

À exceção das creditações relativas à alínea g), do n.º 1 do artigo 128.º, o procedimento de creditação tem caráter urgente e deve ser realizado em prazo compatível com a inscrição do estudante e a frequência do curso no ano ou semestre letivo para que aquela é requerida, não devendo exceder os 30 (trinta) dias seguidos.

Artigo 137.º

Notificação das decisões

1 — As creditações concedidas são registadas no processo individual do estudante, correspondendo-lhe a anulação imediata de eventual inscrição não concluída, na UC.

2 — Após a creditação, a DA procede, no prazo de 2 (dois) dias, à notificação do resultado ao estudante, através de correio eletrónico, para o endereço institucional que lhe foi disponibilizado.

Artigo 138.º

Regras de inscrição e de classificação de estudantes que solicitem creditações

1 — No ato de matrícula ou inscrição, são aplicáveis as regras em vigor no IPS, não tendo em conta as UC a que o estudante solicita creditação.

2 — Após a conclusão do processo de creditação requerido no ato de matrícula, a DA convoca o estudante, no prazo de 10 (dez) dias úteis, para proceder ao acerto da sua inscrição.

3 — Caso a notificação do resultado das creditações relativas à alínea g) do n.º 1 do artigo 128.º ou das requeridas em inscrições posteriores ocorra após a época de avaliações a que o estudante se tenha submetido, ficará a constar no seu processo a classificação mais elevada e a forma como foi alcançada (em inscrição normal ou por creditação).

4 — Caso o resultado das creditações ocorra e o estudante seja notificado antes da época de avaliações, poderá solicitar que a sua inscrição seja transformada em melhoria, sem pagamento de emolumentos.

5 — Após a finalização do processo de creditação, a DA procede, no prazo de 5 (cinco) dias úteis, ao acerto do ano curricular do estudante, notificando-o do número de créditos a que se pode ainda inscrever, no ano letivo em causa.

6 — Se das creditações resultar a integração em ano avançado do curso, a mesma só se concretizará se o ano em causa se encontrar em funcionamento.

7 — Após conhecimento da notificação, o estudante tem 5 (cinco) dias úteis para proceder, querendo, ao acerto da sua inscrição no ano letivo.

Artigo 139.º

Regras relativas à documentação produzida

1 — Nas listagens das UC aprovadas, constantes de documentos produzidos pela DA, às UC creditadas ficará associada uma observação, contendo a referência a uma das seguintes alíneas:

i.1) Formação realizada no mesmo curso, no IPS, em plano de estudos precedente;

i.2) Formação realizada noutro ciclo de estudos superior conferente de grau, em estabelecimentos de ensino superior nacionais ou estrangeiros;

- ii) Formação realizada no âmbito de programa de mobilidade nacional ou internacional;
- iii) Formação realizada em cursos técnicos superiores profissionais;
- iv) Formação realizada em cursos de especialização tecnológica;
- v) Unidades curriculares isoladas realizadas em estabelecimentos de ensino superior;
- vi) Formação realizada em cursos não conferentes de grau, em estabelecimentos de ensino superior nacionais ou estrangeiros;
- vii) Creditação por reconhecimento de competências profissionais;
- viii) Outra formação não abrangida nas alíneas i) a vii).

2 — O estudante não poderá solicitar programas e cargas horárias das UC creditadas, dado não terem sido por ele frequentadas no IPS.

CAPÍTULO IV

Frequência de unidades curriculares subsequentes e isoladas

Artigo 140.º

Âmbito

1 — Aos estudantes inscritos num ciclo de estudos, o IPS faculta a inscrição em UC de ciclos de estudos subsequentes, de acordo com o artigo 46.º do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, alterado pelo Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto e pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro.

2 — O IPS faculta ainda a inscrição, de forma isolada, nas UC que ministra e se encontrem em funcionamento, a estudantes inscritos num curso de ensino superior, bem como a outros interessados, de acordo com o artigo 46.º-A do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, alterado pelo Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto e pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro.

3 — As UC de ciclos de estudos subsequentes apenas podem ser frequentadas na modalidade de UC subsequentes e exigem que o estudante se encontre inscrito no curso precedente.

Artigo 141.º

Inscrição em UC subsequentes

1 — Podem solicitar inscrição em UC subsequentes:

- a) De ciclos de estudo de cursos de licenciatura, os estudantes inscritos em CTeSP;
- b) De ciclos de estudo de cursos de mestrado, os estudantes inscritos em cursos de licenciatura.

2 — O pedido é formulado através de requerimento em modelo próprio, na DA.

3 — A autorização é aprovada pelo Presidente do CTC, mediante parecer do Coordenador/Diretor de Curso, ouvido o RUC.

Artigo 142.º

Candidatos a UC isoladas

1 — Podem candidatar-se à frequência de UC isoladas de CTeSP ou de cursos de licenciatura:

- a) Os estudantes de qualquer estabelecimento do ensino superior português ou estrangeiro;
- b) Os aprovados nas Provas M23, em UC do(s) curso(s) para o(s) qual(uais) prestaram as provas;
- c) Os estudantes de CTeSP de qualquer estabelecimento de ensino português;
- d) Os detentores do 12.º ano ou equivalente;
- e) Outros considerados pelos CTC como aptos para a frequência das UC pretendidas, através da respetiva análise curricular.

2 — Podem candidatar-se à frequência de UC isoladas de ciclos de estudo de mestrado ou de pós-graduação:

- a) Os detentores de uma licenciatura, da mesma área de estudos, do IPS ou de outro estabelecimento de ensino superior;
- b) Outros considerados pelos CTC como aptos para a frequência das UC pretendidas, através da respetiva análise curricular.

Artigo 143.º

UC disponíveis à frequência/inscrição

1 — As UC disponíveis para candidatura a frequência/inscrição como subsequentes ou isoladas são as constantes dos planos de estudos dos

cursos em funcionamento no ano letivo, respeitando o regime de precedências, caso exista.

2 — Os CTC podem determinar quais as UC que não serão disponibilizadas para frequência/inscrição como subsequentes ou isoladas, devendo as mesmas constar de lista disponível para consulta no portal do IPS.

3 — A aceitação dos candidatos está sempre condicionada à capacidade de integração de novos estudantes nas UC pretendidas.

4 — A competência para decidir sobre a capacidade de integração é do Diretor da escola, ouvidos os CTC e o Coordenador/Diretor de Curso.

Artigo 144.º

Edital de candidaturas a UC isoladas

1 — Os prazos de candidaturas a UC Isoladas são fixados pelo Diretor de cada escola e divulgados, conjuntamente com as condições de acesso, no Portal do IPS.

2 — Os prazos de candidaturas não podem ultrapassar o final do primeiro mês letivo de cada semestre/trimestre.

3 — O calendário deverá respeitar a informação referida no n.º 2 do artigo 15.º

4 — O Edital deverá apresentar a listagem das UC sem capacidade de integração.

Artigo 145.º

Candidaturas a UC isoladas

As candidaturas são efetuadas online no Portal do IPS, acompanhadas do *Curriculum Vitae* do candidato e de comprovativo da habilitação académica.

Artigo 146.º

Apreciação das candidaturas a UC isoladas

1 — As candidaturas são analisadas e seriadas pelo Coordenador/Diretor de Curso a que as UC pertencem.

2 — Os candidatos são seriados com base na análise do *Curriculum Vitae*.

3 — A lista de seriação será homologada pelo Presidente do CTC.

Artigo 147.º

Regras de inscrição

1 — O número de créditos ECTS das UC subsequentes ou isoladas adicionado ao número de créditos a que o estudante se encontra inscrito, no curso que frequenta, está limitado a um máximo de 60 em cada ano letivo, para os cursos em regime diurno e pós-laboral, ou ao número de créditos do ano do plano de estudos em que o estudante se encontra inscrito, no caso de cursos noturnos.

2 — No caso de estudantes de pleno sucesso, no ano letivo anterior, a que as regras de inscrição conduzem à inscrição em 60 créditos ECTS, nos cursos diurnos e pós-laborais, ou igual ao número de créditos do ano do plano de estudos em que o estudante se inscreve, no caso de cursos noturnos, número de créditos ECTS referido no número anterior é acrescido de 15.

3 — Caso o estudante se inscreva em UC isoladas do próprio curso, os créditos ECTS correspondentes serão adicionados aos restantes, para efeitos da verificação da regra de inscrição.

4 — Para efeitos do n.º 2, não são consideradas UC isoladas do próprio curso as pertencentes a ramos distintos daquele em que está inscrito, nem as restantes UC integrantes de grupos de opção já realizados.

5 — O estudante finalista que esteja legalmente inscrito no ano letivo e que possa concluir o curso até 20 de dezembro desse ano letivo, que no final do ano letivo anterior tenha efetuado candidatura a curso subsequente e que nele tenha ficado colocado condicionalmente, pode solicitar a inscrição na totalidade das UC do 1.º semestre desse curso, na modalidade de UC subsequentes.

Artigo 148.º

Propina associada a UC subsequentes e isoladas

1 — As UC isoladas têm associada uma propina em função dos créditos ECTS e do valor de propina por crédito da formação a que pertencem, majorados por um coeficiente estabelecido pelo Conselho Geral do IPS.

2 — Caso a soma dos créditos a que o estudante se inscreve no curso que frequenta com os créditos das UC subsequentes não exceda os 40 créditos ECTS, a inscrição fica isenta de pagamento de propinas adicionais.

3 — Todos os créditos em excesso, a partir dos 40, têm uma propina associada igual às UC isoladas.

Artigo 149.º

Avaliação e creditação

1 — A inscrição em UC subsequentes ou isoladas permite o acesso aos regimes de avaliação disponibilizados pela UC (avaliação contínua, época normal e época de recurso).

2 — As UC em que o candidato obtenha aprovação como UC subsequentes:

- a) São objeto de certificação;
- b) São creditadas caso o estudante se matricule no ciclo de estudos em causa;
- c) São incluídas em suplemento ao diploma.

3 — As UC em que o candidato obtenha aprovação como UC isoladas:

- a) São objeto de certificação;
- b) São obrigatoriamente creditadas até ao máximo de 50 % do total dos créditos do ciclo de estudos, caso o seu titular nele se venha a inscrever;
- c) São incluídas em suplemento ao diploma, caso não pertençam ao plano de estudos em que o estudante está matriculado.

4 — A creditação de UC isoladas do próprio curso é, por regra, efetuada na inscrição do ano letivo seguinte.

5 — A creditação de UC isoladas do próprio curso apenas poderá ser efetuada no próprio ano letivo caso os créditos ECTS da UC, adicionados aos créditos a que o estudante se inscreveu no início do ano letivo, não violem as regras de inscrição.

6 — Nos cursos de mestrado, o limite à creditação fixados na alínea b) do n.º 3 do presente artigo refere-se ao conjunto das UC que constituem o curso de especialização.

7 — As UC isoladas em que o candidato não se sujeite a avaliação ou não obtenha aprovação são objeto de emissão de certidão de frequência, desde que tenha uma assiduidade superior a 75 %.

CAPÍTULO V**Estágios de CTeSP**

Artigo 150.º

Âmbito

O presente capítulo destina-se a estabelecer as normas e os procedimentos relativos aos estágios curriculares em contexto de trabalho dos planos de estudos de todos os CTeSP ministrados nas Escolas do IPS, de acordo com o Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, alterado pelo Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto, e pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro.

Artigo 151.º

Destinatários

As presentes regras aplicam-se a todos os estudantes inscritos nos CTeSP ministrados nas Escolas do IPS, que integrem esta componente nos seus planos de estudos, e que reúnam as condições para nele se inscreverem.

Artigo 152.º

Serviços administrativos de gestão dos estágios

1 — Compete às Escolas do IPS, através dos respetivos serviços administrativos de gestão dos estágios e do RUC de Estágio, em coordenação com o Diretor/Coordenador de Curso, proceder à angariação dos estágios necessários.

2 — O estudante poderá diligenciar no sentido de angariar o seu próprio estágio, o qual estará sujeito a aceitação por parte do RUC de Estágio, ouvido o Diretor/Coordenador de Curso, mediante a apresentação de proposta de Ficha de Oferta de Estágio e da posterior celebração de um Protocolo de Estágio entre a entidade e o IPS.

3 — Na situação referida no n.º 2, a aceitação do local de estágio carece do envio do Protocolo de Estágio à DGES, a ser efetuado improrrogavelmente até ao final do mês de outubro de cada ano.

Artigo 153.º

Responsabilidade

O processo conducente à obtenção e atribuição de lugares de estágio para os estudantes, bem como dos respetivos Orientadores de Estágio,

é da responsabilidade do RUC de Estágio, em coordenação com o Diretor/Coordenador de Curso.

Artigo 154.º

Manifestação de interesse

O estudante deve manifestar o seu interesse na realização de estágio, junto dos respetivos serviços administrativos de gestão dos estágios da Escola ou, caso não exista, do RUC de Estágio através da entrega de ficha de inscrição, dentro dos prazos estabelecidos pela Escola.

Artigo 155.º

Requisitos para a frequência do estágio

1 — As Escolas podem estabelecer requisitos de sucesso escolar para a frequência do estágio.

2 — Caso o estudante não reúna os requisitos previstos no número anterior, o RUC de Estágio deverá informar a Divisão Académica, de forma a que esta proceda ao acerto da inscrição do estudante, no ano letivo, e o informe.

3 — Competirá sempre ao estudante garantir a disponibilidade temporal para a realização do respetivo estágio.

4 — Outras situações excecionais serão apreciadas pelo Diretor da Escola, mediante parecer do Diretor/Coordenador de Curso.

Artigo 156.º

Crítérios de atribuição do Estágio

1 — A distribuição dos estudantes pelas entidades de acolhimento será efetuada pelo RUC de Estágio, em coordenação com o Diretor/Coordenador de Curso, tendo em conta as preferências dos estudantes e os critérios definidos pelas Escolas ou entidades de acolhimento, a publicar em devido tempo.

2 — Para a aplicação do número anterior pode ser exigida a entrega do *Curriculum Vitae* do estudante nos serviços administrativos de gestão dos estágios da Escola.

3 — A atribuição do estágio será comunicada ao estudante, pelo RUC de Estágio, até uma semana antes do início do estágio, através do endereço de correio eletrónico IPS.

Artigo 157.º

Entidade de acolhimento

1 — A entidade de acolhimento celebrará um protocolo de estágios com o IPS, no processo de registo do curso ou posteriormente, o qual será dado conhecimento à DGES.

2 — Compete à entidade de acolhimento indicar o supervisor de estágio, com formação ou experiência adequada ao estágio a supervisionar.

3 — Compete ao RUC de Estágio avaliar a adequação da entidade de estágio para os objetivos do estágio e autorizar o mesmo.

4 — As entidades que colaborem com o IPS na realização de estágios comprometem-se a assegurar condições para o exercício diversificado de competências, que possam ser consideradas no âmbito próprio da qualificação do estudante, em conformidade com o Plano de Estágio.

5 — No caso dos trabalhadores-estudantes, salvaguardando o disposto no artigo 3.º, a entidade de acolhimento poderá ser, excecionalmente e mediante aprovação do RUC de Estágio, a entidade onde trabalhe, desde que nela possa desenvolver atividades no âmbito das associadas ao curso e ao correspondente nível de estudos e que a entidade aceite celebrar o protocolo de estágios com o IPS, a remeter à DGES.

6 — O seguro escolar a que os estudantes têm direito abrange igualmente o período de estágio em contexto de trabalho, na entidade de acolhimento.

Artigo 158.º

Orientador e supervisor do estágio

1 — O orientador de estágio acompanhará as atividades do estudante estagiário, no decurso de todo o estágio, servindo de interlocutor com a instituição de acolhimento, se necessário.

2 — O supervisor do estágio será responsável pela supervisão e acompanhamento do estudante estagiário na respetiva entidade.

3 — O orientador e o supervisor deverão orientar, conjuntamente, o estágio nos termos e condições definidas no presente Regulamento.

Artigo 159.º

Contrato de estágio

1 — O estágio formaliza-se com a celebração de um contrato de estágio.

2 — O contrato estabelecerá as formas de cooperação e as responsabilidades das instituições participantes, tendo em vista o aproveitamento das potencialidades científicas, técnicas e humanas de ambas as instituições.

3 — O contrato de estágio será produzido, em triplicado, pelos serviços administrativos de gestão dos estágios da Escola, antes do início do estágio, convocando o estudante estagiário para assinatura.

4 — O Diretor da Escola procede à assinatura dos três exemplares, enviando-os à entidade de acolhimento, que devolverá dois dos exemplares devidamente assinados.

5 — Um dos exemplares do Contrato de Estágio será enviado ao estudante estagiário e o outro é enviado ao RUC de Estágio, que o incluirá no Dossier de Estágio do estudante estagiário, no final do processo, antes de o remeter à Divisão Académica.

Artigo 160.º

Plano de Estágio

1 — O Plano de Estágio estabelece o conjunto de atividades profissionais relacionadas com a área de formação do estudante estagiário que serão executadas durante o estágio.

2 — O Plano de Estágio é um documento elaborado pelo estudante, em colaboração com o orientador e o supervisor da entidade de acolhimento, assinado pelos três intervenientes e remetido para o RUC de Estágio.

3 — Do Plano de Estágio constam os seguintes elementos:

- a) Identificação do estudante estagiário, do orientador e do supervisor;
- b) Identificação da entidade de acolhimento;
- c) Os objetivos específicos do estágio;
- d) As funções e atividades a serem desempenhadas pelo estudante estagiário;
- e) Período de estágio.

Artigo 161.º

Direitos

1 — Ao estudante estagiário são consagrados os seguintes direitos:

- a) Ser apoiado pelo orientador e pelo supervisor do estágio, durante as atividades que envolvem o estágio;
- b) Ter seguro escolar durante todo o período de estágio na entidade de acolhimento;
- c) Serem-lhe facultados, pela entidade de acolhimento, os recursos materiais necessários para o desenvolvimento e conclusão do estágio;
- d) Apresentar a justificação de faltas pelos motivos admitidos pela Entidade de Acolhimento, dentro dos limites estabelecidos neste regulamento.

2 — São direitos da entidade de acolhimento:

- a) Que o estudante estagiário cumpra, com profissionalismo, assiduidade e pontualidade, as suas atividades e respeite as normas da entidade;
- b) Que o estudante estagiário informe das suas faltas ou ausências, com a antecipação possível;
- c) A dar por concluído o estágio, caso considere inadequado o comportamento do estudante estagiário.

Artigo 162.º

Deveres

1 — São deveres do estudante estagiário:

- a) Cumprir o plano de estágio;
- b) Comparecer com assiduidade e pontualidade no local de estágio;
- c) Tratar com respeito todas as pessoas com que se relacione durante o estágio, não perturbando o ambiente de trabalho na área em que o mesmo vai decorrer;
- d) Utilizar com cuidado e zelar pela boa conservação dos equipamentos e demais bens que lhe sejam confiados;
- e) Cumprir todas as regras estabelecidas na entidade de acolhimento, nomeadamente quanto a higiene, segurança e saúde no trabalho;
- f) Acatar e seguir as instruções dos responsáveis da entidade de acolhimento, nomeadamente no que respeita ao desenvolvimento do estágio, e cumprir as orientações emanadas por parte do supervisor e orientador do estágio, no âmbito do plano de estágio;

g) Cumprir o dever de sigilo referente a métodos de produção, negócios ou qualquer outra informação que tenha conhecimento no âmbito da realização do estágio, estando interdito de obter cópias para uso pessoal ou qualquer outra utilização não autorizada da informação obtida;

h) Manter atualizado o Dossier de Estágio;

i) Entregar a documentação do Dossier de Estágio ao RUC de Estágio, cumprindo os prazos fixados no presente regulamento, sob pena de impossibilidade de defesa do relatório de estágio, caso aplicável.

2 — São deveres da entidade de acolhimento:

- a) Assinar, antes do início do estágio, o contrato que formaliza todo o processo;
- b) Designar um supervisor de estágio;
- c) Disponibilizar ao estudante estagiário os meios necessários para o desempenho devido das tarefas que lhe forem atribuídas;
- d) Acompanhar o estudante estagiário durante o período de estágio;
- e) Preencher um Relatório de Avaliação do estudante estagiário remetido pela Escola;
- f) Manter atualizado um Registo de Presenças Diárias de acordo com o modelo fornecido pela Escola.

3 — São deveres da Escola:

- a) Disponibilizar ao estudante estagiário, em devido tempo, informação sobre possíveis entidades de acolhimento, bem como receber deste informação sobre a entidade em que pretende realizar o estágio;
- b) Verificar se o estudante estagiário cumpre os requisitos de acesso ao estágio;
- c) Proceder aos necessários contactos institucionais para formalizar o estágio, conduzindo à assinatura do respetivo contrato, no início do estágio;
- d) Remeter à entidade de acolhimento o modelo do Relatório de Avaliação a utilizar pelo respetivo supervisor;
- e) Acompanhar, adequadamente, a formação do estudante estagiário, colaborando na resolução de quaisquer problemas que possam surgir durante o estágio;
- f) Assegurar que o processo de avaliação do estágio é concluído dentro dos prazos estabelecidos pela Escola para o efeito;
- g) Manter o Dossier de Estágio pelo período mínimo de dois anos após a conclusão do estágio.

Artigo 163.º

Dossier de estágio

1 — No Dossier de Estágio encontra-se compilada toda a informação relativa ao desenrolar do estágio.

2 — O Dossier de Estágio é organizado pelo estudante estagiário, em colaboração com o orientador e o supervisor, e será entregue ao RUC de Estágio, conjuntamente com o relatório de estágio.

3 — O Dossier de Estágio deverá incluir:

- a) Plano de Estágio;
- b) Registo de Presenças Diárias;
- c) Registo de faltas, justificadas e injustificadas, a preencher pela entidade de acolhimento;
- d) Cópia do pedido de autorização para entrega do Relatório de Estágio;
- e) Cópia do pedido de adiamento da entrega do Relatório de Estágio, se aplicável.

4 — No Dossier de Estágio constarão ainda as seguintes informações, a incluir pelos orientador de estágio e RUC de Estágio:

- a) Contrato de Estágio;
- b) Resumos de Reuniões Periódicas, se aplicável;
- c) Parecer do Supervisor/relatório de avaliação;
- d) Ata da prova pública ou de conclusão de estágio.

5 — O Dossier de Estágio será entregue pelo RUC de Estágio na Divisão Académica para posterior registo e arquivo.

Artigo 164.º

Duração do estágio

1 — O estudante estagiário deverá cumprir, na entidade de acolhimento, o número de horas/dias de trabalho previstas no plano de estudos para a UC de estágio.

2 — A carga horária semanal deve ser distribuída de acordo com o horário de funcionamento da entidade de acolhimento.

3 — Caso o relatório de estágio não esteja discutido até ao dia 20 de dezembro após o final do ano letivo, o estudante estagiário terá que se inscrever no ano letivo subsequente e proceder ao pagamento da respetiva propina.

Artigo 165.º

Assiduidade

1 — O estágio é de frequência presencial obrigatória.

2 — O número total de faltas está limitado a 10 % da duração total do estágio, o que, a ser excedido, conduz à cessação do estágio e à consequente reprovação do estudante estagiário.

3 — As faltas devem ser justificadas de acordo com a legislação aplicável na Entidade de Acolhimento.

4 — As faltas injustificadas, seguidas ou interpoladas, não podem exceder 5 % da duração total do estágio, o que, a ocorrer, conduz à imediata cessação do estágio e à consequente reprovação do estudante estagiário.

5 — O controlo de assiduidade é preenchido pelo estudante estagiário, com base no registo de presenças, com a aprovação do supervisor de estágio.

Artigo 166.º

Reuniões obrigatórias

1 — Serão realizadas reuniões entre o orientador, o supervisor e o estudante estagiário, devendo a primeira ser realizada previamente ao arranque do estágio, na qual será aprovado, entre as partes, o Plano de Estágio.

2 — Das reuniões realizadas serão elaborados os respetivos resumos, a incluir no Dossier de Estágio, após aprovação pelo orientador de estágio.

3 — Em casos excecionais, podem as reuniões ser realizadas por teleconferência.

4 — No decurso de todo o período de estágio, o orientador e o supervisor comunicarão entre si, através de correio eletrónico ou pelos meios que considerem mais convenientes, de forma a garantir que todos os aspetos relevantes da atividade do estudante estagiário são devidamente acompanhados, devendo reunir-se presencialmente, caso necessário.

Artigo 167.º

Relatório de estágio

1 — O estudante estagiário elaborará um relatório final sobre o trabalho desenvolvido no estágio, contando com o apoio conjunto do orientador e do supervisor de estágio.

2 — As Escolas disponibilizarão um modelo de relatório de estágio.

Artigo 168.º

Entrega do relatório de estágio

1 — Terminado o estágio e no prazo de até 30 (trinta) dias a contar da data final de estágio, o estudante estagiário solicita à Divisão Académica, através de correio eletrónico, autorização para a entrega do relatório, submetendo em plataforma eletrónica:

a) 1 (um) exemplar do relatório de projeto, em formato PDF, elaborado em minuta própria e de acordo com um guião estabelecidos para o efeito e disponibilizados no Portal do IPS;

b) Cópia da declaração do(s) orientador(es), conforme minuta do IPS, atestando que o relatório se encontra em condições para discussão, em formato PDF;

c) Declaração de autorização para arquivo no Repositório Científico do IPS, especificando se existe reserva do documento e qual o período; em formato PDF.

2 — Recebida a autorização:

a) Caso seja exigida prova pública, o estudante procede à entrega na Divisão Académica, no prazo de 5 (cinco) dias a contar da data de receção da autorização, 1 (um) exemplar do Relatório de Estágio em formato de papel;

b) Caso contrário, procede à entrega ao RUC de Estágio, no prazo de 5 (cinco) dias a contar da data de receção da autorização, 1 (um) exemplar do Relatório de Estágio em formato de papel, devendo ainda entregar um exemplar do mesmo em formato digital não editável (PDF), acompanhado do Parecer do Orientador a confirmar que o mesmo se encontra finalizado.

3 — Excecionalmente, mediante a apresentação de requerimento justificativo com parecer favorável do orientador, o RUC de Estágio pode autorizar o adiamento da entrega do relatório por mais 15 (quinze) dias.

4 — A não entrega do relatório nos prazos estabelecidos nos números anteriores conduz à reprovação no Estágio.

5 — Se solicitada a retificação do relatório, a classificação do estágio só é considerada válida:

a) Após a submissão em plataforma eletrónica, pelo estudante estagiário, do relatório retificado em formato digital não editável (PDF), se aplicável, acompanhado por parecer do orientador, ou

b) Após 10 dias da receção da ata da prova pública ou da informação da conclusão do estágio, caso não proceda à entrega da versão definitiva.

Artigo 169.º

Prova pública

1 — A avaliação do relatório final poderá ser efetuada mediante prova pública com a duração máxima de 30 minutos (sendo 10 minutos para a apresentação e 20 minutos para a discussão) e, sempre que possível, a realizar até 30 dias de calendário após a sua entrega.

2 — A prova pública será avaliada por um júri com a seguinte composição:

a) RUC de Estágio, que preside ao júri;

b) Orientador do estágio;

c) Supervisor de estágio, ou, em caso de impedimento, um substituto que preferencialmente pertencerá à entidade de acolhimento.

3 — Caso o RUC de Estágio seja o orientador de estágio ou em caso de impossibilidade de desempenhar o papel de presidente de Júri, compete ao Diretor da Escola designar quem o substitui.

Artigo 170.º

Classificação do estágio

1 — São considerados aprovados os candidatos que obtenham uma classificação final, expressa no intervalo 10-20, na escala de classificação portuguesa.

2 — A classificação do estágio deve refletir duas componentes:

a) A avaliação do desempenho do estudante estagiário durante o estágio, da responsabilidade do orientador e do supervisor, com a ponderação de 60 %;

b) A qualidade do relatório e a qualidade da apresentação/discussão, com a ponderação de 40 %.

3 — A classificação final é registada em ata.

4 — A ata, contendo a classificação final, será enviada à Divisão Académica.

5 — A classificação de estágio não é objeto de melhoria.

Artigo 171.º

Creditação

1 — Caso o estudante considere ser detentor de experiência profissional que lhe possibilita a creditação do estágio, poderá requerer a creditação por reconhecimento e validação de competências.

2 — O pedido é efetuado na Divisão Académica, dentro dos prazos estabelecidos em cada ano letivo.

3 — A creditação, se obtida, é efetuada sem classificação, pelo que a UC Estágio deixará de intervir no cálculo da média do curso.

4 — À creditação estão associados emolumentos.

Artigo 172.º

Casos omissos

1 — As dúvidas e omissões resultantes da interpretação e aplicação do presente regulamento serão objeto de despacho do Presidente do IPS.

2 — As regras constantes no presente capítulo poderão ser alteradas por deliberação do Presidente do IPS, ouvidos os Diretores das Escolas.

CAPÍTULO VI

Mobilidade internacional dos estudantes do IPS

SECÇÃO I

Disposições gerais

Artigo 173.º

Objeto

O presente capítulo define os procedimentos e condições de participação dos estudantes do IPS, em ações de mobilidade internacional.

Artigo 174.º

Âmbito

O presente capítulo aplica-se a todas as deslocações ao estrangeiro praticadas ao abrigo de programas comunitários e extracomunitários em que o IPS participe, bem como as que ocorrerem no quadro de parcerias, protocolos ou convénios celebrados entre o IPS e instituições congéneres, nacionais ou estrangeiras.

Artigo 175.º

Critérios de elegibilidade dos participantes

Sem prejuízo das regras fixadas por cada programa referido no artigo 174.º, são considerados elegíveis para participar em ações de mobilidade, nos termos do presente regulamento:

a) Os estudantes matriculados e inscritos no IPS que, na data da realização da mobilidade, estejam inscritos, no mínimo, no 2.º ano curricular do ciclo de estudos;

b) Os recém-graduados do IPS que realizem a mobilidade no prazo máximo de 1 ano a contar da obtenção do respetivo grau;

c) Os estudantes de instituições parceiras que forem por elas designados para realizarem um período de mobilidade no IPS.

Artigo 176.º

Bolsas de mobilidade

1 — Por bolsa de mobilidade entende-se um subsídio, a fundo perdido, destinado a auxiliar nas despesas de viagem e de subsistência (alojamento e alimentação) no país anfitrião.

2 — A atribuição de bolsas de mobilidade está condicionada à disponibilidade de financiamento.

3 — Os beneficiários de outras bolsas nacionais, ou de qualquer outro auxílio financeiro nacional, poderão continuar a usufruir plenamente desses apoios durante o período de mobilidade.

SECÇÃO II

Gestão da mobilidade

Artigo 177.º

Competências

1 — Compete ao CIMOB-IPS desenvolver ações diretas de divulgação, organização, acompanhamento e avaliação de todos os atos de mobilidade abrangidos pelo presente regulamento.

2 — Compete ao Coordenador de Mobilidade, representante de cada escola, designado pelo Diretor de entre os professores de carreira:

a) Sensibilizar e mobilizar a comunidade da sua escola para a importância e o valor da mobilidade internacional;

b) Colaborar com o CIMOB-IPS na divulgação das ações e na seleção dos estudantes IPS candidatos à mobilidade;

c) Negociar e validar, em conjunto com os Coordenadores/Diretores de curso, a proposta de Contrato de Estudos/Acordo de Estágio e eventuais alterações, bem como todas as matérias relacionadas com o reconhecimento académico dos estudantes IPS e dos estudantes de instituições parceiras;

d) Garantir, em articulação com os Coordenadores/Diretores de Curso, o reconhecimento das UC constantes nos boletins de registo académico dos estudantes IPS, de acordo com os Contratos de Estudos/Acordos de Estágio, bem como as reconversões das classificações, nos termos da lei e dos regulamentos aplicáveis;

e) Confirmar, em articulação com os Coordenadores/Diretores de Curso, a aceitação dos estudantes de instituições parceiras, através da assinatura da Carta de Aceitação;

f) Colaborar com o CIMOB-IPS no apoio aos estudantes, de modo a favorecer a sua integração na escola;

g) Avaliar a qualidade e grau de concretização dos acordos bilaterais existentes e/ou das propostas de novos acordos, em estreita articulação com o Diretor da escola.

3 — Compete aos Coordenadores/Diretores de curso, em articulação com o Coordenador de Mobilidade de cada escola:

a) Sensibilizar e mobilizar os estudantes do respetivo curso para a importância e o valor da mobilidade internacional, divulgando as oportunidades existentes;

b) Negociar e validar, em conjunto com o Coordenador da Mobilidade, a proposta de Contrato de Estudos/Acordo de Estágio e eventuais alterações, bem como todas as matérias relacionadas com o reconhecimento académico dos estudantes IPS e dos estudantes de instituições parceiras;

c) Colaborar com o CIMOB-IPS no apoio aos estudantes das instituições parceiras, de modo a favorecer a sua integração na respetiva escola.

4 — Compete aos Responsáveis das UC inscritas nos Contratos de Estudos/Acordos de Estágio, em articulação com os Coordenadores/Diretores de curso:

a) Apoiar os estudantes em mobilidade de modo a favorecer a sua integração na comunidade académica;

b) Manter o Coordenador de Curso e o Coordenador de Mobilidade informados do processo de integração dos estudantes em mobilidade.

SECÇÃO III

Mobilidade de estudantes e recém-graduados

Artigo 178.º

Aplicação

1 — Têm direito ao estatuto de estudante em mobilidade, a seguir designado por estudante em mobilidade, todos os estudantes e recém-graduados que se candidatem e sejam selecionados.

2 — A concessão do estatuto de estudante em mobilidade não está associada, obrigatoriamente, a atribuição de uma bolsa.

Artigo 179.º

Direitos do estudante em mobilidade

Sem prejuízo das regras fixadas por cada programa referido no artigo 174.º, são direitos do estudante em mobilidade:

a) Pleno reconhecimento académico obtido pela aplicação do Sistema Europeu de Transferência de Créditos (ECTS);

b) Em caso de insucesso académico em UC do plano de estudos em que se encontra inscrito e constantes do Contrato de Estudos, poder inscrever-se em exames de época especial nas mesmas, no ano letivo em causa;

c) Ausência de pagamento de propinas na instituição de acolhimento (incluindo despesas de matrícula, inscrição para exames e despesas de acesso a laboratórios e bibliotecas);

d) Pleno usufruto de todas as bolsas nacionais ou qualquer outro auxílio financeiro de carácter nacional previamente aprovado durante o período de mobilidade;

e) Apoio do CIMOB-IPS na organização do processo de mobilidade;

f) Reconhecimento, pela instituição/entidade de acolhimento, como membro de pleno direito da sua comunidade;

g) Acesso à informação sobre as condições da mobilidade às quais se submeteu;

h) Usufruto dos equipamentos da instituição/entidade de acolhimento, nos termos das normas e regulamentos em vigor.

Artigo 180.º

Deveres do estudante em mobilidade

Sem prejuízo das regras fixadas por cada programa referido no artigo 174.º, são deveres do estudante em mobilidade:

a) Manter-se informado sobre as condições da mobilidade às quais se submeteu;

b) Tratar e assinar toda a documentação referente à sua mobilidade;

- c) Ter a inscrição, incluindo o pagamento das propinas, devidamente regularizados;
- d) Pagar o prémio de seguro, quando aplicável;
- e) Representar com dignidade e responsabilidade o IPS;
- f) Realizar os testes de avaliação de competências linguísticas e, quando aplicável, realizar o curso da língua em que se efetua a mobilidade, na plataforma informática adequada ao programa;
- g) Frequentar com assiduidade, com a finalidade de obter aproveitamento, as UC estágios constantes no Contrato de Estudos/Acordos de Estágio;
- h) Respeitar as normas e os regulamentos existentes na instituição/entidade de acolhimento;
- i) Elaborar e submeter um Relatório Final do período de mobilidade na plataforma informática adequada ao programa de mobilidade;
- j) Participar nas ações de disseminação dos resultados do período de mobilidade, programadas pelo IPS.

2 — Em caso de não cumprimento de qualquer dos deveres acima mencionados, o IPS reserva-se o direito de exigir a devolução da bolsa atribuída aos estudantes em mobilidade ou de suspender os atos académicos dos estudantes de instituições parceiras.

3 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, o IPS exigirá a devolução integral da bolsa atribuída sempre que o estudante não complete o mínimo de 50 % de créditos ECTS com reconhecimento académico, através da creditação no plano curricular ou da inscrição no Suplemento ao Diploma.

4 — Nenhum estudante pode invocar desconhecimento da legislação ou dos regulamentos e procedimentos aplicáveis à mobilidade, a fim de usufruir indevidamente de qualquer benefício ou isentar-se de qualquer responsabilidade.

Artigo 181.º

Elegibilidade dos períodos de mobilidade

Sem prejuízo das regras fixadas por cada programa referido no artigo 174.º, são considerados elegíveis todos os períodos de mobilidade que:

- a) Se realizem numa instituição/entidade estrangeira que tenha estabelecido com o IPS qualquer tipo de acordo ou protocolo versando a mobilidade;
- b) Incluam atividades académicas que decorram do normal percurso curricular do estudante, designadamente aulas presenciais, projeto, estágio, práticas pedagógicas ou ensino clínico, entre outras, assim como a participação em cursos e programas de carácter extracurricular, de natureza académica;
- c) Correspondam a um estágio de natureza profissional (work placement) na área do ciclo de estudos em que o recém-graduado obteve o grau académico.

Artigo 182.º

Duração dos períodos de mobilidade

A duração dos períodos de mobilidade está condicionada às regras do programa em que o estudante ou diplomado participa, ou do convénio de participação no âmbito do qual a mobilidade ocorra.

Artigo 183.º

Candidaturas ao estatuto de estudante em mobilidade

1 — Os estudantes do IPS que pretendam realizar uma ação de mobilidade deverão candidatar-se ao estatuto de estudante em mobilidade, nos prazos e termos fixados anualmente por despacho do Presidente, mediante submissão, em plataforma informática própria, de uma Ficha de Candidatura e de uma Carta de Motivações redigida em inglês, castelhano ou português, em função do país de destino da mobilidade.

2 — Os estudantes do IPS podem, em simultâneo, candidatar-se à atribuição de uma bolsa de mobilidade, nos termos fixados no artigo 176.º

3 — O CIMOB-IPS completará o processo de candidatura dos estudantes do IPS anexando os seguintes documentos:

- a) Listagem das UC concluídas à data da análise da candidatura, com o respetivo número de créditos ECTS e classificações;
- b) Confirmação do estatuto de bolseiro por parte dos Serviços de Ação Social do IPS, quando aplicável.

4 — Os estudantes de instituições parceiras devem enviar, nos prazos e termos fixados anualmente, a Student Application Form devidamente preenchida e assinada. Devem, igualmente, submeter o Contrato de Estudos/Acordo de Estágio, devidamente assinado pelo estudante e assinado e carimbado pela instituição/entidade de origem, à aceitação

por parte do Coordenador da Mobilidade da instituição/entidade de acolhimento.

Artigo 184.º

Requisitos de admissão ao estatuto de estudante em mobilidade

Podem ser candidatos ao estatuto de estudante em mobilidade, os estudantes e recém-graduados que, cumulativamente, reúnam os seguintes requisitos:

- a) Cumpram os critérios de elegibilidade fixados na alínea a) do artigo 175.º;
- b) Entreguem a documentação referida no n.º 1 do artigo 183.º dentro dos prazos estabelecidos;
- c) Cumpram os requisitos de cada um dos programas de mobilidade.

Artigo 185.º

Crítérios de seriação e seleção dos candidatos ao estatuto de estudante em mobilidade

1 — A seriação é efetuada com recurso a:

- a) Ficha de Candidatura e Carta de Motivações, nos termos do n.º 1 do artigo 183.º;
- b) Listagem de UC, nos termos da alínea a) do n.º 3 do artigo 183.º;
- c) Entrevista, na qual serão avaliadas as condições para a realização da ação de mobilidade, designadamente o domínio da língua requerido pela instituição/entidade de acolhimento e o grau autonomia demonstrado pelo candidato.

2 — Para os períodos de mobilidade de estudo ou de estágio curricular de estudantes, a seriação é efetuada com base nos seguintes critérios:

- a) Número de créditos ECTS realizados em relação ao número total de créditos ECTS do curso em que o estudante se encontra inscrito, calculado a partir da seguinte fórmula: número de créditos ECTS realizados dividido pelo número total de créditos ECTS do curso, multiplicado por 100 e arredondado à décima;
- b) Motivações e condições para a realização da mobilidade, nos termos das alíneas a) e c) do número anterior, numa escala de 0 a 100;
- c) Média aritmética simples das classificações obtidas nas UC realizadas, durante o curso, numa escala de 0 a 20, multiplicada por 5, arredondado à décima.

3 — Para os períodos de mobilidade de recém-graduados, a seriação é efetuada com base nos seguintes critérios:

- a) Média final de curso, numa escala de 0 a 20, multiplicada por 5;
- b) Motivações e condições para a realização da mobilidade, nos termos das alíneas a) e c) do n.º 1, numa escala de 0 a 100;
- c) Experiência prévia no país de acolhimento (regresso ao país de origem), correspondendo a sua verificação à atribuição de 100 pontos, e a sua inexistência a 0 pontos.

4 — Os ponderadores a aplicar aos critérios de seriação são os seguintes:

- a) Para os períodos de mobilidade de estudo ou de estágio curricular, 35 % para a alínea a), 35 % para a alínea b) e 30 % para a alínea c);
- b) Para os períodos de mobilidade de recém-graduados, 30 % para a alínea a), 60 % para a alínea b) e 10 % para a alínea c).

5 — O resultado final corresponde à soma dos pontos obtidos nos termos dos números anteriores.

6 — A seriação é publicitada no portal do IPS.

7 — Só serão selecionadas as candidaturas com um mínimo de 50 pontos na avaliação das motivações e condições para a realização da mobilidade.

Artigo 186.º

Crítérios de seriação e seleção dos candidatos a bolsas de mobilidade

1 — Os critérios de seriação e seleção para efeitos de atribuição de bolsas de mobilidade são os referidos no artigo 185.º

2 — Para cada um dos tipos de mobilidade, quer seja período de estudos, período de estágio ou estágio para recém-graduados, os estudantes que já tenham beneficiado de uma bolsa de mobilidade no âmbito do presente regulamento, são seriados numa segunda fase, após a seriação daqueles que se tenham candidatado pela primeira vez.

Artigo 187.º

Desistência do estatuto de estudante em mobilidade

1 — A eventual desistência do estatuto de estudante em mobilidade deverá ser comunicada, por correio eletrónico, ao CIMOB IPS, logo que o motivo justificativo ocorra, quer durante o processo de candidatura, quer durante a realização do período de mobilidade.

2 — A desistência, ainda que comunicada, não dispensa o estudante ou o recém-graduado do cumprimento das obrigações acessórias que haja previamente assumido perante a instituição/entidade de acolhimento, designadamente o pagamento de reservas de alojamento, entre outros.

3 — Caso a desistência ocorra durante a realização do período de mobilidade, o estudante em mobilidade deverá devolver a totalidade da bolsa que lhe foi atribuída, se aplicável, salvo motivos de força maior devidamente justificados.

4 — O não cumprimento do estipulado no ponto 3 poderá implicar a suspensão de atos académicos, se aplicável, sem prejuízo do eventual recurso à via judicial.

Artigo 188.º

Organização da mobilidade do estudante do IPS

1 — A organização do processo de mobilidade é da responsabilidade da escola e do estudante ou recém-graduado, em articulação com o CIMOB-IPS.

2 — Compete ao estudante em mobilidade:

a) Negociar e elaborar o Contrato de Estudos/Acordo de Estágio, em articulação com o Coordenador da Mobilidade e o Coordenador/Diretor de Curso;

b) Tratar de toda a documentação necessária relativa à mobilidade;

c) Tratar da viagem de ida e de regresso, bem como do alojamento;

d) Entregar no CIMOB-IPS um original da Carta de Confirmação da mobilidade, emitida pela instituição/entidade de acolhimento, com as datas de início e fim da mesma.

3 — Compete ao CIMOB-IPS:

a) Garantir a comunicação com as instituições parceiras;

b) Garantir as assinaturas do Coordenador Institucional nos documentos necessários;

c) No caso de instituições parcerias, garantir as assinaturas do Coordenador da Mobilidade nos documentos necessários, no caso de aprovação dos Contratos de Estudo/Acordos de Estágio;

d) Proceder à elaboração da proposta de pagamento da bolsa de mobilidade, se aplicável;

e) Dar apoio na pesquisa de informações sobre a instituição/entidade e o país de acolhimento, alojamento e cursos de línguas como preparação para o período de mobilidade, eventualmente disponibilizados pela instituição/entidade de acolhimento.

Artigo 189.º

Documentação do processo do estudante em mobilidade

Sem prejuízo das regras fixadas por cada programa referido no artigo 174.º, o processo do estudante em mobilidade é constituído, obrigatoriamente, pela seguinte documentação:

a) Acordo bilateral ou equivalente legal, celebrado antes da realização da mobilidade, entre o IPS e uma instituição/entidade parceira, com esse objetivo;

b) Comprovativo de confirmação como estudante selecionado pela instituição/entidade de origem, no caso dos estudantes de instituições parceiras;

c) Ficha de Candidatura e Carta de Motivações, nos termos fixados pelo n.º 1 do artigo 183.º, no caso dos estudantes IPS, ou Student Application Form, nos termos fixados no n.º 4 do artigo 183.º, no caso dos estudantes de instituições parceiras;

d) Listagem das UC, nos termos fixados pela alínea a) do n.º 3 do artigo 183.º

e) Ficha do estudante em mobilidade, devidamente preenchida e assinada, no caso dos estudantes IPS;

f) Contrato de estudante e respetivas adendas (quando aplicável), no caso dos estudantes IPS;

g) Contrato de Estudos/Acordo de Estágio;

h) Declarações de autorização de prolongamento de estudos (quando aplicável), quer da instituição/entidade de acolhimento quer da instituição de origem;

i) Original da Carta de Confirmação do período de estudos ou do estágio, no caso dos estudantes IPS, e cópia da mesma, no caso dos estudantes de instituições parceiras;

j) Boletim de registo académico;

k) Comprovativo de submissão do Relatório Final do período de mobilidade.

Artigo 190.º

Reconhecimento académico

1 — O reconhecimento académico é assegurado de acordo com os regulamentos e legislação em vigor.

2 — O reconhecimento académico será recusado se o estudante em mobilidade não alcançar o nível de aproveitamento exigido pela instituição de acolhimento ou se não cumprir as condições indispensáveis à obtenção do pleno reconhecimento académico, estipuladas pelas instituições participantes.

3 — O estudante em mobilidade deverá entregar o Boletim de Registo Académico até dois meses após a data de regresso contratualmente estabelecida.

4 — Caso não proceda em conformidade com o referido no número anterior, o reconhecimento só será efetivo no ano curricular seguinte.

Artigo 191.º

Conversão de classificações

As classificações obtidas nas UC constantes no Boletim de Registo Académico emitido pela instituição de acolhimento, são convertidas de acordo com os regulamentos e legislação em vigor.

CAPÍTULO VII

Regime de prescrições do IPS

Artigo 192.º

Objeto

O presente capítulo estabelece o regime de prescrição do direito à inscrição dos estudantes nos cursos ministrados nas escolas do IPS, tendo por base o estipulado na Lei n.º 37/2003, de 22 de agosto, que estabelece no artigo 5.º a existência de um regime de prescrição do direito à inscrição dos estudantes, assente em critérios de aproveitamento escolar.

Artigo 193.º

Organização do curso

1 — Para os efeitos do presente capítulo, considera-se que os cursos se encontram organizados em anos curriculares de acordo com a estrutura fixada na portaria que define o respetivo plano de estudos.

2 — A duração de um curso é a fixada na referida portaria.

3 — A aplicação das Tabelas 5 e 6 é efetuada com base nos créditos ECTS atribuídos às UC dos cursos.

Artigo 194.º

Prescrição do direito à inscrição

Em cada ano letivo não poderão inscrever-se em curso ministrado nas escolas do IPS os estudantes cujo número total de inscrições efetuadas em anos letivos anteriores seja igual ao valor fixado na coluna B da tabela 5, calculado em função do ano do plano de estudos em que o estudante se pretende inscrever.

Tabela 5

Número máximo de inscrições no curso em função do ano do plano de estudos em que o estudante se pretende inscrever

Estudante regular	
Ano do Plano de Estudos em que se inscreve	Número máximo de inscrições no curso
A	B
1.º Ano	3
2.º Ano	4
3.º Ano	5
4.º Ano	6

Artigo 195.º

Titulares de curso superior ou mudança de par instituição/curso

O número de inscrições a considerar aos estudantes que tenham ingressado num curso, através do concurso de titulares de curso superior ou do regime de mudança de par instituição/curso, é o resultante da aplicação da tabela 6, tendo por base o somatório dos créditos ECTS correspondente às UC a que tenham obtido creditação.

Tabela 6**Cálculo do número de inscrições a considerar resultantes de anteriores inscrições no ensino superior**

Resultados de anteriores inscrições ou após creditação de unidades curriculares		Número de inscrições a considerar
Créditos ECTS obtidos (Geral)	Créditos ECTS obtidos para um curso diurno de 3 anos	
A	B	C
0 a $\sum \text{ECTS}(1) - 0,5$	0 a 59,5	1
$\sum \text{ECTS}(1)$ a $\sum \text{ECTS}(2) - 0,5$...	60,0 a 119,5	2
$\sum \text{ECTS}(2)$ a $\sum \text{ECTS}(3) - 0,5$...	≥ 120	3
$\geq \sum \text{ECTS}(3)$		4

$\sum \text{ECTS}(i)$ — somatório dos créditos ECTS de todas as UC integrantes do Plano de Estudos até ao ano i, inclusive.

Artigo 196.º

Desistência de inscrição

Para os efeitos do presente capítulo, só poderão ser consideradas as desistências de inscrição ou matrícula apresentadas até 3 (três) meses após a inscrição no ano letivo.

Artigo 197.º

Retorno após prescrição

1 — Os estudantes cujo direito à inscrição haja prescrito só poderão inscrever-se no curso após um ano letivo de interrupção.

2 — A inscrição realizada após o cumprimento do período de interrupção referido no n.º 1 não está sujeita a limitações quantitativas, salvaguardando as condições de funcionamento do curso.

3 — O número de inscrições dos estudantes que se inscreverem após o cumprimento do período de interrupção é igual às anteriormente realizadas, sendo os limites estabelecidos Tabela 5 acrescidos do número de prescrições ocorridas.

4 — Não é permitida a inscrição após a 3.ª prescrição.

Artigo 198.º

Condições gerais de reingresso

Para os efeitos da aplicação do presente capítulo, apenas se considera como reingresso a inscrição de um estudante cuja inscrição anterior não tenha resultado em prescrição, devendo ser tidas em conta todas as inscrições anteriormente realizadas no curso.

Artigo 199.º

Exceções

1 — O regime de prescrição do presente capítulo não se aplica aos estudantes detentores do estatuto de trabalhador-estudante e de estudante militar, durante a totalidade do ano letivo.

2 — Aos estudantes detentores do estatuto de trabalhador-estudante apenas em parte do ano letivo, a inscrição, para os efeitos da aplicação do presente capítulo, é contabilizada como sendo igual a 0,5.

3 — Para efeitos da aplicação da Tabela 5, a inscrição num dado ano letivo será contabilizada como 0,5, aos estudantes que nele usufruam de um dos seguintes regimes previstos na lei:

- Mães e pais estudantes;
- Atletas de alto rendimento;
- Dirigente associativo estudantil;
- Estudantes com deficiência;
- Membros dos órgãos de gestão da escola ou do IPS;
- Estudante a tempo parcial.

4 — A inscrição é contabilizada igual a 0,5 para os estudantes que ingressem nos cursos para o 2.º semestre ou 2.º ou 3.º trimestres.

5 — Para efeitos de aplicação da Tabela 5, a inscrição pode ainda ser contabilizada como 0,5 em casos absolutamente excecionais, com fundamento em motivos ponderosos, designadamente doença grave devidamente comprovada e verificada desde que o impedimento seja superior a 3 meses e demonstrado no ano letivo em que ocorrer.

6 — A decisão sobre os casos referidos no número anterior é da competência do Diretor da escola, ouvido o respetivo Coordenador/Diretor do Curso.

Artigo 200.º

Entrada em vigor

1 — O regime de prescrições entrou em vigor, no IPS, no ano letivo 2013/2014.

2 — No ano letivo 2013/2014, e para os estudantes já matriculados nas escolas do IPS, o número de inscrições consideradas foi o resultante da aplicação da Tabela 6, tendo por base o somatório dos créditos ECTS correspondente às UC a que os estudantes já tinham obtido aprovação, não sendo consideradas as inscrições relativas aos anos letivos anteriores.

CAPÍTULO VIII**Estatutos dos Estudantes****SECÇÃO I****Estatuto do Estudante IPS**

Artigo 201.º

Objeto

O presente estatuto estabelece os direitos e os deveres gerais do estudante e os procedimentos relativos à vida académica a serem aplicados pelos diversos intervenientes da comunidade académica do IPS.

Artigo 202.º

Âmbito

1 — O presente estatuto aplica-se a todos os estudantes matriculados/inscritos em qualquer uma das escolas do IPS, a frequentar qualquer dos seus cursos.

2 — O disposto no presente estatuto não prejudica a aplicação dos diplomas legais relativos aos estatutos estudantis previstos na lei e no presente documento.

Artigo 203.º

Princípios

Ao matricular-se numa escola do IPS, o estudante aceita o princípio da liberdade de ensinar e aprender e tem o direito de exigir o cumprimento do princípio da liberdade de expressão.

Artigo 204.º

Valores

Ao matricular-se numa escola do IPS, o estudante assume o compromisso de respeitar e fazer respeitar os valores da instituição.

Artigo 205.º

Direitos do estudante

O estudante do IPS tem direito a:

- Usufruir de um ambiente de ensino-aprendizagem com a garantia de qualidade consonante com os princípios e as normas subjacentes ao modelo de Bolonha, ministrado em instalações adequadas e por um corpo docente qualificado;
- Ter cartão de identificação do IPS (Cartão IPS) com as funcionalidades inerentes ao mesmo;
- Ser-lhe atribuída uma conta de correio eletrónico no domínio IPS, bem como uma área no sistema de informação;
- Participar na vida institucional do IPS, podendo eleger e ser eleito para os órgãos de gestão consagrados estatutariamente;
- Ser representado pela AAIPS;
- Recorrer ao Provedor do Estudante, nos termos do artigo 36.º dos Estatutos do IPS;

g) Candidatar-se aos programas de mobilidade nacional e internacional existentes no IPS, nos termos e nas condições impostas pelos mesmos;

h) Ter acesso à informação relativa a todos os assuntos considerados necessários e de interesse para o seu desempenho enquanto estudante, disponibilizada através dos meios tradicionais ou eletrónicos;

i) Ser avaliado com base em critérios explícitos, dentro dos prazos previstos no calendário académico;

j) Usufruir de estágios curriculares, quando aplicáveis, de acordo com as regras estabelecidas nos respetivos regulamentos, bem como do apoio institucional para acesso a oportunidades de trabalho e estágios profissionais disponibilizados pelo mercado empregador;

k) Usufruir da Ação Social, nos termos da lei e dos regulamentos em vigor;

l) Usufruir dos serviços e equipamentos de apoio aos estudantes existentes no IPS e nas suas escolas, nos termos dos regulamentos e regras específicos;

m) Usufruir de bolsa de mérito, nos termos da lei e dos regulamentos em vigor;

n) Ter as suas atividades académicas cobertas por seguro escolar nos termos e condições previstos;

o) Beneficiar da aplicação de qualquer dos estatutos estudantis previstos no presente regulamento, dentro das condições reais de aplicação, nos termos da legislação em vigor;

p) Circular livremente no espaço físico constituído pela globalidade das instalações do IPS, à exceção dos espaços de acesso restrito;

q) Ser tratado com equidade e civismo.

r) Ver respeitada a confidencialidade dos dados pessoais constantes no seu processo individual;

s) Ter acesso às normas que regulam o IPS, as unidades orgânicas e o curso.

Artigo 206.º

Deveres do estudante

O estudante do IPS tem o dever de:

a) Representar o IPS no respeito pelos valores e procedimentos instituídos pelos regulamentos em vigor;

b) Estudar e empenhar-se ativamente no seu sucesso escolar;

c) Assistir às sessões, aulas, conferências e outras atividades que lhe sejam proporcionadas pelo IPS;

d) Manter-se informado sobre todos os assuntos considerados necessários e de interesse para o seu desempenho enquanto estudante, disponibilizados pelo IPS;

e) Consultar a sua área no sistema de informação, bem como consultar e gerir periodicamente a sua conta de correio eletrónico no domínio IPS, utilizando-a para a comunicação com os serviços do IPS;

f) Conhecer a lei e os regulamentos em vigor, não podendo invocar o desconhecimento dos mesmos;

g) Participar na vida institucional do IPS;

h) Pagar as propinas e outras taxas estabelecidas pelo IPS;

i) Repor todo o material ou equipamento à sua guarda nos prazos e nas condições estabelecidas pelos regulamentos próprios;

j) Comparecer às reuniões de trabalho para que tenha sido regularmente convocado;

k) Exibir o Cartão IPS sempre que tal seja solicitado pelos órgãos e entidades competentes, bem como pelo pessoal docente e não docente.

l) Comportar-se em todas as situações com respeito e correção;

m) Zelar pela manutenção de espaços, equipamentos e outros bens pertencentes à comunidade do IPS;

n) Não impedir ou constranger, por meio de violência ou ameaça de violência, o normal funcionamento ou a participação de colegas nas atividades letivas, provas académicas, atividades de investigação e funcionamento de órgãos ou serviços do IPS, ou quaisquer frequentadores do IPS;

o) Tratar os outros com civismo e cordialidade, designadamente respeitando a honra, liberdade, integridade física e reserva da vida privada de colegas, do pessoal docente, do pessoal não docente e ou quaisquer frequentadores do IPS;

p) Respeitar a integridade física e psicológica dos membros da comunidade académica, não praticando atos de natureza vexatória, violência ou coação, física ou psicológica, sobre colegas e sobre trabalhadores do IPS ou qualquer trabalhador nele a prestar serviços;

q) Respeitar os direitos de autor e a integridade académica, não recorrendo a processos fraudulentos, cópia ou plágio para benefício próprio ou de terceiros;

r) Respeitar a propriedade dos bens de todos os membros da comunidade académica, não danificando, subtraindo ou apropriando-se de bens patrimoniais pertencentes ao IPS;

s) Não aceder e utilizar indevidamente os meios informáticos, ou outros de qualquer tipo, disponibilizados pelo IPS;

t) Não ser portador de armas ou engenhos explosivos, nos espaços do IPS;

u) Não ser portador de drogas, facilitar ou promover o seu tráfico, nos espaços do IPS;

v) Não captar sons ou imagens de atividades letivas e não letivas, sem prévia autorização;

w) Prestar auxílio e assistência, em caso de necessidade, aos membros da comunidade educativa;

x) Não violar outros deveres previstos neste estatuto, noutros regulamentos do IPS ou na lei.

SECÇÃO II

Direitos especiais estudante IPS

Artigo 207.º

Direitos especiais

Consideram-se abrangidos pela presente secção:

a) Estudante parturiente;

b) Mãe e pai estudante;

c) Trabalhador-estudante;

d) Estudante a tempo parcial;

e) Estudante dirigente associativo;

f) Estudante dirigente associativo jovem;

g) Estudante atleta de alto rendimento;

h) Estudante atleta IPS;

i) Estudante militar;

j) Estudante bombeiro;

k) Estudante que professe confissão religiosa que santifica dia diverso de domingo;

l) Estudante com necessidades educativas especiais.

Artigo 208.º

Falsas declarações

A prestação de falsas declarações implica a perda imediata do estatuto atribuído bem como a ineficácia dos atos praticados ao abrigo das disposições do presente regulamento, sem prejuízo de eventual apuramento de responsabilidade disciplinar.

Artigo 209.º

Incompatibilidades

Os direitos conferidos pelos estatutos previstos na presente secção não são cumuláveis, devendo o estudante optar pelo estatuto que considere mais favorável.

SUBSECÇÃO I

Estatuto de Estudante Parturiente

Artigo 210.º

Âmbito

1 — A presente subsecção é aplicável às estudantes parturientes, nos termos da Lei n.º 90/2001, de 20 de agosto.

2 — As disposições da presente subsecção aplicam-se pelo período de 120 (cento e vinte) dias, que se designará por “período de parto”.

3 — As disposições da presente subsecção aplicam-se, em regra, no ano letivo em que o parto ocorra.

4 — 90 (noventa) dias do período referido no n.º 2 terão de ser, necessariamente, subsequentes ao parto, podendo os restantes ser utilizados, total ou parcialmente, antes ou depois do parto.

5 — O período de parto é acrescido de todo o período pré-parto que seja declarado de risco pelo respetivo médico de família.

6 — Em caso de aborto ou parto de nado morto, a estudante tem direito a gozar das disposições do presente capítulo até ao máximo de 30 (trinta) dias, renováveis mediante prescrição médica.

Artigo 211.º

Atribuição do estatuto

1 — Se a estudante pretender gozar um período de até 30 (trinta) dias em data anterior à prevista para o parto, deverá apresentar ou mandar apresentar, por pessoa devidamente credenciada para o efeito, requeri-

mento até 15 (quinze) dias consecutivos antes do início desse período, sendo o período de parto definitivamente fixado após a data do parto.

2 — No caso de a estudante pretender utilizar os 120 (cento e vinte) dias apenas no período pós-parto, o requerimento deve ser apresentado antes ou nos 15 (quinze) dias imediatamente seguintes ao parto.

3 — Em qualquer dos casos referidos nos números anteriores, a estudante ou pessoa devidamente credenciada para o efeito deverá, no prazo de 15 (quinze) dias imediatamente seguintes ao parto, apresentar documento comprovativo do mesmo.

4 — No caso referido no n.º 6 do artigo anterior, a estudante ou pessoa devidamente credenciada para o efeito deverá, no prazo de 15 (quinze) dias imediatamente seguintes ao evento, apresentar documento comprovativo do mesmo.

5 — O requerimento deverá ser apresentado na DA.

6 — Compete à DA a verificação dos comprovativos e a notificação à estudante.

Artigo 212.º

Direitos

As estudantes abrangidas pelo presente capítulo gozam dos seguintes direitos:

- a) Justificação das faltas dadas durante o período de parto;
- b) Justificação de faltas para consultas pré-natais, fora do período pré-natal, desde que devidamente comprovadas;
- c) Regime de exames nos termos do artigo seguinte.

Artigo 213.º

Regime de exames

1 — No caso de o “período de parto” ocorrer em momentos de avaliação contínua, deverão os docentes dar a possibilidade à estudante de realizar as provas em datas alternativas, a combinar entre ambos, a ocorrer durante o semestre letivo ou nos exames de época normal ou de recurso.

2 — Por razões de segurança, de necessidade de supervisão científico-pedagógica, ou de outros meios de apoio, as aulas de laboratório e as que exigem a utilização de qualquer tipo de equipamento, terão de se realizar durante o período das aulas da UC. Porém, por acordo entre o docente e a estudante, pode o docente autorizar a realização fora daquele período, desde que esteja assegurada a necessária supervisão e não implique atrasos no preenchimento dos livros de termos. Tal acordo deve ser comunicado por escrito, pelo docente, ao Diretor da escola.

3 — O docente poderá autorizar que a estudante possa realizar trabalhos num ano e os restantes no ano letivo seguinte, desde que a UC não sofra alterações significativas. Tal acordo deve ser comunicado por escrito, pelo docente, ao Diretor da escola.

4 — A estudante que tenha aproveitamento num ano letivo, numa das componentes de uma UC, mas não obtenha aproveitamento na respetiva UC, pode ser dispensada das dessa componente no ano letivo seguinte, desde que não ocorram alterações significativas no programa de trabalhos e mediante parecer favorável do Coordenador/Diretor de curso.

5 — Considerando os diferentes casos:

a) Se os exames de época normal ou de recurso ocorrerem no período de parto, a estudante tem acesso, mediante requerimento na DA, a exames de época especial.

b) Caso o período de parto também abranja os exames de época especial, a estudante tem acesso, mediante requerimento na DA, a solicitar exame adicional à UC, durante o 1.º semestre do ano letivo seguinte.

c) Se o período de parto coincidir com a época de recurso de exames e a estudante não se apresentar, nessa época, a exame de nenhuma UC, poderá realizar exames na época especial.

SUBSECÇÃO II

Estatuto de mãe e pai estudante

Artigo 214.º

Âmbito

1 — A presente subsecção é aplicável às mães e pais estudantes do IPS que, nos termos da Lei n.º 90/2001, de 20 de agosto, têm filhos até 3 (três) anos de idade.

2 — No caso de ter sido requerido o estatuto de mãe parturiente, o usufruto do estatuto de mãe estudante só pode ocorrer posteriormente.

Artigo 215.º

Atribuição do estatuto

1 — O estatuto de mãe e pai estudante deve ser requerido anualmente, ou semestralmente, sendo válido para esse ano letivo.

2 — O estatuto anual é requerido até ao final do mês de novembro ou até 30 (trinta) dias após a matrícula/inscrição, desde que não seja ultrapassado o dia 31 de dezembro, sendo válido para todo o ano letivo.

3 — Nos 15 (quinze) dias após o fim do período de usufruto de parturiente, a estudante pode requerer o estatuto de mãe estudante, passando a ser-lhe aplicados os direitos constantes da presente subsecção.

4 — O requerimento é entregue na DA, acompanhado do documento comprovativo do nascimento do filho.

Artigo 216.º

Direitos

1 — As mães e os pais estudantes, ao abrigo do presente estatuto, gozam dos seguintes direitos:

a) Dispensa da obrigatoriedade de inscrição a número mínimo de UC do curso em que se encontram inscritos;

b) Justificação de faltas por motivo de doença ou de assistência aos filhos, desde que devidamente comprovados;

c) Adiamento, para data posterior acordada com o docente, da apresentação ou entrega de trabalhos até ao máximo de 15 (quinze) dias úteis após a data fixada, sempre que, por algum dos motivos, referidos na alínea a), seja impossível o cumprimento dos prazos estabelecidos;

d) Isenção de cumprimento de mecanismos legais que façam depender o aproveitamento escolar da frequência de um número mínimo de aulas, à exceção a UC realizadas em contexto de prática e/ou a UC do tipo dissertação/projeto.

2 — Os detentores do presente estatuto gozam do direito à realização de exames em época especial, no caso dos impedimentos se verificarem nas datas dos exames de época normal ou de recurso, que impeçam o aproveitamento.

3 — Os direitos referidos nas alíneas b) e c) do n.º 1 e no n.º 2 dependem da apresentação ao docente da UC, de documento demonstrativo da coincidência com o horário letivo que impossibilite a presença da mãe ou pai estudantes.

4 — O documento referido no número anterior deverá ser apresentado ao RUC no prazo máximo de 5 (cinco) dias úteis contados da data da falta que se pretende justificar.

SUBSECÇÃO III

Estatuto de Trabalhador Estudante

Artigo 217.º

Âmbito

1 — A presente subsecção é aplicável aos estudantes matriculados e inscritos no IPS, que se encontrem numa das seguintes situações:

a) Trabalhador por conta de outrem;

b) Trabalhador por conta própria;

c) Trabalhador que tendo estado abrangido pelo Estatuto de Trabalhador Estudante no ano letivo anterior, se encontre, entretanto, em situação de desemprego involuntário, inscrito em centro de emprego.

2 — O Estatuto de Trabalhador-Estudante não é aplicável aos estudantes inscritos unicamente na UC estágio/projeto/dissertação ou estágios que confirmam habilitação profissional para o exercício de profissão.

3 — O estipulado na presente subsecção encontra-se de acordo com a Lei n.º 105/2009, de 14 de setembro.

Artigo 218.º

Atribuição

1 — O Estatuto de Trabalhador-Estudante é requerido anual ou semestralmente, sendo válido unicamente para esse ano letivo.

2 — O Estatuto anual é requerido até ao final do mês de novembro ou até 30 (trinta) dias após a matrícula/inscrição, desde que não seja ultrapassado o dia 31 de dezembro, sendo válido para todo o ano letivo.

3 — O Estatuto semestral é requerido até ao final do mês de março ou até 30 (trinta) dias após a matrícula/inscrição, desde que não seja ultrapassado o dia 31 de maio, sendo válido somente para o 2.º semestre do ano letivo ou para os 2.º e 3.º trimestres, caso se trate de cursos organizados em trimestres.

4 — O requerimento é efetuado em modelo próprio, entregue na DA, acompanhado da seguinte documentação:

- a) No caso de trabalhador por conta de outrem deverá proceder à entrega do respetivo documento probatório;
- b) No caso de trabalhador por conta própria, deverá proceder à entrega da respetiva declaração de início de atividade ou, caso não seja recente, de declaração atualizada dos descontos para a Segurança Social;
- c) No caso de ter sido detentor do Estatuto de Trabalhador-Estudante no ano letivo anterior e se encontre, entretanto, em situação de desemprego involuntário, inscrito em centro de emprego, deverá proceder à entrega do respetivo documento probatório.

Artigo 219.º

Direitos

- 1 — O detentor do estatuto de trabalhador-estudante não está sujeito:
- a) À inscrição num número mínimo de UC do curso;
 - b) A quaisquer disposições que façam depender o aproveitamento escolar de frequência de um número mínimo de aulas por UC;
 - c) À limitação de um número de exames a realizar em época de recurso.

2 — O disposto na alínea b) do número anterior não é aplicável a UC do tipo dissertação/estágio/projeto nem a UC realizadas em contexto de prática.

3 — O detentor do estatuto de trabalhador-estudante anual pode inscrever-se, para avaliação em época especial em exames de UC em que esteja inscrito, num número total igual aos permitidos para os estudantes finalistas.

4 — O detentor do estatuto de trabalhador-estudante semestral pode inscrever-se, para avaliação em época especial em exames de UC do 2.º semestre ou dos 2.º ou 3.º trimestres em que esteja inscrito, num número total de até metade dos permitidos para os estudantes finalistas.

5 — As escolas que ministram cursos em horário pós-laboral asseguram que os exames e as provas de avaliação, bem como um serviço mínimo de apoio ao detentor do Estatuto de Trabalhador-Estudante decorrem, sempre que possível, no mesmo horário.

6 — O detentor do estatuto de trabalhador-estudante tem direito a sessões de apoio pedagógico que sejam consideradas imprescindíveis pelo Conselho Pedagógico da escola, em articulação com o Diretor e os Coordenadores/Diretores de Curso.

7 — Os direitos previstos nos números anteriores não são cumuláveis com quaisquer outros regimes que visem os mesmos fins.

8 — Os direitos previstos nos números anteriores não são extensíveis a UC que não integrem o plano de estudos do curso em que o estudante se encontra inscrito.

Artigo 220.º

Indeferimento dos pedidos

1 — O Estatuto de Trabalhador-Estudante é indeferido quando se verifique falta de aproveitamento em dois anos consecutivos ou três interpolados.

2 — Considera-se falta de aproveitamento escolar a não transição de ano.

3 — Considera-se que tem aproveitamento escolar o trabalhador-estudante abrangido pelas situações previstas nos números anteriores motivadas por facto que não lhe é imputável, nomeadamente acidente de trabalho ou doença profissional, doença prolongada, licença em situação de risco clínico durante a gravidez ou por ter gozado licença parental inicial, licença por adoção ou licença parental complementar por período não inferior a um mês, desde que devidamente comprovado até 5 (cinco) úteis dias após a ocorrência.

SUBSECÇÃO IV

Estatuto de Estudante a Tempo Parcial

Artigo 221.º

Conceitos

1 — Estudante em regime de tempo parcial é aquele que, em cada ano letivo, se inscreve a um número de créditos ECTS inferior ou igual a 2/3 dos créditos ECTS do ano do plano de estudos do curso em que se encontra matriculado.

2 — O articulado na presente secção respeita o estipulado no artigo 46.º-C, do Decreto-Lei n.º 74/2006, de 24 de março, alterado pelo Decreto-Lei n.º 115/2013, de 7 de agosto e pelo Decreto-Lei n.º 63/2016, de 13 de setembro.

Artigo 222.º

Requerimento

1 — O requerimento do regime de estudante a tempo parcial é efetuado no início de cada ano letivo, no ato de inscrição, em modelo próprio, sendo independente do regime de acesso.

2 — O requerimento do regime de estudante a tempo parcial é válido para o ano letivo para o qual é requerido.

Artigo 223.º

Limites à realização de exames

Os limites quantitativos para a realização de exames em épocas em que existam restrições, são iguais a 2/3 dos definidos para o estudante em regime de tempo integral, arredondados à unidade seguinte.

SUBSECÇÃO V

Estatuto de Estudante Dirigente Associativo

Artigo 224.º

Definição

1 — Considera-se estudante dirigente associativo do IPS todo o estudante membro dos Órgãos Sociais da AAIPS, gozando dos direitos e deveres previstos na presente subsecção.

2 — Gozam, igualmente, dos direitos previstos na presente subsecção, com exceção da alínea c) do artigo 226.º:

- a) Estudantes com assento em Órgãos de Gestão do IPS ou de qualquer uma das suas Unidades Orgânicas;
- b) Um estudante por cada Núcleo da AAIPS.

3 — A presente subsecção tem em conta o estipulado na Lei n.º 23/2006, de 23 de junho.

Artigo 225.º

Atribuição do estatuto

1 — O exercício dos direitos referidos na presente subsecção depende da prévia apresentação, na DA, de certidão da ata de tomada de posse ou cópia do respetivo termo, no prazo máximo de trinta dias úteis após a mesma e/ou das alterações que decorram durante o mandato.

2 — A não apresentação do documento referido no número anterior tem como consequência a não aplicação do presente Estatuto.

3 — Caso ocorram alterações na composição dos órgãos durante o mandato, compete à Direção dos mesmos apresentar, na DA, comunicação escrita das respetivas alterações.

Artigo 226.º

Direitos

1 — Os estudantes abrangidos pela presente subsecção gozam dos seguintes direitos:

- a) Relevação de faltas às aulas motivadas pela comparência em reuniões/atividades dos órgãos a que pertençam, no caso de coincidirem com o horário letivo, ou ainda motivadas pela comparência em atos de manifesto interesse associativo;
- b) Requerer exames na época especial, nos limites estabelecidos para esta época de exames, de acordo com o n.º 4 do artigo 10.º do Livro I do presente documento;
- c) Requerer até oito exames em cada ano letivo, para além dos exames nas épocas normais e especiais, com o limite máximo de dois por UC;
- d) Adiar a apresentação de trabalhos e relatórios escritos, até um máximo de 15 (quinze) dias úteis da data fixada;
- e) Realizar, em data a combinar com o docente, os testes escritos a que não tenham podido comparecer devido à participação em reuniões/atividades dos órgãos a que pertençam ou ainda motivadas pela comparência em atos de manifesto interesse associativo.

2 — As novas datas estabelecidas com o docente, referidas nas alíneas d) e e) do número anterior, não podem, em caso algum, implicar atrasos no preenchimento dos livros de termos.

Artigo 227.º

Faltas

1 — A relevação de faltas a que se refere a alínea a) do artigo 226.º depende da apresentação, ao docente respetivo, de documento comprovativo da comparência do estudante nas atividades referidas.

2 — O documento referido no número anterior deve ser certificado pela AAIPS ou pelos Órgãos de Gestão do IPS, quando aplicável.

Artigo 228.º

Exames

O direito consagrado na alínea c) do artigo 226.º é exercido nos seguintes termos:

- a) Só pode ser requerida a inscrição em exames de UC em que o estudante já se tenha submetido a avaliações globais;
- b) O exame deve ser requerido pelo estudante, na DA, nos primeiros 5 (cinco) dias úteis do mês anterior ao da sua realização, que confirmará, junto da AAIPS, da situação do estudante;
- c) Concretizada a inscrição, o estudante dirigente associativo deverá entrar em contacto com o RUC, a fim de ser marcada a data do exame no período fixado.

Artigo 229.º

Avaliação contínua

1 — Nos termos das alíneas d) e e) do artigo 226.º, os estudantes dirigentes associativos têm direito ao adiamento de apresentações ou realização de trabalhos, relatórios, testes e outros elementos de avaliação contínua, em virtude do exercício de atividades inadiáveis, desde que os respetivos pedidos sejam apresentados, por escrito, com a antecedência de cinco dias da data limite de apresentação/realização não podendo, em caso algum, implicar atrasos no preenchimento dos livros de termos.

2 — Na UC em que a assiduidade seja parâmetro de avaliação contínua, o estudante dirigente associativo com as faltas justificadas não pode ser prejudicado.

Artigo 230.º

Duração dos direitos

1 — Os estudantes podem continuar a usufruir dos direitos emergentes do estatuto de estudante dirigente associativo após o término do seu mandato, mediante entrega de requerimento, na DA, e antes do termo do mesmo.

2 — A duração do direito previsto no número anterior tem um período máximo de doze meses subsequentes ao fim do mandato, nunca podendo ser superior ao período de tempo em que foi, efetivamente, exercido o mesmo.

Artigo 231.º

Cessação de direitos

Os estudantes com estatuto de estudante dirigente associativo que cessem ou suspendam, por qualquer motivo, o exercício do seu mandato, perdem os direitos previstos no presente capítulo, sem prejuízo do disposto no artigo anterior.

SUBSECÇÃO VI

Estatuto de Estudante Dirigente Associativo Jovem

Artigo 232.º

Definição

1 — Considera-se estudante dirigente associativo jovem os membros dos órgãos sociais das associações de jovens sediadas no território nacional e inscritas no Registo Nacional do Associativismo Jovem (RNAJ).

2 — A presente subsecção tem em conta o estipulado na Lei n.º 23/2006, de 23 de junho.

Artigo 233.º

Atribuição do estatuto

- 1 — Beneficiam do estatuto de estudante dirigente associativo jovem:
 - a) 5 dirigentes nas associações juvenis com 250 ou menos associados jovens;
 - b) 7 dirigentes nas associações juvenis com 251 a 1000 associados jovens;
 - c) 11 dirigentes nas associações juvenis com 1001 a 5000 associados jovens;
 - d) 15 dirigentes nas associações juvenis com 5001 a 10 000 associados jovens;
 - e) 20 dirigentes nas associações juvenis com mais de 10 000 associados jovens.

2 — O exercício dos direitos referidos na presente subsecção depende da comunicação, pela direção da associação, do número de associados jovens bem como dos dirigentes que gozam do respetivo estatuto.

3 — A não apresentação do documento referido no número anterior tem como consequência a não aplicação do presente Estatuto.

Artigo 234.º

Direitos

1 — Os estudantes abrangidos pelo presente capítulo gozam dos seguintes direitos:

- a) Relevação de faltas às aulas motivadas pela comparência em reuniões/atividades dos órgãos a que pertençam, no caso de coincidirem com o horário letivo, ou ainda motivadas pela comparência em atos de manifesto interesse associativo;
- b) Adiar a apresentação de trabalhos e relatórios escritos, até um máximo de 15 (quinze) dias úteis da data fixada;
- c) Realizar, em data a combinar com o docente, os testes escritos a que não tenham podido comparecer devido à participação em reuniões/atividades dos órgãos a que pertençam ou ainda motivadas pela comparência em atos de manifesto interesse associativo.

2 — As novas datas estabelecidas com o docente, referidas nas alíneas b) e c) do número anterior, não podem, em caso algum, implicar atrasos no preenchimento dos livros de termos.

3 — O detentor do estatuto de estudante dirigente associativo jovem pode inscrever-se, para avaliação em época especial em exames de UC em que esteja inscrito, num número total igual aos permitidos para os estudantes finalistas.

Artigo 235.º

Faltas

1 — A relevação de faltas a que se refere a alínea a) do artigo 234.º depende da apresentação, ao docente respetivo, de documento comprovativo da comparência do estudante nas atividades referidas.

2 — O documento referido no número anterior deve ser certificado pela direção da associação de que fazem parte.

Artigo 236.º

Avaliação contínua

1 — Nos termos das alíneas b) e c) do artigo 234.º, os estudantes dirigentes associativos jovens têm direito ao adiamento de apresentações ou realização de trabalhos, relatórios, testes e outros elementos de avaliação contínua, em virtude do exercício de atividades inadiáveis, desde que os respetivos pedidos sejam apresentados, por escrito, com a antecedência de cinco dias da data limite de apresentação/realização não podendo, em caso algum, implicar atrasos no preenchimento dos livros de termos.

2 — Na UC em que a avaliação final inclua outros elementos de avaliação para além do exame, o estudante dirigente associativo jovem deverá solicitar ao RUC o enunciado ou os meios necessários para a sua realização.

3 — Na UC em que a assiduidade seja parâmetro de avaliação contínua, o estudante dirigente associativo jovem com as faltas justificadas não pode ser prejudicado.

Artigo 237.º

Cessação de direitos

Os dirigentes associativos que cessem ou suspendam, por qualquer motivo, o exercício da sua atividade perdem os direitos previstos no presente estatuto.

SUBSECÇÃO VII

Estatuto de Estudante Praticante Desportivo de Alto Rendimento

Artigo 238.º

Âmbito e conceito

A presente subsecção é aplicável aos estudantes do IPS que, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 272/2009, de 1 de outubro, constem do registo de praticantes desportivos de alto rendimento, organizado pelo Instituto de Desporto de Portugal, I. P., sob proposta da respetiva federação desportiva e de acordo com os respetivos critérios técnicos definidos em Portaria do Membro do Governo que tutela a área do Desporto.

Artigo 239.º

Atribuição do estatuto

1 — De acordo com o n.º 1 do artigo 13.º do Decreto-Lei n.º 272/2009, de 1 de outubro, cabe ao Instituto do Desporto de Portugal, I. P., comunicar ao IPS, no início de cada ano letivo, a integração de estudantes seus no regime de alto rendimento.

2 — De acordo com o n.º 2 do artigo suprarreferido, o Instituto do Desporto, I. P., deve comunicar às federações desportivas as informações que lhes forem transmitidas pelo IPS, em cada ano letivo, relativas ao regime e ao aproveitamento escolar.

Artigo 240.º

Direitos

1 — O estudante atleta de alto rendimento tem direito a:

a) Que lhe seja facultado um horário escolar e o regime de frequência que melhor se adaptem à sua preparação desportiva, podendo ser-lhe permitido frequentar aulas de turmas diferentes;

b) Que as faltas dadas durante o período de preparação e participação em competições desportivas sejam consideradas justificadas, mediante declaração comprovativa emitida pelo Instituto do Desporto de Portugal, I. P., entregue ao RUC no prazo de 5 (cinco) dias úteis após o respetivo período;

c) Que as provas de avaliação contínua sejam fixadas, por acordo com o docente da UC, em data que não colida com o período de participação nas respetivas competições desportivas, podendo este direito ser alargado ao período de preparação anterior à competição, sob proposta da respetiva federação desportiva, acompanhada de cópia da calendarização oficial da federação relativa ao período de competição;

d) Que lhe seja designado um professor acompanhante para seguir a evolução e aproveitamento escolar, detetar eventuais dificuldades e propor medidas para a sua resolução;

e) Que lhe sejam facultadas aulas de compensação, por indicação do professor acompanhante, sempre que este entenda necessário e efetue proposta nesse sentido;

f) Requerer a realização de exames finais na época especial, nos limites estabelecidos para esta época de exames, de acordo com o n.º 4 do artigo 10.º do Livro II do presente regulamento, sempre que, comprovadamente, não tenha podido comparecer aos mesmos na época normal ou de recurso por motivo de participação em competições desportivas no dia do exame, podendo esse direito ser alargado ao período de participação do estudante na fase de preparação para a competição, desde que a necessidade da sua presença seja atestada pelo Instituto do Desporto de Portugal, I. P., em declaração entregue na DA até 10 (dez) dias úteis antes da época especial.

2 — O professor acompanhante deve elaborar, no final de cada ano letivo, um relatório sobre o aproveitamento escolar do estudante, que deve ser enviado ao Instituto do Desporto de Portugal, I. P.

Artigo 241.º

Aproveitamento escolar

O Estatuto de Atleta de Alto Rendimento é indeferido quando se verifique falta de aproveitamento em dois anos consecutivos ou três interpolados.

SUBSECÇÃO VIII

Estatuto de Estudante Atleta IPS

Artigo 242.º

Âmbito e conceito

A presente subsecção define o estatuto de estudante atleta do IPS, especificando os direitos e deveres dos estudantes praticantes de uma modalidade desportiva reconhecida pela AAIPS e pelos SAS/IPS e que participem, nos termos definidos, em competições de representação institucional.

Artigo 243.º

Elegibilidade

Para efeitos de aplicação do presente regulamento, considera-se estudante atleta do IPS todo o estudante que, cumulativamente, satisfaça as seguintes condições:

a) Esteja presente em pelo menos 75 % dos treinos, nas modalidades coletivas;

b) Seja indicado pela AAIPS, como atleta praticante de modalidade individual;

c) Seja convocado pela AAIPS para competições de representação institucional;

d) Cumpra, integralmente, os deveres que lhes estão cometidos pelo artigo 246.º do presente regulamento.

Artigo 244.º

Treinos

1 — Para efeitos de aplicação do presente regulamento, os treinos terão de satisfazer as seguintes condições:

a) Serem realizados nas instalações disponibilizadas pelo IPS, no respetivo Clube Desportivo ou em local próprio à modalidade em questão e sobre a responsabilidade da AAIPS;

b) Terem caráter regular e com periodicidade semanal durante o ciclo de competições.

2 — O controlo de assiduidade a treinos e competições, bem como a respetiva comprovação formal é da responsabilidade da AAIPS, sendo coadjuvada nos treinos realizados no Clube Desportivo IPS pelo pessoal afeto ao local, a quem compete o controlo de acesso às instalações desportivas.

Artigo 245.º

Direitos do Estudante Atleta do IPS

São direitos do estudante atleta do IPS:

a) A justificação de faltas às aulas motivadas pela comparência aos treinos e ou competições nas modalidades em que represente o IPS em competições de representação institucional;

b) A manutenção do estatuto de Estudante Atleta do IPS quando cesse a sua atividade desportiva devido a lesão duradoura devidamente comprovada por entidade médica, com exceção do que se define na alínea a) do presente artigo;

c) Pode inscrever-se, para avaliação em época especial em exames de UC em que esteja inscrito, num número total igual aos permitidos para os estudantes finalistas;

d) O acesso a sessões de apoio pedagógico que sejam consideradas imprescindíveis pelo CP da escola, em articulação com o Diretor e os Coordenadores/Diretores de Curso.

Artigo 246.º

Deveres do Estudante Atleta IPS

São deveres do estudante atleta do IPS:

a) Desenvolver a prática desportiva de forma exemplar, na total observância das regras desportivas e éticas de cada modalidade e dentro dos princípios do fair play;

b) Defender e respeitar o bom nome do IPS e da AAIPS;

c) Não faltar, sem justificação prévia, aos treinos agendados;

d) Não faltar às competições para as quais foi convocado;

e) Ter obtido, no ano letivo anterior, aproveitamento a pelo menos 50 % dos ECTS a que se encontrava inscrito, ou aproveitamento igual à taxa média de aprovação na escola onde se encontrava inscrito e matriculado, quando esse valor for inferior a 50 %;

f) Estar inscrito no Clube Desportivo IPS e respeitar o regulamento interno em vigor.

Artigo 247.º

Duração dos benefícios

O estudante atleta do IPS goza de todos os benefícios previstos no presente estatuto apenas no ano letivo de competição.

Artigo 248.º

Deveres da Direção da AAIPS

1 — A Direção da AAIPS comunica à DA a informação relativa à atribuição do estatuto de estudante atleta do IPS, indicando, para esse efeito, o nome, número, curso e escola dos beneficiários.

2 — Remete ainda a Direção da AAIPS todas as atualizações que resultem da aplicação do presente regulamento.

SUBSECÇÃO IX
Estatuto de Estudante Militar

Artigo 249.º

Âmbito

1 — A presente subsecção é aplicável aos estudantes do IPS a prestarem serviço militar efetivo, no regime de contrato ou de voluntariado nas Forças Armadas, nos termos definidos no Decreto-Lei n.º 320-A/2000, de 15 de dezembro, na redação dada pelo Decreto-Lei n.º 320/2007, de 27 de setembro.

2 — O estudante militar é abrangido pelo regime previsto no presente capítulo:

- a) Durante o período em que se encontra a prestar serviço militar;
- b) Após a cessação do serviço militar, nos termos aplicáveis aos trabalhadores-estudantes colocados em situação de desemprego involuntário.

Artigo 250.º

Atribuição do estatuto

1 — O estatuto de estudante militar é requerido anualmente até ao final do mês de novembro ou até 30 (trinta) dias após a matrícula/inscrição, desde que não seja ultrapassado o dia 31 de dezembro, sendo válido para todo o ano letivo.

2 — Caso a incorporação seja posterior à matrícula/inscrição, o estudante pode requerer o estatuto de estudante militar nos 30 (trinta) dias contados da data de incorporação, sendo válido para o restante ano letivo.

3 — A prorrogação do regime durante o período de disponibilidade, previsto na alínea b) do n.º 2 do artigo anterior, deverá ser requerida no prazo de 30 (trinta) dias, contados da data da sua efetivação.

4 — Os requerimentos previstos nos números anteriores são entregues na DA, acompanhados da seguinte documentação:

- a) Nos casos previstos nos n.ºs 1 e 2 do presente artigo, declaração emitida pelo superior hierárquico competente, de que deve constar, obrigatoriamente, a identificação do mesmo, o nome completo do interessado, a data de incorporação, o regime de prestação de serviço militar e o número de beneficiário de regime de proteção social;
- b) No caso previsto no n.º 3 do presente artigo, declaração comprovativa da passagem à disponibilidade.

Artigo 251.º

Direitos

1 — O detentor do estatuto de estudante militar não está sujeito:

- a) À inscrição num número mínimo de UC do curso;
- b) A quaisquer disposições que façam depender o aproveitamento escolar de frequência de um número mínimo de aulas por UC;
- c) À limitação de um número de exames a realizar em época de recurso.

2 — O disposto na alínea b) do número anterior não é aplicável a UC do tipo dissertação/estágio/projeto nem a UC realizadas em contexto de prática.

3 — O detentor do estatuto de estudante militar pode inscrever-se, para avaliação em época especial em exames de UC em que esteja inscrito, num número total igual aos permitidos para os estudantes finalistas.

4 — As escolas que ministram cursos em horário pós-laboral asseguram que os exames e as provas de avaliação, bem como um serviço mínimo de apoio ao detentor do estatuto de estudante militar decorrem, sempre que possível, no mesmo horário.

5 — O detentor do estatuto de estudante militar tem direito a sessões de apoio pedagógico que sejam consideradas imprescindíveis pelo CP da escola, em articulação com o Diretor e os Coordenadores/Diretores de Curso.

6 — Os direitos previstos nos números anteriores não são cumuláveis com quaisquer outros regimes que visem os mesmos fins.

7 — Os direitos previstos nos números anteriores não são extensíveis a UC que não integrem o plano de estudos do curso em que o estudante se encontra inscrito.

SUBSECÇÃO X
Estatuto de Estudante Bombeiro

Artigo 252.º

Âmbito

A presente subsecção é aplicável aos estudantes do IPS que sejam bombeiros dos corpos profissionais, mistos ou voluntários, nos termos do Decreto-Lei n.º 241/2007, de 21 de junho.

Artigo 253.º

Atribuição do estatuto

1 — O estatuto de estudante bombeiro é requerido anualmente até ao final do mês de novembro ou até 30 (trinta) dias após a matrícula/inscrição, desde que não seja ultrapassado o dia 31 de dezembro, sendo válido para todo o ano letivo.

2 — Caso o início da atividade seja posterior à matrícula/inscrição, o estudante pode requerer o estatuto de estudante bombeiro nos 30 (trinta) dias contados da data de início da atividade, sendo válido para o restante ano letivo.

3 — Os requerimentos previstos nos números anteriores são entregues na DA, acompanhados da declaração comprovativa, emitida pelo comandante do corpo de bombeiros, nela constando obrigatoriamente a identificação do interessado e a data de início da atividade.

Artigo 254.º

Direitos

Os estudantes abrangidos pela presente subsecção gozam dos seguintes direitos:

- a) Relevação de faltas às aulas motivadas pelo desempenho da atividade de bombeiro, no caso de coincidirem com o horário letivo;
- b) Requerer exames na época especial, nos limites estabelecidos para esta época de exames, de acordo com o artigo n.º 4 do 10.º do Livro II do presente documento;
- c) Requerer até cinco exames em cada ano letivo, para além dos exames nas épocas normais e especiais, com o limite máximo de dois por UC;
- d) Adiar a apresentação de trabalhos e relatórios escritos, até um máximo de 15 (quinze) dias úteis da data fixada, não podendo, em caso algum, implicar atrasos no preenchimento dos livros de termos;
- e) Realizar, em data a combinar com o docente, os testes escritos a que não tenham podido comparecer por motivo do cumprimento de atividades operacionais.

Artigo 255.º

Exames

O direito consagrado na alínea c) do artigo anterior é exercido nos seguintes termos:

- a) Só pode ser requerida a inscrição em exames de UC em que o estudante se encontre inscrito em 2.ª ou mais inscrições;
- b) O exame deve ser requerido pelo estudante, na DA, nos primeiros cinco dias úteis do mês anterior ao da sua realização;
- c) Os exames realizam-se nos meses de novembro a janeiro e março a maio;
- d) Após inscrito, o estudante bombeiro deverá entrar em contacto com o docente responsável da UC, a fim de ser marcada a data do exame no período fixado.

SUBSECÇÃO XI

Estatuto de Estudante que professe confissão religiosa
que santifica dia diverso de domingo

Artigo 256.º

Âmbito

A presente subsecção é aplicável aos estudantes que professem confissão religiosa que santifica dia diverso de domingo, nos termos da Portaria n.º 947/87, de 18 de dezembro.

Artigo 257.º

Atribuição do estatuto

1 — O estatuto é requerido anualmente até ao final do mês de novembro ou até 30 (trinta) dias após a matrícula/inscrição, desde que

não seja ultrapassado o dia 31 de dezembro, sendo válido para todo o ano letivo.

2 — Caso a matrícula/inscrição ocorra após o dia 31 de dezembro e o estudante requeira o estatuto, o mesmo ser-lhe-á atribuído apenas para o segundo semestre.

3 — O estudante deve apresentar requerimento na DA, acompanhado de declaração subscrita por entidade responsável da confissão religiosa reconhecida, na qual se declare que o estudante professa essa confissão.

Artigo 258.º

Direitos

1 — O estudante com o presente estatuto goza dos seguintes direitos:

- a) Dispensa da frequência das aulas realizadas em dia santificado diverso de domingo;
- b) Realizar, em data a combinar com o docente, momentos de avaliação a que não tenham podido comparecer por terem sido realizados em dia santificado diverso de domingo;
- c) Realização de exame de época especial às UC cujos exames de época normal ou de recurso ocorram em dia santificado diverso de domingo.

2 — Compete ao estudante informar o RUC, caso ocorram as situações previstas nas alíneas b) e c) do número anterior, para garantir, em articulação com o CP, que as avaliações não ocorram em dia santificado diverso de domingo.

SUBSECÇÃO XII

Estatuto de Estudante com Necessidades Educativas Especiais

Artigo 259.º

Âmbito

1 — A presente subsecção é aplicável aos estudantes do IPS que apresentem dificuldades no processo de aprendizagem e participação no contexto académico resultantes de deficiência física ou sensorial permanente, nomeadamente nos seguintes domínios:

- a) Audição — surdez moderada, severa ou profunda;
- b) Visão — cegueira ou baixa visão;
- c) Comunicação — linguagem oral, escrita e funções da fala;
- d) Motor — dificuldades motoras;
- e) Doenças mentais.

2 — Aplica-se igualmente aos portadores de doenças crónicas, nomeadamente, epilepsia, diabetes, fibromialgia, Asperger, entre outras.

Artigo 260.º

Atribuição do estatuto

1 — O estatuto de estudante com necessidades educativas especiais é requerido até ao final do mês de novembro ou até 30 (trinta) dias após a matrícula, desde que não seja ultrapassado o dia 31 de dezembro, exceto se a deficiência se manifestar posteriormente ou resultar de ocorrência posterior.

2 — O requerimento deve ser acompanhado de relatório(s) ou parecer(es) comprovativo(s), emitidos por especialistas da área da incapacidade invocada.

3 — O(s) relatório(s) ou parecer(es) deve(m) explicitar o tipo de incapacidade e a sua gravidade, em função do trabalho a desenvolver pelo estudante durante o seu percurso académico no IPS, nomeadamente:

- a) No caso de incapacidade na área da audição, avaliação das capacidades auditivas de cada ouvido;
- b) No caso da incapacidade na área da visão, a avaliação da acuidade e campo visual em cada olho;
- c) No caso da incapacidade na área da comunicação, um relatório que venha referido o tipo e grau de comprometimento ao nível da linguagem;
- d) No caso de incapacidade motora, informação sobre os membros afetados e o grau de incapacidade;
- e) No caso de doença crónica, informação sobre as suas implicações funcionais;
- f) No caso de doença mental, informação sobre o tipo de patologia, bem como o grau de comprometimento ao nível cognitivo, emocional, social e em relação à normal adaptação ao contexto envolvente.

4 — Sempre que se revele necessário à avaliação, podem ser solicitados documentos adicionais.

5 — O requerimento, entregue na DA, será encaminhado para o Diretor da escola que o estudante pretende frequentar.

6 — A decisão final sobre o requerimento deve ser tomada num prazo máximo de 20 (vinte) dias contados da apresentação do requerimento.

Artigo 261.º

Comissão de análise do processo

1 — Compete ao Diretor da escola nomear uma Comissão de Análise constituída por:

- a) Diretor da escola, que preside;
- b) Presidente do CTC da escola;
- c) Presidente do CP da escola;
- d) Coordenador/Diretor de Curso.

2 — O Diretor da escola nomeará, ainda, um docente com conhecimentos ou competências técnicas na área da incapacidade invocada, caso exista.

Artigo 262.º

Competências da Comissão de Análise

1 — Compete à Comissão de Análise, nos termos do presente capítulo:

- a) Fixar as prerrogativas a conceder, em função das especificidades apresentadas pelo requerente do estatuto de estudante com necessidades educativas especiais;
- b) Determinar as adaptações dos espaços e dos horários que seja necessário proceder;
- c) Propor as adaptações nas metodologias de avaliação que se justifiquem e se mostrem adequadas;
- d) Divulgar, junto dos órgãos da escola e do Coordenador/Diretor de Curso, os cuidados a adotar, em caso de ocorrência de um episódio aos detentores de doença crónica.

2 — A Comissão de Análise propõe fundamentadamente e por escrito, remetendo ao Presidente do IPS, para homologação.

3 — Após aprovação do Presidente, o estudante será informado pela DA, será atualizada a sua ficha no SI e a cópia do despacho será arquivado no seu processo individual de estudante.

4 — Sempre que se mostre conveniente para uma melhor análise do processo, a Comissão poderá convocar o estudante para uma entrevista. Se o estudante revelar dificuldades de comunicação, poderá fazer-se acompanhar de intérprete.

Artigo 263.º

Recurso

Da decisão da Comissão de Análise cabe recurso para o Presidente do IPS.

Artigo 264.º

Regime de frequência

Para efeitos de frequência, é aplicável aos estudantes com necessidades educativas especiais o estatuto de trabalhador-estudante, no que se refere a relevação de faltas para eventuais consultas médicas, fisioterapia ou por outra causa que resulte na impossibilidade de comparecer às aulas, desde que devidamente comprovadas.

Artigo 265.º

Adaptações de espaços

1 — A pedido do interessado ou se a Comissão de Análise assim considerar conveniente, poderão ser fixados nas salas de aula lugares cativos para o estudante deficiente.

2 — Na elaboração de horários, a Comissão pode determinar que sejam atribuídas salas de aulas específicas às turmas que incluam o estudante, garantindo-lhe a fácil acessibilidade.

3 — A Comissão de Análise pode determinar que se proceda ao estudo e, se possível, à concretização das adaptações do mobiliário ou equipamentos que se justifiquem.

Artigo 266.º

Gravação de aulas

1 — Atendendo à natureza e grau da deficiência do estudante, a Comissão de Análise pode determinar que seja concedida ao estudante a possibilidade de efetuar gravações das aulas, com a condição das gravações poderem ser utilizadas apenas pelo próprio, exclusivamente para fins escolares.

2 — O docente não pode recusar a gravação das aulas determinada pela Comissão a menos que se comprometa a fornecer ao estudante, até ao final da aula, o conteúdo pormenorizado da mesma, nos termos fixados pela Comissão.

Artigo 267.º

Regime de avaliação

1 — A Comissão de Análise fixará as adaptações a fazer nas formas e métodos de avaliação das UC, de acordo com a natureza e grau de deficiência.

2 — As provas escritas, no caso de estudante com deficiência motora, incapacidade para escrever e/ou visual, podem ser substituídas por provas orais, ou outras formas de registo.

3 — No caso de estudante com deficiência auditiva, a prova oral pode ser substituída por uma prova escrita.

4 — Na realização das provas escritas, a Comissão de Análise pronunciar-se-á, designadamente, sobre:

- a) Período adicional de tempo para a realização da prova;
- b) Utilização de elementos de consulta autorizados;
- c) Forma de apresentação dos enunciados, adequada ao tipo de deficiência do estudante (enunciado ampliado, registo áudio) e tipo de respostas que poderão ser dadas de forma não convencional (registo áudio, ditado, recurso a computador/computador adaptado);
- d) Possibilidade de realização da prova por fases, nos casos em que a natureza e grau da deficiência inviabilizarem um esforço continuado, ou se este potenciar a ocorrência de erros.

5 — Os prazos de entrega de trabalhos práticos escritos poderão ser alargados, em termos definidos pela Comissão de Análise, não podendo, em caso algum, implicar atrasos no preenchimento dos livros de termos.

6 — No caso de estudante cuja deficiência ou doença requeira sucessivos internamentos hospitalares, ausências prolongadas para tratamento/medicação, sempre que estes se verifiquem em momentos de avaliação contínua e desde que devidamente comprovados, deverão os docentes dar a possibilidade ao estudante de realizar as provas em datas alternativas, a combinar entre ambos, a ocorrer durante o semestre letivo ou nos exames de época normal ou de recurso.

Artigo 268.º

Acesso a época especial de exames

Atendendo à natureza e grau de deficiência, a Comissão de Análise poderá permitir a inscrição do estudante em exames de época especial, até ao limite estabelecido para esta época de exames, de acordo com o n.º 4 do artigo 10.º do Livro II do presente documento.

Artigo 269.º

Apoio documental e bibliográfico

1 — No início do período letivo, o estudante e os docentes poderão acordar entre si um número de obras que possam ser adaptadas em formatos alternativos.

2 — Os prazos de empréstimo para leitura domiciliária praticados pelas Bibliotecas do IPS poderão ser alargados para o estudante com necessidades educativas especiais.

Artigo 270.º

Outros apoios

A escola promoverá, de acordo com os seus meios e com a brevidade possível, à aquisição/adaptação de instrumentos necessários para boa concretização do processo de ensino e aprendizagem.

CAPÍTULO IX

Disposições finais

Artigo 271.º

Dúvidas de interpretação e casos omissos

As dúvidas de interpretação e os casos omissos serão resolvidos por Despacho do Presidente do IPS.

Artigo 272.º

Norma revogatória

1 — Com a publicação do presente regulamento são revogados os seguintes regulamentos: regulamento do regime prescrições do IPS, regulamento de frequência de unidades curriculares isoladas; regulamento dos concursos especiais; regulamento dos regimes de mudança de curso, transferência e reingresso, regulamento das provas especialmente adequadas destinadas a avaliar a capacidade para a frequência dos cursos superiores do IPS dos maiores de 23 anos, regulamento de acesso e ingresso nos cursos técnicos superiores profissionais do IPS, regulamento da prova de avaliação de capacidade e da prova de acesso aos cursos técnicos superiores profissionais do IPS, regulamento do processo de reconhecimento e validação de competências do IPS, regulamento de creditação de unidades curriculares do IPS; regulamento do estatuto do estudante IPS, regulamento estatuto do trabalhador-estudante do IPS, regulamento do estatuto de estudante em regime de tempo parcial do IPS, regulamento do estudante atleta IPS, regulamento da mobilidade IPS, regulamento de aplicação do sistema de créditos curriculares, regulamento do reconhecimento académico do estudante em mobilidade, regulamento do estudante internacional.

2 — O presente regulamento revoga o regulamento aprovado pelo Despacho n.º 91/SPR/2011, de 27 de julho, do Presidente do IPS.

Artigo 273.º

Revisão do regulamento

O presente regulamento será revisto sempre que as alterações legislativas o imponham ou quando tal for solicitado pelo Órgão competente de cada escola.

Artigo 274.º

Entrada em vigor

O presente regulamento entra em vigor no dia útil seguinte à sua publicação no *Diário da República*.

310598043

**PARTE H****MUNICÍPIO DE ALMADA****Aviso (extrato) n.º 10243/2017**

Para os devidos efeitos, após homologação que proferi em 02-08-2017, torna-se público que se encontra disponível em <http://www.m-almada.pt> e afixada no Departamento de Recursos Humanos, sito na Rua Pedro Nunes n.º 40 H em Almada, a lista unitária de ordenação final dos candidatos

admitidos ao Procedimento Concursual Comum, cujo aviso de abertura foi publicado na 2.ª série do *Diário da República* n.º 22, de 31-01-2017, para ocupação, em regime de contrato de trabalho em funções públicas por Tempo Indeterminado, de 2 postos de trabalho na carreira/categoria de Assistente Operacional (Serviços Gerais).

17-08-2017. — O Vereador dos Serviços Municipais de Recursos Humanos e Intervenção Social, *Lic. José Manuel Raposo Gonçalves*.
310725934